

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

Renée Louise Gisele da Silva Maia

TEMOS TODO O TEMPO DO MUNDO?:
um estudo sobre possibilidades contemporâneas de espera e criação a partir dos
casos do Projeto “Viajo, logo existo” e “Eduardo e Mônica”

RIO DE JANEIRO

2018

RENÉE LOUISE GISELE DA SILVA MAIA

TEMOS TODO O TEMPO DO MUNDO?:

um estudo sobre possibilidades contemporâneas de espera e criação a partir dos casos do Projeto “Viajo, logo existo” e “Eduardo e Mônica”

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito à obtenção do título de Doutor(a) em Memória Social

Linha de pesquisa: Memória e Espaço

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Edlaine Campos Gomes

RIO DE JANEIRO

2018

MM217 Maia, Renée Louise Gisele da Silva
TEMOS TODO O TEMPO DO MUNDO?: um estudo sobre possibilidades contemporâneas de espera e criação a partir dos casos do Projeto Viajo, logo existo e Eduardo e Mônica / Renée Louise Gisele da Silva Maia. -- Rio de Janeiro, 2018.
186

Orientador: Edlaine Campos Gomes.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória Social, 2018.

1. tempo. 2. memória. 3. espera. 4. aceleração. 5. criação. I. Gomes, Edlaine Campos, orient. II. Título.

TEMOS TODO O TEMPO DO MUNDO?: um estudo sobre possibilidades contemporâneas de espera e criação a partir dos casos do Projeto “Viajo, logo existo” e “Eduardo e Mônica”

Renée Louise Gisele da Silva Maia

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito à obtenção do título de Doutor(a) em Memória Social

Aprovada em: 11/06/2018

Banca

Prof^a. Dr^a. Edlaine de Campos Gomes

(Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro /UNIRIO - Orientadora)

Prof. Dr. Ricardo Salztrager

(Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro /UNIRIO)

Prof^a. Dr^a. Maria Amália S. A. de Oliveira

(Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro /UNIRIO)

Prof^a. Dr^a. Rachel Aisengart Menezes

(Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro /UFRJ)

Prof^a. Dr^a. Karla Estelita Godoy

(Programa de Pós-Graduação em Turismo – Universidade Federal Fluminense/UFF)

RESUMO

Em um cenário contemporâneo marcado por condições como aceleração e produtivismo, a promoção de demandas por respostas cada vez mais imediatistas cerceia possibilidades individuais de espera e meditação. Tal processo de compressão da hesitação impulsiona simultaneamente uma série de mal-estares e de contra respostas corporificados em diversos suportes. Inseridos neste contexto, movimentos em prol de uma filosofia *slow* almejam múltiplas reconfigurações fundamentadas na revisão da relação entre sujeito e tempo. Partindo deste panorama, esta investigação enfocou os casos do projeto “Viajo, logo existo” e de “Eduardo e Mônica”, buscando compreender se estas iniciativas de viagem simbolizariam estratégias de tentativa descompressão de possibilidades de espera, memória e criação. Para tal, propôs a fundamentação de um arcabouço teórico transdisciplinar e a adoção de uma abordagem etnográfica, balizada pela combinação de uma observação participante nos blogs destas iniciativas e de entrevistas semiestruturadas com os casais viajantes. Como resultados, observa que tais casos inserem-se em panoramas onde a mobilidade é valorizada como um elemento de distinção e a felicidade alçada ao posto de uma obrigatoriedade imediata. Por fim, com respeito tanto aos sentidos atribuídos a estas viagens quanto às experiências subjetivo-temporais destes viajantes, conclui que tais casos assumem em suas conduções e trajetórias caminhos que ora tocam-se, ora distanciando-se, diferenciando-se justamente mediante a presença – ou não – da hesitação.

Palavras-chave: Viagem; Tempo; Memória; Experiência; Duração.

ABSTRACT

In a contemporary scenario marked by conditions such as acceleration and productivism, the promotion of demands for increasingly immediate answers curtails individual possibilities of waiting and meditation. Such a process of compression of hesitation simultaneously propels a series of malaise and counter-responses embodied in various supports. Inserted in this context, movements in favor of a slow philosophy seek multiple reconfigurations based on the review of the relation between subject and time. Starting from this panorama, this investigation focused on the cases of the project "I travel, therefore I am" and "Eduardo and Monica", trying to understand if these travel initiatives would symbolize strategies of attempting decompression of possibilities of waiting, memory and creation. To this end, he proposed the foundation of a transdisciplinary theoretical framework and the adoption of an ethnographic approach, based on the combination of participant observation in the blogs of these initiatives and semi-structured interviews with traveling couples. As results, it observes that such cases are inserted in panoramas where the mobility is valued like an element of distinction and the happiness elevated to the position of an immediate obligation. Finally, with respect to the meanings attributed to these journeys as well as to the subjective-temporal experiences of these travelers, he concludes that such cases assume in their conceptions and trajectories paths that now touch each other, sometimes distancing themselves, differentiating precisely by the presence - or not - of hesitation.

Keywords: Travel, Time, Memory, Experience, Duration.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, por ter me possibilitado viver experiências de tanto crescimento e aprendizado. À minha mãe Ruth, pela ajuda diária sem a qual eu não estaria concluindo este trabalho. À minha irmã Renata, e ao meu marido Felipe que tanto me apoiam, compreendendo com carinho minhas árduas jornadas de muita leitura e reflexão. À minha orientadora Prof^a Dr^a Edlaine Campos Gomes, pelo carinho e pela liberdade para filosofar. À minha querida amiga Paula pela parceria de vida – e por salvar minha tese nos 45’ do segundo tempo. Aos queridxs professorxs membros de minha banca – Prof^a. Dr^a. Karla Estelita Godoy, Prof^a. Dr^a. Rachel Aisengart Menezes, Prof^a. Dr^a. Maria Amália S. A. de Oliveira e Prof. Dr. Ricardo Salztrager – pela riquíssima contribuição neste momento tão importante em minha trajetória. À Prof^a Dr^a Jô Gondar por, não só me apresentar à filosofia bergsoniana, mas por me permitir nela “viajar”. À minha analista Roberta Amorelli, pela generosidade e incentivo constantes. À CAPES pelo suporte financeiro de minhas pesquisas de mestrado e doutorado. Ao corpo docente do PPGMS por terem dado voz a uma turismóloga encantada com a memória e com o tempo. E à minha filha Cecília, por me ensinar sobre viver a duração.

Posso ouvir o vento passar
Assistir à onda bater
Mas o estrago que faz
A vida é curta pra ver
Eu pensei
Que quando eu morrer
Vou acordar para o tempo
E para o tempo parar
Um século, um mês
Três vidas e mais
Um passo pra trás
Por que será? Vou pensar

Como pode alguém sonhar
O que é impossível saber?
Não te dizer o que eu penso
Já é pensar em dizer
E isso, eu vi
O vento a leva
Não sei mais
Sinto que é como sonhar
Que o esforço pra lembrar
É a vontade de esquecer
E isso por quê?
Diz mais

Se a gente já não sabe mais
Rir um do outro, meu bem
Então o que resta é chorar e, talvez
Se tem que *durar*
Vem renascido o amor
Bento de lágrimas

Um século, três
Se as vidas atrás
São parte de nós
E como será?

O vento vai dizer
Lento o que virá
E se chover demais
A gente vai saber
Claro de um trovão
Se alguém depois
Sorrir em paz
Só de encontrar

(“*O vento*” – Rodrigo Amarante/Los Hermanos)

Viva a duração.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

1.1. A escolha do tema.....	13
1.2. Construção da problemática.....	15
1.3. Motivações e justificativa.....	22
1.4. Questões de pesquisa.....	25
1.5. Objetivos da pesquisa.....	25
1.6. Localizações paradigmáticas.....	26
1.7. Apresentação dos capítulos da tese.....	27

2. ORAÇÃO AO TEMPO

2.1. Tempo é dinheiro (?): aceleração, produtivismo e modernidade.....	32
2.2. Desafiando a razão: Bergson, tempo e duração.....	44
2.3. Somos indeterminados?: cunhando a noção de compressão da hesitação.....	53

3. MEMÓRIAS POSSÍVEIS

3.1. Pensando tempos e espaços da memória na contemporaneidade.....	67
---	----

4. EMBARCANDO: OBJETOS, METODOLOGIA E CONSIDERAÇÕES INICIAIS

4.1. A vida não para: o movimento slow e a emergência de uma sintomática descompressiva.....	80
4.2. O projeto “Viajo, logo existo”.....	87
4.3. A viagem de Eduardo e Mônica.....	94
4.4. Campo: delimitação, negociação e estratégias.....	100
4.5. Opções metodológicas.....	104

5. UM IMPERATIVO PARA CHAMAR DE MEU	
5.1. Livres, leves e soltos: mobilidade como distinção.....	117
5.2. Viver e ter vergonha de não ser feliz.....	122
6. JORNADAS SENSACIONAIS	
6.1. Viajo, logo existo.....	137
6.2. Eduardo e Mônica.....	148
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	168
8. REFERÊNCIAS.....	176

INTRODUÇÃO

1.1. A escolha do tema

Na ocasião da construção do anteprojeto desta pesquisa, minha ideia era propor uma investigação que combinasse a ampliação de alguns questionamentos surgidos ao longo de meu mestrado - também realizado no Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS/UNIRIO) - e de meus interesses em focar-me na investigação de comportamentos tidos como *alternativos* dentro do fenômeno turístico. Em tempo, estudei em minha dissertação, memórias de interações entre anfitriões e hóspedes em hospedagens comerciais domiciliares de tipo *cama e café*¹ localizadas no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro.

Entendo que tais hospedagens configuram-se como *alternativas* principalmente em virtude de seu caráter de informalidade, já que têm como palco o ambiente – e a dinâmica – domiciliar. Além disso, contrastam com as modalidades convencionais e predominantes de estabelecimentos hoteleiros, e, ainda, pelo público que atraem e atendem. Assim, através das lembranças dos encontros decorrentes nas casas hospedeiras pesquisadas, abordei questões como as articulações entre as regiões de bastidor e fachada (Goffman, 2011) e a possibilidade e as condições da presença da dinâmica da dádiva (Mauss, 2008) na atividade comercial.

Seguindo, portanto, com meus interesses em compreender comportamentos, motivações e funcionamentos que contrariam leituras muitas vezes generalizantes, homogeneizantes e maniqueístas do turismo, elaborei inicialmente uma proposta que visava investigar as práticas e ferramentas de lembrança de viagens de mochileiros brasileiros. Intrigada com a emergência de uma verdadeira cultura de memória (Huysen, 2000), busquei neste projeto preliminar propor uma investigação que relacionasse a emergência de uma obsessão por registros memoriais – largamente observável nas práticas turísticas contemporâneas - com o declínio ou desaparecimento das possibilidades de experiência na modernidade (Benjamin, 1994).

¹ Tal modalidade configura-se pelo oferecimento de hospedagem e uma refeição diária – geralmente o café da manhã – por parte de indivíduos que abrem seu ambiente domiciliar para o alojamento de turistas e/ou viajantes mediante pagamento financeiro.

Optava, assim, pela escolha de um novo objeto, mas cultivando uma continuidade em minhas afinidades e interesses acadêmicos em estratégias ou práticas *alternativas* aos funcionamentos e comportamentos massificados e generalizados deste fenômeno. Além disso, vislumbrei nesta possibilidade de investigação uma oportunidade de aprofundar minhas reflexões não somente acerca da temática da memória em si, mas também das relações estabelecidas entre ela e o fenômeno turístico. Abracei, então, tal oportunidade, uma vez que tenho como um de meus principais objetivos acadêmicos contribuir para a construção destes campos de conhecimentos a partir de perspectivas transdisciplinares.

Já no curso de doutorado do Programa de Pós-graduação em Memória Social (PPGMS/ UNIRIO), deparei-me através da rede social *Facebook*² com a página do projeto “Viajo, logo existo”, que consiste na jornada de Rachel e Leonardo Spencer ao redor do mundo. Iniciada em maio de 2013 como uma jornada de carro por mais de 70 países ao longo de 42 meses de viagem, tal iniciativa encontra-se no ano de 2018 em sua segunda fase de desenvolvimento³, tendo sofrido ao longo de seu andamento algumas transformações. Além disso, consolidada como uma célebre empreitada de viagem, acumula em seus perfis nesta referida rede social mais de 640 mil seguidores, convertendo-se atualmente na própria atuação profissional deste casal paulistano.

Logo após tomar conhecimento do projeto supracitado, passei a seguir seus perfis em redes sociais, buscando iniciar um levantamento preliminar de suas peculiaridades. Foi, então, que por conta de um mecanismo de identificação e cruzamento de interesses da própria rede social *Facebook*, passei a receber sugestões de páginas de diversos outros projetos semelhantes – e me surpreendi com a enorme quantidade de casos com os quais me deparava. Dentre eles, o caso de Eduardo e Mônica me chamou a atenção não somente pelo nome – fruto da combinação dos nomes do casal e que faz também referência a uma canção homônima da banda Legião Urbana -, mas também pelas semelhanças e discrepâncias que parecia apresentar em relação ao

² O *Facebook* é uma rede social internacional que permite, através da criação de *perfis* pessoais e/ou institucionais, a publicação e o compartilhamento de informações, imagens, textos e vídeos. Além disso, oferece a possibilidade de formação de uma lista de amigos e/ou seguidores associados a cada perfil, ficando estes “inscritos” para o recebimento de tais compartilhamentos. Tal rede permite ainda alguns mecanismos de interação tais como comentários e “curtidas” nestas publicações (chamadas de *posts* ou, em português, postagens), como mensagens privadas (popularmente chamadas de *inbox*) e trocadas em um aplicativo associado à rede (o *Messenger*).

³ Intitulada pelo casal de “Viajo, logo existo: rumo aos 100 países”.

caso já escolhido. Passei, em vista disso, a acompanhar diariamente ambas iniciativas através de seus perfis na rede social *Facebook* e de seus sites oficiais.

Por conta de tais “encontros virtuais”, decidi desenvolver, então, uma pesquisa comparativa, assumindo estes dois casos como um objeto de pesquisa representativo do que entendo e sustento ser uma subcategoria dentro da categoria de viajantes conhecida como “mochileiros”. Tal submodalidade de viagem é desempenhada por pessoas que se desfazem de bens – convertendo-os em verba de viagem -, despedem-se de suas famílias e embarcam em uma jornada que está paradoxalmente marcada pela relação entre planejamento e improviso, adaptação e inadaptação. Assumem, assim, um caráter alternativo, já que majoritariamente opõem-se a um funcionamento massificado do turismo, fazendo uso bastante reduzido dos serviços de intermediadores turísticos como agências e operadoras de viagem.

Assim sendo, intrigada por algumas questões preliminares, lancei-me na construção de uma problemática que percebo como inovadora e eminentemente transdisciplinar. O que levaria estas pessoas a largar o conforto e adaptação de suas vidas financeiramente bem sucedidas, para lançarem-se em um projeto marcado pelo desafio e pelo confronto constante com o novo? Em que sentido a viagem estaria associada à afirmação da própria existência para o casal Spencer (ou mesmo para ambos os casais)? Questionamentos iniciais como estes orientavam minhas reflexões, mas foi somente ao longo das leituras propostas nas disciplinas deste programa e do desenvolvimento da própria escrita que meu objeto de pesquisa foi efetivamente tomando forma.

1.2. Construção da problemática

Conforme mencionado anteriormente, a partir da escolha do objeto da pesquisa passei a buscar mais informações sobre tais iniciativas de viagem, tanto na mídia, como através de seus sites oficiais. Comecei também a acompanhar suas publicações nos perfis criados em diversas redes sociais – dando prioridade aos compartilhamentos publicados na rede *Facebook*. Fui mergulhando cada vez mais neste tema e descobrindo uma espécie de movimento formado por inúmeros casos de pessoas que, em casal,

grupo ou “vão solo” escolhem – e, muitas vezes, pregam – o abandono de uma vida adaptada, e insatisfatória em busca de uma empreitada (mais ou menos) improvisada de viagem. Rapidamente percebi que os casos que iria investigar não estavam isolados, mas indicavam demandas representativas.

Já me dedicando às leituras das disciplinas deste curso de doutorado, busquei construir um arcabouço teórico capaz de auxiliar-me na problematização e interpretação dos casos “Viajo, logo existo” e “Eduardo e Mônica”. Vale ressaltar que desde o início a temática da aceleração do tempo já perpassava meus questionamentos direcionados desde meu anteprojeto para compreensão de uma obsessão contemporânea pela memória. Isto porque, em consonância com Huysen (2000), entendo que dentre outros fatores, tal obsessão refletiria - através de uma instrumentalização para fins de identificação - tentativas de frear a aceleração extenuante que comprime gradualmente o presente entre passado e futuro. Sustento, assim, que “culturalmente, elas expressam a crescente necessidade de uma ancoragem espacial e temporal em um mundo de fluxo crescente em redes cada vez mais densas de espaço e tempo comprimidos.” (HUYSSSEN, 2000, p.34)

Ao entrar em contato com a filosofia bergsoniana do tempo e da memória, pus-me a meditar acerca das possibilidades de experiência subjetivo-temporais na contemporaneidade, pensando-as já a partir de um recorte centrado nas sociedades ocidentais capitalistas. Tal recorte já estava atrelado não somente à delimitação de um espectro de análise, mas também a um interesse em trazer para a discussão a influência do desenvolvimento da ciência, da indústria e do capitalismo nas transformações das condições de relacionamento entre indivíduo e tempo. Neste sentido, vali-me não só da filosofia de Bergson (1988, 1999, 2006), mas também de observações acerca da relação tempo e modernidade, como as de Benjamin (1975, 1994), Baudelaire (2010), Simmel (1973, 1989, 2005) e Kehl (2009).

Ainda empenhando-me na leitura das principais obras de Henri Bergson dedicadas à temática do tempo e da memória⁴, notei que a relação adaptação/inadaptação representava um aspecto central e compartilhado por esta teoria e meu objeto. Compreendi que para Bergson (1988, 1999, 2006), a inadaptação corresponderia

⁴ Neste momento, centrei minhas leituras nas obras “Matéria e Memória”, “Duração e simultaneidade”, “Ensaio imediato sobre o conceito de consciência” e “Memória e Vida”, todas elencadas nas referências deste projeto.

a uma espécie de motor da criação, favorecendo ao funcionamento da modalidade de memória chamada por ele de “memória-imagem”. Mas, afinal, como se daria esta relação em meu objeto? O que precipitaria que tais indivíduos lançassem-se em direção ao desconhecido, abrindo mão de condições socioeconômicas muitas vezes associadas às ideias de sucesso e segurança? Precisava ainda ampliar minhas reflexões de modo a construir um problema teoricamente bem fundamentado e uma hipótese *intuitiva*⁵ para a interpretação dos dados que seriam encontrados no trabalho de campo.

Foi já durante a realização de um trabalho de campo preliminar, que me deparei com o que perseguia. Lendo alguns dos depoimentos⁶ publicados pelos próprios idealizadores das iniciativas aqui enfocadas, identifiquei outros aspectos capazes de contribuir para a estruturação do caminho interpretativo que buscava. Em conjunto com a relação entre adaptação e inadaptção já apontada, aparecia também uma associação entre os atos de viajar e existir⁷ (exposta claramente no caso do “Viajo, logo existo”, mas também presente no caso de “Eduardo e Mônica”), assim como uma busca reflexiva por novas formas de experiência temporal presente em práticas e discursos compartilhados.

Isto posto, iniciei a construção de uma problemática fundamentada no reconhecimento de uma relação de indissociabilidade entre indivíduo e sociedade. Considero importante esclarecer, portanto, que apesar de partir de reflexões acerca de processos de aceleração e compressão temporal, não tive como intenção o desenvolvimento de uma leitura determinista onde os poderes de ação, agência e criação individual estariam soterrados. Ao invés disso, busquei compreender concomitantemente tanto a conjuntura de forças, influências e valores na qual tais casos estão inseridos, tal como as articulações, estratégias e respostas particulares que cada um deles apresenta.

Parti, então, de uma observação inaugural: inseridos em um cenário marcado pela aceleração do tempo, vivemos em uma espécie de era do imediatismo de respostas. Em múltiplas e diversificadas esferas da vida subjetiva e social, as pressões para reações

⁵ Refiro-me à hipótese como intuitiva como maneira de diferenciá-la dos moldes hipotéticos utilizados nas ciências *hard*. Entendo, neste sentido, que a hipótese em uma pesquisa qualitativa e de visão antropológica como esta simboliza uma intuição quanto à uma possível interpretação dos dados, intuição utilizada para orientação das análises empíricas, mas não assumida como gabarito para a realização de testes.

⁶ Estes depoimentos foram colhidos em uma etapa preliminar de acompanhamento dos sites e perfis das iniciativas “Viajo, logo existo” e “Eduardo e Mônica: *runaways*” na rede social *Facebook*.

⁷ O ato de *existir* aparece também associado às ideias de sentir (ou voltar a sentir), viver ou sentir vivo.

cada vez mais rápidas aos estímulos aproximam com impressionante celeridade os polos representados por estímulos percebidos e respostas geradas.

Ainda nesse sentido, entendo também que o imperativo contemporâneo da felicidade, ao demandar a sustentação de um estado constante e instantâneo de contentamento – ou ao menos sua (dis)simulação – contribui, ainda, para o recalçamento social de conflitos, dúvidas ou diferenças possivelmente associados a demandas elaborativas. Fenômenos como a compressão do tempo-espaço, impelem, assim, velocidades temporais que favorecem ao cerceamento de nossas possibilidades de espera; em suma, nossas condições de hesitar mediante estímulos percebidos.

Neste sentido, parece que sofremos de uma crescente e generalizada inabilidade de espera: precisamos remediar imediatamente qualquer desconforto; ter respostas, opiniões e posicionamentos tão logo são demandados. De tal modo, as “desgastantes” exigências de relações duradouras são, com significativa frequência, substituídas pela dinâmica do “ser amado sem precisar amar de volta”, encontradas no consumo e nas competências especializadas (Bauman, 2008). Destarte, tornando-se gradativamente mais voláteis, as relações passam ao regimento de uma dupla facilidade de associação e dissociação. Ademais, de dores de cabeça, a lutos ou angústias diversas, nossos incômodos estão sendo “calados” através de um mercado da remediação que em muito transcende a indústria farmacêutica ou as práticas médicas e terapêuticas.

Observada por autores como Huyssen (2000), as obsessões pelo registro e pela memória indicam, por sua vez, duas manifestações dessa “somatização social” que pairaria entre uma fuga generalizada da elaboração e seu perseguinto. Por um lado, de modo automático, produzimos registros mediante o mínimo processamento dos estímulos inicialmente percebidos e retidos; registramos “experiências” sem (ou ao menos antes de) experimentá-las.

Por outro lado, associado a estes supostos movimentos de cerceamento da espera, um progressivo processo de internalização das determinações identitárias convertera a identidade de elemento externamente determinado para uma tarefa individual. A pulverização dos referenciais socioculturais disponíveis ao indivíduo evidencia, assim, um crescente processo de individualização (Elias, 1994), influenciando profundamente o surgimento de estratégias em busca do auto aprimoramento e conhecimento.

Neste cenário, a memória assume papéis centrais na constituição de ilusões biográficas (Bourdieu, 2006), perpassando uma espécie de musealização de tudo – e de si (Huysen, 2000). Contudo, assim como a modernidade teria paradoxalmente impulsionado a ambivalência através do seu próprio combate (Bauman, 1999), tal “compressão da hesitação” aqui apontada também estaria sendo responsável pela promoção de estratégias de contra resposta. Isto porque, esforços em busca de um *self* perfeito (D’Andrea, 2000) fazem-se presentes em diversas esferas e instâncias da vida social, sendo operacionalizados a partir de inúmeros suportes.

Partindo desta perspectiva, estruturei um caminho de investigação em torno da ideia de que tais iniciativas de viagem poderiam simbolizar estratégias de contra resposta a um movimento que não só promoveria a aceleração de temporalidades (percebidas), mas também sua orientação para fins produtivistas. Inseridos em uma lógica temporal marcada pela compressão dos intervalos possíveis entre estímulos percebidos e respostas dadas, tais indivíduos-viajantes poderiam estar instrumentalizando suas jornadas como tentativas de elaboração de formas alternativas de experiência subjetivo-temporal. Enfim, seria essa, então, a explicação para uma associação tão emblemática entre o ato de viajar e a promoção de um sentimento de afirmação existencial e vital? Se sim, em que medida tais iniciativas de viagem representariam estratégias de contra resposta a um fenômeno de compressão da hesitação? E, se não, que outras lógicas orientariam e marcariam tais empreitadas?

Ora, mas foi então com o início do desenvolvimento da escrita e da realização efetiva do campo que pude perceber que a construção de tal problemática havia subvertido minha relação com meu objeto. Já intrigada pelo processo de aceleração temporal desde a proposição de meu anteprojeto de pesquisa apresentado na seleção deste doutorado, constatei que minhas inquietações acerca das possibilidades de experiência subjetivo-temporal na contemporaneidade – tal como sobre seus contextos e implicações – constituíam efetivamente minha grande questão de pesquisa. Contudo, tal constatação não resultara no abandono dos casos de viagem supracitados. Ao invés disso, tais iniciativas passaram a ser por mim trabalhadas como instrumentos capazes de fornecer oportunidades de aplicação e verificação em instância empírica das reflexões e proposições teóricas exploradas e construídas sobre tal temática.

A relação entre objeto e problemática foi sendo, portanto, construída de maneira simbiótica ao longo do desenvolvimento da pesquisa, de modo que entendo que esta

passou a ser uma tese que se propôs a pensar o tempo através de viagens e viagens através do tempo. Tal transformação no trato de minhas inquietações teóricas explica, por conseguinte, minhas opções por privilegiar tal enfoque na abordagem dos casos do projeto “Viajo, logo existo” e de Eduardo e Mônica. Mantive, contudo, as interfaces traçadas entre aceleração e compressão temporais com tais viagens sob a modalidade de uma hipótese intuitiva; ou seja, um caminho de interpretação preliminar que indicaria uma possibilidade a ser verificada e explorada a partir da realização de um longo trabalho de campo.

Assim sendo, propus fundamentar tal problemática a partir de um referencial teórico formado por conceitos e perspectivas oriundos de diversas áreas de conhecimento, assumindo a filosofia bergsoniana do tempo como um dos parâmetros centrais para a problematização e interpretação dos dados coletados. Neste sentido, defendi os conceitos de duração e intuição como fundamentais para uma reflexão acerca do lugar do subjetivo em um mundo “cronologizado”.

Além disso, apoiei-me na ideia de centro de indeterminação (Bergson, 1999) para formular e sugerir a noção de “compressão da hesitação” como um encurtamento nos intervalos possíveis entre estímulos e respostas; em suma, uma constrição de possibilidades de espera. Para Bergson (*ibid.*) a amplitude de tais hiatos elaborativos seria proporcional ao grau de indeterminação das respostas do ser, ou seja, a seu potencial de criação. Consequentemente, sustentei, ainda, que apontar a existência de um processo de compressão da hesitação corresponderia também a afirmar uma paralela compressão de criação e de memória.

Por fim, aproximei-me deste autor ao reconhecer na memória um caráter de inerente criação e produção de indeterminação, assim como seu papel em processos de construção e atribuição de significados. Contudo, ainda que tenha assumido sua perspectiva da memória como um mecanismo de atualização de virtualidades, jamais deixei de reconhecer e reforçar a necessidade de contemplação das influências dos cenários socioculturais nos quais tais iniciativas estão inseridas.

Ainda nesta direção, ratifico que não busquei fazer uma escolha sociológica por uma abordagem halbwachiana da memória, nem de posicionar-me entre supostos extremos diante de uma necessidade de opção alternativa; ou concordaria com o primeiro, ou adotaria as concepções bergsonianas. Ao contrário disso, permito-me referenciar o próprio Bergson (1999) que, ao discorrer sobre as abordagens materialistas

e idealistas da dualidade matéria e espírito, propõe que o grande empecilho para a elucidação desta relação residiria na própria formulação do problema.

Deste modo, compreendo que uma oposição entre as perspectivas de Henri Bergson e Maurice Halbwachs faz-se muito menos profícua para os debates da área de Memória Social do que a construção de uma abordagem que transite entre os polos de um social coercitivo, homogêneo e pacífico, e de uma memória puramente internalizante e “dissocializada”. Assumo, portanto, uma perspectiva fundamentada no que vejo como cerne compartilhado entre estes autores, frequentemente trabalhados como antagônicos: a abordagem da memória como fundamentalmente uma *atualização* do passado de caráter criativo - ou, porque não, criador? – esta, por sua vez, influenciada e possibilitada simultaneamente por circunstâncias subjetivas, sociais, históricas e culturais. Entendo, pois, que ainda a memória seja abordada a partir de uma ótica subjetiva ou *espiritual*, ela sempre deverá contemplar o social enquanto instância fundante do próprio psiquismo.

Contemplei também em minha abordagem teórica as perspectivas de Simmel (1973, 2005a, 2005b) acerca das implicações subjetivas de transformações intrínsecas à modernidade, tal como a exacerbação de estímulos e a penetração da lógica monetária como ordenadora da vida social. Ademais, de modo a auxiliar a explanação e a proposição do conceito de compressão da hesitação por mim delimitado e cunhado, recorri brevemente às reflexões psicanalíticas de Kehl (2009), buscando novamente alinhavar possibilidades de experiências subjetivo-temporais aos seus contextos.

Por fim, vali-me da noção de *lifestyle traveller*⁸ proposta por Cohen (2009), tal como de algumas das contribuições trazidas por Brito (2014) a partir de sua pesquisa acerca de processos de subjetivação mediados por narrativas de mochileiros-blogueiros brasileiros. Contudo, apesar de interagir com tais reflexões e resultados, esclareço que algumas diferenças entre este e aqueles trabalhos limitaram minhas possibilidades de aproximação e emparelhamento de dados. Isto porque, no caso de Cohen (ibid.)⁹, ainda

⁸ Cohen (2009) utiliza como critérios para identificação de *lifestyle travelers* duas condições centrais: que o entrevistado tenha ele mesmo identificado ou definido seu estilo de vida como viajante; que ele/ ela estivesse engajado em múltiplas viagens de aproximadamente seis meses ou mais.

⁹ Na obra em questão, tal autor dedica-se à compreensão dos sentidos atribuídos por viajantes de tipo *lifestyle traveller* à noção de *self*, investigando, ainda, sobre as condições e circunstâncias de utilização da viagem como um possível instrumento de desenvolvimento desta instância subjetiva. Apresenta partir de seus resultados uma predominância entre os sujeitos pesquisados de uma concepção *essencialista* de *self*, onde o mesmo estaria sendo associado a um sentido de “essência individual” a ser perseguida, desenvolvida e alcançada.

que aborde processos subjetivos de viajantes cujo modo de vida se assemelha aos dos casais aqui enfocados, o recorte de problemática e a abordagem da pesquisa distanciam-na de reflexões orientadas para a compreensão de relações estabelecidas entre indivíduo e tempo.

Já no caso de Brito (ibid.), ainda que também analise viajantes na modalidade mochileiro, tais sujeitos pesquisados enquadram-se em uma categoria diferente daquela explorada tanto por Cohen, quanto neste trabalho. Ao invés de viajantes que converteram a viagem em um modo de vida, tais indivíduos realizam viagens de modo esporádico e/ou assessorio, contemplando sempre um retorno a uma rotina ordinária que se opõe a tais períodos extraordinários. Por conta disso, as dinâmicas, os usos e os sentidos envolvidos em suas relações com seus *blogs* e com a própria viagem diferenciam-se daqueles observados nos casos do projeto “Viajo, logo existo” e da viagem de Eduardo e Mônica, limitando, pois, algumas possibilidades de interlocução. Ratifico, enfim, que tais restrições foram também fortemente influenciadas pelo processo de transformação previamente descrito que converteu o tempo em questão central para esta investigação, condicionando as viagens aqui enfocadas como instrumentos empíricos de aplicação e verificação.

1.3. Motivações e justificativas

Considerando as singularidades e o caráter de inovação das abordagens teóricas e metodológicas aqui propostas, sustento que a realização de uma investigação como esta se justifica por diversos motivos. Em primeiro lugar, destaco os processos de compressão da hesitação e de exacerbação de estímulos como fenômenos de grande relevância, espraiamento e atualidade. Isto porque, mediante suas manifestações em alcances e intensidades sem precedentes, tais fenômenos representam tanto caminhos para a compreensão de funcionamentos e dinâmicas socioculturais, como elementos responsáveis pela promoção de sintomáticas sociais cujas consequências apenas recentemente começam a despontar como objeto de estudos. Deste modo, sustento que sua abordagem tanto quanto objeto, quanto problemática representa uma importante

oportunidade de contribuição para uma compreensão mais aprofundada e rica acerca de seus funcionamentos e suas diversas implicações.

Além disso, envolve a busca por autoconhecimento e desenvolvimento como um desdobramento de um processo de progressiva – e radical – individualização. Abarca, também, temas bastante atuais como o posicionamento da mobilidade como um elemento de distinção e as inferências de uma série de imperativos abarcados por uma obrigatoriedade (quase) vital de sustentação de um estado permanente e imediato de felicidade. Explora, ainda, as viagens como um possíveis mecanismos de articulação de contra respostas a um movimento de “compressão da hesitação”. Contribui, assim, para a problematização de significações atribuídas a viagens e, simultaneamente, para a ampliação da compreensão acerca das interfaces estabelecidas entre viagem, experiência e memória.

Também neste sentido, entendo que tanto a abordagem teórica quanto a metodológica aqui propostas abrem espaço para discussões que contemplem e legitimem o qualitativo, o subjetivo e o sensível enquanto objetos de grande relevância. Isto porque, processos de recalçamento social destes elementos (Kehl, 2009) – seja no perseguinto iluminista da razão ou no utilitarismo mercadológico –, parecem sinalizar tanto sintomas, como oportunidades alternativas de criação.

Se para Bergson (1999) o caminho em direção a uma amplificação das possibilidades de conhecimento e compreensão estaria justamente direcionado ao que não está atrelado aos interesses práticos do ser, sugiro também neste trabalho um mergulho no “inútil”; em suma, um distanciamento das lógicas técnico-mercadológicas ainda predominantes nas produções sobre turismo. Entendo, inclusive, que as possibilidades de criação e solidificação de uma ciência turística perpassam significativamente o desenvolvimento de uma capacidade de abstração deste fenômeno, favorecido, por exemplo, pelo crescimento de perspectivas interpretacionistas.

Ademais, destaco a opção por tais casos de viagem como um caminho para a construção de uma abordagem metodológica exequível dentro das possibilidades de uma pesquisa de doutorado. Isto porque, a ideia inicial apresentada em meu anteprojeto previa como um dos instrumentos metodológicos da pesquisa uma espécie de *observação participante móvel*, sendo minha intenção viajar com um grupo de viajantes mochileiros a ser posteriormente definido. Meu objetivo era poder não somente entrevistá-los, mas também observar *in loco* suas práticas de registro memorial das

viagens - o que seria e como seria registrado -, tal como a experimentação de diversos aspectos ali presentes como espaço, tempo, culturas e interações.

Desta forma, estava diante de um desafio metodológico que abarcava desde a dificuldade de negociação da entrada neste peculiar *campo móvel*, até sua operacionalização, com a minha necessidade de deslocamento, e, portanto, de afastamento e custeio de passagens, hospedagens e diversas outras demandas da pesquisa e da viagem em si. Neste sentido, observei que um recorte em casos como os das iniciativas “Viajo, logo existo” e “Eduardo e Mônica” possibilitaria uma operacionalização menos problemática, fator este que precisava ser considerado diante das inúmeras dificuldades já esperadas ao longo do desenvolvimento de uma pesquisa de doutorado.

Vislumbrei ainda na seleção destes casos uma oportunidade de contribuir para o reconhecimento e compreensão de uma heterogeneidade de comportamentos, motivações e práticas relacionados a viajantes inseridos na categoria “mochileiro”. Isto porque, ao apresentas uma revisão panorâmica acerca dos trabalhos dedicados aos viajantes de tipo *backpacker* – ou mochileiro, se traduzido para o português –, Cohen (2009) sustenta que, apesar de tal objeto já estar sendo internacionalmente versado em uma vasta produção bibliográfica, tais estudos ainda referem-se a estes viajantes a partir de perspectivas pouca variadas - geralmente centradas na delimitação de seus perfis ou nas dinâmicas de suas interações com as comunidades locais. Assumem, portanto, um caráter excessivamente homogeneizante, pecando em reconhecer e explorar nesta categoria de viagem uma ampla pluralidade de apropriações, práticas e significações.

Ademais, quando abordada a produção sobre o tema no Brasil, a escassez de trabalhos é inegável. Em um levantamento prévio realizado já no início da construção do projeto desta pesquisa, identifiquei pouquíssimas pesquisas que perpassassem sob alguma instância a temática de viajantes mochileiros, dentre os quais destaco a dissertação de mestrado de Brito (2014), com a qual buscarei, na medida do possível, dialogar. Neste trabalho, a autora toma como objeto *blogs* de viagem escritos por mochileiros brasileiros, analisando o papel de tais narrativas na construção de suas subjetividades. Em suas análises, observa que a impressão de aspectos subjetivos nas narrativas compartilhadas configura seu principal valor projetado e almejado, estando a própria narrativa apropriada como um instrumento de “construção de si”.

Insisto, ainda, que tais olhares são fundamentais para uma maior compreensão acerca de pluralidades e complexidades envolvidas não somente no fenômeno turístico, mas também nas múltiplas estratégias de relacionamento, apropriação e elaboração de aspectos sociais como as transformações na percepção e na experimentação de temporalidades aqui abordadas. Logo, defendo que em tempos de produtivismo acadêmico, onde a lógica do mercado parece bater até mesmo a da razão, reflexões que problematizem e relativizem a contemporânea idolatria da velocidade fazem-se, mais do que interessantes, indispensáveis.

1.4. As questões norteadoras da pesquisa

Conforme exposto anteriormente na sessão dedicada a narração do processo de construção da problemática desta investigação, a definição das questões norteadoras da pesquisa - ou seja, do problema ao qual pretende responder – acabou desenvolvendo-se de maneira paralela à definição dos objetos e dos recortes utilizados. Assim, as questões foram delineadas e propostas da seguinte forma:

Questão norteadora central: Em que medida tais iniciativas de viagem representariam estratégias de contra resposta a um fenômeno de compressão da hesitação?

Questões norteadoras derivadas: Como se dariam tais processos?; Qual o papel da memória neles?

1.5. Objetivos da pesquisa

Objetivo Geral: Compreender em que medida tais iniciativas de viagem representariam estratégias de contra-resposta a um fenômeno de compressão da hesitação.

Objetivos Específicos: (1) Entender os significados embutidos na associação entre estas viagens e uma busca por afirmação existencial; (2) Identificar a influência destas viagens nas formas de relacionamento entre indivíduos e tempo; (3) Analisar o papel da memória dentro de possíveis processos de descompressão da hesitação; (4) Investigar a relação entre uma possível descompressão da espera e uma maior possibilidade de meditação e criação.

1.6. Localizações paradigmáticas

Por focalizar construções de sentido e significados subjetivos construídos por estes viajantes através da viagem, assumi neste trabalho a ação social como significativa, ou seja, como um símbolo permeado por significados e processos de significação. Neste sentido, desenvolvi uma pesquisa qualitativa alinhada com os ideais paradigmáticos do interpretativismo, indicando uma compreensão do conhecimento social como situacional e construído por meio da interação entre pesquisador e pesquisado(s).¹⁰

Reconheço, por fim, que diversos fatores influenciaram minhas escolhas nesta pesquisa, as quais abarcam desde a escolha de seu objeto, passando por seu recorte, abordagem e interpretações. Adotei, assim, um posicionamento que situa-se da seguinte forma:

Paradigma	Interpretativismo;
Perspectiva Ontológica	Entendo a realidade como relativa, reconhecendo a existência de múltiplas perspectivas;
Perspectiva Epistemológica	Concebo o conhecimento social como subjetivo, construído de forma situacional

¹⁰ “*Within the interpretativism, it is openly recognised the social knowledge is an interactive and situationally constrained process shaped by both the researcher and those being researched.*” (DENZIN & LINCOLN, 2003)

e processual através da interação entre pesquisador e pesquisado(s).

Tabela.1.1 Localizações paradigmáticas. Fonte: autora.

1.7. Apresentação dos capítulos da tese

O capítulo dedicado à introdução deste texto em construção inicia-se apresentando os caminhos de escolha do tema e de construção da problemática da pesquisa. Segue buscando dar ao leitor as primeiras direções para compreensão das questões e dos objetivos que deverão ser almejados, delineando também as localizações paradigmáticas a partir das quais a investigação será enfocada. Sua organização no formato de tópicos deu-se como uma opção didática para auxiliar o leitor na compreensão do curso de construção e apresentação deste trabalho.

Já o segundo capítulo, traz revisões e argumentações conceituais basilares para a construção da problemática e da interpretação dos dados obtidos em campo. Inicia-se com uma comparação entre dinheiro e tempo, aproximando-os em seus poderes equalizadores. Em seguida, apresenta uma breve revisão da filosofia do tempo e da memória proposta por Bergson (1999), balizando-se no entendimento de que a adoção de uma abordagem criativa da memória e de uma perspectiva não cronológica do tempo fazem-se fundamentais para uma reflexão acerca das condições e dos *espaços* do subjetivo em um cenário de extenuante velocidade. Por fim, a partir de conceitos bergsonianos como intervalo de indeterminação, duração e intuição, a noção de compressão da hesitação é delineada e defendida como um fenômeno significativo e responsável pela promoção de uma série de reflexos ou sintomas subjetivos e sociais.

O terceiro capítulo, por sua vez, propõe uma continuidade das amplas reflexões teóricas apresentadas anteriormente. Para isto, inicia suas exposições com a abordagem da intrigante e paradoxal combinação de processos de compressão e proliferação de memórias. Ora, se no capítulo anterior argumento que tal funcionamento de compressão da hesitação corresponderia a uma espécie de compressão de memória, nesta seção busco refletir sobre quais seriam quais estas modalidades de memória multiplicadas por

mecanismos de ampla obsessão “musealizante” e quais seriam aquelas comprimidas em função de dinâmicas de intensidade e aceleração. Enquanto a primeira estaria relacionada ao perseguinte de uma evitação de morte a partir de tentativas de retenção do que já foi, a segunda sedimentaria suas condições de criação justamente na passagem de passados a um plano de virtualidades atualizáveis.

No quarto capítulo, meu leitor é convidado a embarcar no campo de iniciativas descompressivas, simbolizados por uma série de movimentos relacionados à chamada “filosofia *Slow*”. Preocupados com a difusão da lógica do “quanto mais rápido, melhor” tais manifestações buscam uma reconfiguração de formas de relação estabelecidas entre indivíduo e elementos como comida, viagem, cidade e educação, abordando-as sempre a partir de uma reflexão sobre tempo e aceleração. Em seguida, as iniciativas de viagem “Viajo, logo existo” e “Eduardo e Mônica” são preliminarmente descritas, de modo a fornecer ao leitor um referencial introdutório capaz de auxiliá-lo no acompanhamento dos dados empíricos apresentados nos capítulos seguintes. Por fim, apresento na última seção deste capítulo minhas reflexões e opções metodológicas, levando em consideração as peculiaridades, limitações e oportunidades implicadas em um campo diferenciado não só por sua condição de virtual, mas também pela marca da mobilidade.

Em seguida, adentrando a exposição de um momento final de aplicação empírica de minhas contextualizações e reflexões teóricas, apresento no quinto capítulo deste trabalho, alguns dos aspectos compartilhados pelos dois casais aqui pesquisados. Para isso, situo-os em um cenário marcado pela radicalização de ideais individualistas, explorando alguns dos valores e ideais responsáveis por motivar, nortear e justificar tais empreitadas de viagem. Início tal desenvolvimento abordando, a partir das categorias de turistas e vagabundos proposta por Bauman (1999), o posicionamento da mobilidade enquanto uma potencialidade distintiva, sustentada pela detenção de um capital simbólico (Bourdieu, 2006).

Já na segunda seção deste capítulo, discorro sobre a importante preponderância de um imperativo da felicidade na contemporaneidade, analisando a partir deste referencial as formas através das quais performances de autoestima, autonomia e autenticidade são articuladas e sustentadas nos casos do projeto VLE e da viagem de Eduardo e Mônica. Por fim, aproximo tais empreitadas da noção simmeliana de aventura, observando-as como experiências que, ao se destacarem da vida ordinária, são atravessadas por uma combinação particular de riscos e intensidade.

No sexto capítulo, partindo da identificação de um anseio por sentir-se (mais) vivo” – presente tanto nos discursos de Rachel e Leonardo quanto nos de Mônica e Eduardo – adentro um momento final de análise, a partir do qual cada casal segue seu próprio caminho na apropriação, articulação e significação de suas jornadas. Neste sentido, procuro demonstrar como na viagem do casal Spencer prepondera a presença de uma lógica da sensação como orientadora de suas ações e motivações. Observo que em tal funcionamento, a afirmação de condições de vitalidade e existência se dá por meio do investimento em ações que garantam tanto um perceber, quanto um ser percebido.

Ademais, inserindo-se neste panorama e entrelaçando-se a uma necessidade mandatória de emissão (como forma de veiculação de propagandas de si), uma compulsão à ocupação assinala uma experiência subjetivo-temporal fortemente condicionada aos interesses práticos. Isto porque, os direcionamentos e as opções em tal jornada estariam voltados para a alimentação de seus espaços virtuais com conteúdos capazes de – mediante a promoção de sensações e afecções – sustentar ou mesmo expandir suas potências enquanto vencedores em uma batalha por olhares. Tais conteúdos compartilhados expõem, ainda, a projeção de um estado sólido e impassível de felicidade, alçando o casal a uma posição de *expertise* e de um modelo admirável de vida.

Já no caso de Eduardo e Mônica a viagem assume uma significação e até mesmo uma operacionalização bastante distinta. Ao invés de evitarem angústias e questionamentos que coloquem opções, ideais e modelos à prova, tal casal confere em suas postagens um espaço significativo para uma simultânea “desromantização” de seus modos de vida e para a exposição de reflexões, conflitos e dúvidas pessoais. Além disso, dentre tais reflexões, inquietações acerca possibilidades de experimentação do tempo sob outras lógicas que não as da produtividade, da pressa e da velocidade também emergem como uma questão fundamental para o casal. Nesta direção, a apropriação de Mônica e Eduardo da fotografia confere ao dispositivo da câmera a função de uma “máquina de esperar”, através da qual memória, hesitação e indeterminação entalhariam, na vida, suas marcas.

Por fim, no sétimo e último capítulo desta tese, permito-me revisitar meu percurso, rememorando tanto sua construção, quanto dificuldades e limitações observadas ao longo desta jornada de conhecimento e sensibilidade. Concluo meu

trabalho apresentando, então, os resultados e contribuições que hoje carrego em minha bagagem, tais como algumas oportunidades futuras de investigação que poderiam ser desdobradas a partir desta investigação.

2. ORAÇÃO AO TEMPO

Este capítulo busca fornecer um caminho teórico capaz de fundamentar as reflexões e os questionamentos aqui conduzidos acerca das possibilidades e condições de experiência subjetivo-temporal em um cenário contemporâneo tão marcado por aspectos como aceleração e produtividade. Minha problemática parte da compreensão de que estaríamos imersos em uma era de repressão e cerceamento de esperas – e, portanto, de questões a ela condicionadas, como meditação e memória.

A fim de estruturar e apresentar ao meu leitor o caminho através do qual constituo e proponho a noção de compressão da hesitação, divido minhas revisões, ponderações e argumentações em três momentos de desenvolvimento. No primeiro deles, dedico-me ao bosquejo das dinâmicas e dos funcionamentos modernos responsáveis pela emergência e consolidação de um predomínio de um espírito objetivo sobre um subjetivo. Para isto, apoio-me em sensíveis leituras simmelianas da modernidade, buscando demonstrar como dinheiro e tempo – este último corporificado por uma “cronologização” da vida cotidiana – aproximam-se em movimentos de equalizações de diferenças.

Em seguida, apresento uma breve revisão da filosofia bergsoniana do tempo e da memória, enfocando a relação estabelecida entre eles. Sustento que o conceito de duração apresentado por este autor representa uma valorosa ferramenta para esta investigação uma vez que fornece uma oportunidade de pensar o tempo para além de suas abstrações espacializáveis. Configura, assim, uma porta para uma exploração “sensível” das condições de experimentação subjetiva do tempo.

Por fim, valendo-me destas revisões e ponderações previamente apresentadas, proponho a noção de compressão de hesitação como um fenômeno não somente assinalável e evidente, mas também responsável pela promoção de uma série de “sintomas” e estratégias sociais. Dentre o aumento de casos de depressão e demandas como as do Movimento *Slow* por desaceleração, sustento que a extenuante celeridade do mundo contemporâneo estaria impulsionando simultaneamente sentimentos de mal-estares e tentativas de contra respostas.

2.1 Tempo é dinheiro (?): aceleração, produtivismo e modernidade

Todos os dias quando acordo
Não tenho mais o tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo
Todos os dias antes de dormir
Lembro e esqueço como foi o dia
Sempre em frente
Não temos tempo a perder
(“Tempo perdido” – Renato Russo)

Da Antiguidade à atualidade, a questão do tempo tem ocupado uma posição de destaque entre as mais diversas perspectivas e abordagens da reflexão humana. Encarnado por deuses ou entrelaçado à economia monetária sob uma roupagem industrial e utilitarista, tal elemento aparece como proeminente, tanto em instância social quanto subjetiva. Contudo, é notória também uma significativa variabilidade nas formas de organização e percepção do tempo ao longo da história e do espaço.

A duração de um dia, por exemplo, desde o amanhecer até o momento do repouso, não era experimentada no tempo em que o ‘tempo não contava’¹¹, da forma como a experimentamos hoje, quando cada minuto exige uma decisão e promete alguma forma rápida de satisfação. (KEHL, 2009, p.122).

Identificar os lugares e significados atribuídos ao tempo como socialmente construídos implica admitir também a existência de uma conseqüente multiplicidade de relacionamentos estabelecidos entre homem e temporalidade ao longo do curso histórico e das diferenças culturais. Isto porque “são muito diversas as modalidades de satisfação que as diferentes culturas oferecem às exigências pulsionais, marcadas [...] por distintas maneiras de vivenciar a passagem – também chamada de duração do tempo.” (ibid.)

Assim sendo, o delineamento do contexto a partir do qual tais questões de aceleração e compressão emergem faz-se indispensável ao reconhecimento inicial de tal condição de construto social. Em virtude disso, nesta seção buscarei iniciar tal contextualização, delineando algumas das principais circunstâncias responsáveis pelo

¹¹ “Já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado.” (BENJAMIN, 1994, p. 206).

surgimento e consolidação da predominância de experiências temporais tão marcadas pela velocidade e pela mensuração. Apoiando-me na obra de Georg Simmel sobre modernidade, pretendo brevemente projetar algumas circunstâncias que entendo como decisivas para a configuração de um cenário contemporâneo marcado por condições como individualismo, aceleração e racionalidade.

Ainda neste sentido, problematizo aqui duas condições indissociáveis, as quais assumo como de grande relevância para a problemática proposta neste trabalho. A primeira delas diz respeito ao processo de submissão de experiências a um gradativo enquadramento cronológico. Procuo demonstrar como a “primazia da mediação tecnológica sobre todas as outras relações do homem com a natureza” (KEHL, 2009, p.123) vem sendo determinante para a configuração das possibilidades de experiência subjetivo-temporal na atualidade. Entendo que tal enquadramento pode ser compreendido como resultante de um processo de conquista racionalizante responsável por, dentre outras coisas, deslocar uma “cronologização” do tempo de um lugar de abstração instrumental para uma posição de autoridade norteadora e exigente.

Já a segunda condição, por sua vez, representa muito mais um desdobramento deste movimento supracitado do que um segundo elemento que possa ser entendido de maneira destacada. Diz respeito ao afloramento de uma espécie de “produtivismo temporal”, emblematicamente materializado na máxima “tempo é dinheiro”. Produto da simbiose de imperativos monetários e tecnológicos, tal condição ultrapassa os limites da instância do trabalho na vida contemporânea. Destarte, dinâmicas, processuais e evidenciadas no *ethos* de metrópoles modernas, estas duas condições relacionam-se profundamente a uma progressiva – e progressista - supressão do subjetivo e de suas representações em prol do avanço da razão. (DUARTE, 1983).

Nessa direção, poucos nomes foram tão sensíveis em suas leituras da conjuntura de aceleração moderna quanto o alemão George Simmel, capaz de antecipar, já no início do século XX, observações que permanecem atuais e representativas até os dias de hoje. Construindo uma sociologia interessada em aprofundar a reflexão sobre o indivíduo em meio a transformações como a urbanização dos grandes centros urbanos e a divisão social do trabalho, o autor considera a individualização como noção e possibilidade próprias da modernidade.

Em sua análise, tal transformação faz-se presente sob duas modalidades diferenciadas, mas diretamente relacionadas. A primeira, oriunda ainda do século

XVIII, corresponde a um projeto equalizador, implicando no posicionamento do humano como universal e livre, ideal corporificado pelo Iluminismo. Já a segunda, fruto do século XIX, atrela-se a um exercício de distinção e valorização da diferença - em resposta à impessoalidade oriunda desta referida conjuntura -, sedimentando-se na crítica romântica à razão universal. Deste modo, “o suporte de seu valor não é mais o ‘homem universal’ em cada singular, mas sim precisamente a unicidade e incomparabilidade qualitativas”. (SIMMEL, 2005a, p.589). No entanto, embora contrastantes em razão de um funcionamento equalizador e da valorização da diferença, respectivamente, tais modalidades não estariam, em suas perspectivas, relacionadas por meio de um sistema de substituição cronológica, mas coexistiriam, ao invés disso, no interior das dinâmicas das metrópoles modernas¹².

Nos entornos da tensão estabelecida entre equalização e distinção individual¹³, Simmel (2005a, 2005b) explora em suas apreciações três constructos fundamentais do homem moderno: o dinheiro – ou a economia monetária -, a pontualidade – radicalizada no advento dos relógios de bolso -, e a metrópole – ou os grandes centros transmutados por processos de abrupta urbanização. Dentro deste espectro, entrelaça fatores como aceleração, liberdade e objetividade a uma dualidade que identifica como radicalizada no contexto em questão.

As correntes da cultura moderna deságuam em duas direções aparentemente opostas: por um lado, na nivelação e compensação, no estabelecimento de círculos sociais cada vez mais abrangentes por meio de ligações com o mais remoto sob condições iguais; por outro, no destaque do mais individual, na independência da pessoa, na autonomia da formação dela. E ambas as direções são transportadas pela economia do dinheiro que possibilita, por um lado, um interesse comum, um meio de relacionamento e de comunicação totalmente universal e efetivo no mesmo nível e em todos os lugares, à personalidade, por outro lado, uma reserva maximizada, permitindo a individualização e a liberdade. (SIMMEL, 2005b, p.28- 29)

Isto posto, o autor avalia que tanto a metrópole como a economia monetária ali levada a um ímpar patamar foram responsáveis pela promoção de um funcionamento ambivalente, onde o incremento de liberdades individuais avançara paralelamente a um

¹² Simmel (2005b) reconhece inclusive o papel do individualismo quantitativo como condição propiciadora para o surgimento da modalidade qualitativa supracitada.

¹³ “Os problemas mais profundos da vida moderna brotam da pretensão do indivíduo de preservar a autonomia e a peculiaridade de sua existência frente às superioridades da sociedade, da herança histórica, da cultura exterior e da técnica da vida [...]” (SIMMEL, 2005a, p.577)

também maior grau de impessoalidade. Por um lado, o ambiente mais heterogêneo das metrópoles¹⁴ e a ampliação das possibilidades de troca representada pelo dinheiro enquanto denominador comum colocou o indivíduo em maior contato com as diferenças, permitindo, através de sua relativização, uma ampliação de suas possibilidades de ação e individualização. “Enquanto em um vilarejo pré-moderno a diferença seria motivo de desconfiança, na metrópole moderna ela é tolerada – ou exigida, na medida em que é o exercício do individualismo.” (MOCELLIM, 2007, p.103) Tal demanda por diferenciação fora impulsionada pela própria lógica de acelerada renovação e especialização do mercado e da divisão do trabalho, responsável por promover exigências quanto à criação constante de novas necessidades. Segundo indica Simmel (2005a, p.587)

[...] aquele que oferece precisa tratar de criar necessidades sempre novas naquele que corteja. A necessidade de especializar as realizações a fim de encontrar uma fonte de ganho ainda não esgotada, uma função que não seja facilmente substituível, estimula a diferenciação, o refinamento, o enriquecimento das necessidades do público, que acabam evidentemente por conduzir a variedades pessoais crescentes no interior desse público.

Por outro lado, marcada pela velocidade e pela exacerbação de estímulos, tal conjuntura desencadeara ainda a promoção de uma banalização da diferença, consolidada em padrões comportamentais caracterizados por sentimentos de “insensibilidade qualitativa”, ressalva e desconfiança. Isto porque, tal ritmo de rápidas transformações e renovações de demandas imposto nos grandes centros projetou-se no que Simmel (2005a, p.577) descreve como uma “intensificação da vida nervosa”, traduzida como uma significativa elevação do grau de exigência da vida mental humana.

Na medida em que a cidade grande cria precisamente estas condições psicológicas – a cada saída à rua, com a velocidade e as variedades da vida econômica, profissional e social -, ela propicia, já nos fundamentos sensíveis da vida anímica, no *quantum* da consciência que ela nos exige em virtude de nossa organização enquanto seres que operam distinções, uma oposição profunda com relação à cidade pequena e à vida no campo, com ritmo mais lento e mais habitual, que corre mais uniformemente de sua imagem sensível-espírita da vida. (SIMMEL, 2005a, p.578)

¹⁴ Simmel (2005a, 2005b) faz constantemente comparações entre cidade grande e cidade pequena, daí suas ponderações medidas em graus diferentes.

Entrelaçando o social ao individual até o alcance da instância psíquica, Simmel (2005a) diferencia os comportamentos e a vida anímica do habitante da cidade pequena e da cidade grande. Enquanto o primeiro reagiria baseado no ânimo, tendo suas relações pautadas pelo sentimento, o segundo funcionaria sob um caráter mais intelectualista, regido, sobretudo, pelo entendimento – órgão psíquico menos sensível, mais superficial e adaptável. Nesse sentido, o entendimento configura, para este autor, uma espécie de mecanismo de preservação da vida subjetiva¹⁵, reflexo tanto de uma exacerbação de estímulos e velocidades, quanto da penetração de um movimento muito mais amplo de racionalização da vida. Desse modo,

o homem pautado pelo entendimento é indiferente frente a tudo que é propriamente individual, pois no individual originam-se relações e reações que não se deixam esgotar com o entendimento lógico – precisamente como no princípio monetário a individualidade dos fenômenos não tem lugar. Pois o dinheiro indaga apenas por aquilo que é comum a todos, o valor de troca, que nivela toda a qualidade e peculiaridade à questão do mero “quanto”. (SIMMEL, 2005a, p.579)

Seria, portanto, próprio de um mecanismo de adaptação mental e social do homem à dinâmica moderna, a repressão de suas faculdades de identificação e percepção de singularidades, em suma, de conteúdos da ordem do imensurável ou quantitativamente incomparável. Este seria o caso de padrões comportamentais descritos por Simmel (2005a) como o caráter blasé e a atitude de reserva. O primeiro, conforme descreve o autor, representa um fenômeno símbolo do indivíduo moderno, caracterizado como uma espécie de apatia ou empobrecimento da capacidade de reação “aos novos estímulos com uma energia que lhes seja adequada” (ibid. p.581). Assim, em sua essência haveria um “embotoamento frente à distinção das coisas; não no sentido de que elas não sejam percebidas, como no caso dos parvos, mas sim de tal modo que o significado e o valor da distinção das coisas e com isso das próprias coisas são sentidos como nulos.” (ibid.)

O segundo mecanismo de adaptação e proteção mental corresponde àquilo que o autor define como a atitude espiritual dos habitantes da cidade grande: a reserva. Diante de uma impossibilidade de reação personalizada aos incontáveis e frequentes contatos

¹⁵ A exploração deste processo de sobrecarga da consciência enquanto camada protetora das demais instâncias psíquicas – conforme apontado por FREUD (1976) – será retomada na terceira seção deste mesmo capítulo.

humanos experimentados no contexto metropolitano moderno, seus habitantes teriam desenvolvido uma espécie de estado de ressalva constante, o qual não se resume apenas a uma condição de indiferença ao outro, mas alcança a projeção de sentimentos e manifestações de aversão, estranheza e repulsa.

Desse modo, a antipatia configura, para Simmel (2005a, p.582), um escudo protetor responsável pela manutenção de distâncias e afastamentos sem os quais “esse tipo de vida não se poderia realizar”. Reconhecendo-os, portanto, como condições para a sustentação e viabilização do funcionamento acelerado e extenuante supracitado, tal autor compreende-os, não como pura expressão de dissociação, mas justamente como formas elementares de uma socialização moderna marcada pelo excesso. Nesse sentido, Maciel (2010, p.64) resume:

a ideia de excesso acena para a perda da capacidade dos indivíduos de categorizar o crescente número de estímulos que os rodeiam. A capacidade de assimilar, ritmar e temporalizar a demanda cada vez maior de espaços, decisões, atitudes e respostas sempre eficazes e prontas vai ficando afetada na medida em que se vai estabelecendo uma condição de esforço constante e exauriente que a psicologia batizou ora como ansiedade, ora como estresse.

Entretanto, ainda que identifique suas origens na exacerbação de estímulos e na impossibilidade de manutenção de um padrão reativo regido pelo ânimo e pela personalização das relações – como ocorreria nas cidades e grupos menores -, Simmel (2005a) também atribui tais fenômenos às chances de nivelamento e objetividade proporcionadas pela economia monetária, ligando-os diretamente aos padrões e lógicas dos grandes centros.

Essa disposição anímica [o caráter blasé] é o reflexo subjetivo fiel da economia monetária completamente difusa. Na medida em que o dinheiro compensa de modo igual toda a pluralidade das coisas; exprime todas as distinções qualitativas entre elas mediante distinções de quanto; na medida em que o dinheiro, com a sua ausência de cor e indiferença, se alça a denominador comum de todos os valores, ele se torna o mais terrível nivelador, ele corrói irremediavelmente o núcleo das coisas, sua peculiaridade, seu valor específico, sua incomparabilidade. (SIMMEL, 2005a, p.582)

E é justamente no reconhecimento do que compreende como uma preponderância de um espírito objetivo sobre um subjetivo enquanto atributo particular

da modernidade que Simmel (2005a, 2005b) estabelece uma intrincada relação entre este funcionamento anímico-intelectualista e a disseminação da economia monetária no palco das grandes cidades. Dinheiro e padrões comportamentais embaralharam-se, pois, na busca da pura objetividade, de modo que “[...] ninguém saberia dizer se é inicialmente aquela constituição intelectualista, anímica, que impulsiona rumo à economia monetária, ou se é esta o fator determinante daquela.” (SIMMEL, 2005a, p.579)

É para esse ponto que chamo atenção como a ponderação simmeliana de maior potencial de contribuição para esta problemática: sua sensível e rica interpretação acerca do dinheiro enquanto categoria influenciadora e representativa para a modernidade. Ao observar e expor uma relação simbiótica estabelecida entre indivíduo e sociedade, interligando desde formas mais corriqueiras de interação social até íntimas respostas psíquicas, Simmel (2005a, 2005b) consegue demonstrar que, para além das transformações operacionais e mercadológicas trazidas pela economia monetária, seu poder equalizador teria penetrado na vida social e mental como um *modus operandi*, de maneira que o espírito moderno se tornara cada vez mais um espírito contábil.

Não obstante, é importante reconhecer que a intenção do autor não fora a de afirmar que a vida monetária simbolizaria um instrumento absoluto, capaz de determinar e explicar toda sorte de questão referente ao mundo contemporâneo. Ao invés disso, sua perspectiva assinala a representatividade deste elemento enquanto manifestação e encarnação de aspectos que distinguem os traços sociais de sua época.

Como uma faca de dois gumes, o dinheiro simboliza nesta perspectiva “a força que une e que afasta” (MOCELLIM, 2007, p.110), promovendo através de sua faculdade equalizadora não somente a troca universal e independente – e com isso a amplificação e a flexibilização de interações e das possibilidades de ação individual –, mas também um nivelamento de tudo e todos. Exprime, assim, a fonte da impessoalidade dos encontros e relacionamentos humanos, possibilitando a redução de valores qualitativos a valores quantitativos, e tornando particularidades comparáveis – e, mais especificamente, equiparáveis.

É neste sentido que Simmel (2005a) compara o poder de mensuralidade e equalização do ideal das ciências naturais à moderna monetarização da vida prática e subjetiva. Destarte, enquanto niveladora e capaz de fomentar a comparabilidade universal e numérica, a figura do dinheiro constrange a um comprometimento não

somente da valorização do particular, mas ainda de sua própria elaboração. Já assinali anteriormente que a economia monetária levada a um ímpar patamar no palco dos grandes centros modernos promovera tanto funcionamentos impessoais, quanto processos de individualização e ampliação das possibilidades e da liberdade de ação individual.

Contudo, sustento ser possível pinçar mais uma faceta dessa complexa ambivalência explorada por Georg Simmel. Inserida em um amplo funcionamento de crescente velocidade, a economia monetária transformou o mercado de modo a não somente radicalizar a intensidade e a multiplicação dos estímulos gerados e percebidos, mas também a acelerar seus processos de renovação e amplificação de demandas. Alimentou e ainda alimenta nesse desempenho a exigência da novidade e da diferenciação, comprimindo gradativamente, por outro lado, o intervalo de tempo disponível ao indivíduo para a elaboração desses processos de distinção, em suma, para o processamento dos estímulos recebidos.

Desse modo, tal lógica contribuiu e ainda contribui para promoção de uma percepção temporal progressivamente acelerada, tal como para o cerceamento ou a compressão de possibilidades de meditação e hesitação. Se no início do século XX Simmel (ibid.) já chamava atenção para uma generalizada impossibilidade de processamento de estímulos em virtude de sua multiplicação, no contexto contemporâneo, a avassaladora velocidade imposta pelos ritmos de vida experimentados nas grandes cidades evidencia não somente a amplificação dessa condição de hiperestímulo, mas também uma paralela inviabilização da espera.

Logo, embora tenha feito a cama para a articulação de individualidades mais complexas – no sentido de serem influenciadas por um leque mais amplo de referenciais disponíveis -, a modernidade lhes restringiu simultânea e gradualmente o "tempo de sono". Isto porque, a expressão de diferenças é esperada e demandada como prova de processos de individualização singularizante, mas inóspitas são as condições de elaboração disponíveis neste contexto de imediatismo e produtivismo. Como resultado, indivíduos são lançados no colo do consumo, instrumentalizando-o largamente como meio capaz de “imediatizar” as respostas demandadas. Evidencia-se, assim, a profusão do que Rolnik (1997) chama de “toxicômanos de identidade”.

Tais experiências tendem então a ser aterrorizadoras: as subjetividades são tomadas pela sensação de ameaça de fracasso, despersonalização, enlouquecimento ou até de morte. As forças, ao invés de serem produtivas, ganham um caráter diabólico; o desassossego trazido pela desestabilização torna-se traumático. Para proteger-se da proliferação das forças e impedir que abalem a ilusão identitária, breca-se o processo, anestesiando a vibratibilidade do corpo ao mundo e, portanto, seus afetos. Um mercado variado de drogas sustenta e produz esta demanda de ilusão, promovendo uma espécie de toxicomania generalizada¹⁶. (ROLNIK, 1997, p.20)

Tal conjuntura de compressão de possibilidades de processamento e espera, seu esmiuçamento e a exploração de seus efeitos serão abordados mais adiante neste trabalho. Contudo, entendo que tal apontamento traz a tona algumas possibilidades de interlocução entre os elementos dinheiro e tempo na modernidade. Afinal, de que forma tal leitura simmeliana da modernidade poderia contribuir para pensarmos as condições ou as possibilidades contemporâneas de experiência subjetivo-temporal? Indico a seguir um início de aproximação e aplicação nesse sentido.

Combinada à emergência de fenômenos anímicos dessensibilizantes e utilitaristas – implicações da dominação e penetração da lógica calculista monetária –, entendo que outra consequência significativa poderia ser elencada: a conversão do dinheiro de puro meio a um fim em si mesmo. Ao assumir o papel de meio universal de troca, permitindo uma espécie de nivelamento absoluto através da possibilidade de equiparação numérico-monetária, o dinheiro subverte emblematicamente seu *status*, corporificando um espírito contábil marcado por objetividade, precisão e exatidão.

Mediante a essência contábil do dinheiro chegou-se, na relação dos elementos da vida, a uma precisão, a uma segurança na determinação de igualdades e desigualdades, a uma univocidade nos acordos e combinações – tal como, externamente, foi propiciado pela difusão geral dos relógios de bolso. (SIMMEL, 2005a, p.580)

Tal curso insere-se, pois, em um amplo regime de racionalização da cultura, responsável por um processo cada vez mais aprofundado de reificação. Em vista disso, elementos como a especialização e a técnica convertem-se, tal como o dinheiro, de meios para se atingir determinados fins, em valores supremos da modernidade. Conforme indica Simmel (2005b, p.34), “a técnica de todos os aspectos da vida – isto é,

¹⁶ Para Rolnik (1997), tal toxicomania transcenderia o espectro das drogas oriundas da indústria farmacológica ou do narcotráfico, mas abrangeria também aquelas oferecidas pela TV - sob o formato de publicidade, cinema comercial e outras mídias -, literatura auto-ajuda e tecnologias *diet/light*.

propriamente, o sistema de meios e de instrumentos puros – tanto mais complicada, sofisticada e diferenciada ela é, quanto mais parece uma finalidade última satisfatória que não se coloca mais em questão.”

Tal como o dinheiro, a mediação tecnológica da relação homem-tempo nesse contexto das metrópoles modernas também fora submetida a uma conversão de meio a fim, a qual, ao menos fora do pensamento filosófico e/ou acadêmico, poucas vezes é colocada em questão. Aqui é importante reconhecer que a apropriação e a difusão desta instrumentalização por meio do uso de relógios fez-se ímpar com o desenvolvimento da Revolução Industrial, tendo representado uma importante transformação para o controle social do tempo. Nessa conjuntura, tal inserção decorrente da necessidade de regulação dos tempos de produção das mercadorias, esteve profundamente relacionada ao desenvolvimento urbano moderno.

Através da divisão em unidades iguais de mensuração, e distinguindo os tempos do trabalho e do descanso, a adoção desta modalidade de orientação tecnológica transformou de maneira gradativa a organização da vida em uma organização cronológica. “Do seio do sistema de trabalho objetivizado, uma forma histórica de industriabilidade humana tornada objetiva, nasce a indústria do ritmo variado, e também a metafísica da experiência como entretempo – como um tempo diferente no interior de um mais amplo.” (MACIEL, 2010, p.66)

De modo análogo ao funcionamento do dinheiro na difusão da economia monetária, os relógios também possibilitaram a equiparação e a comparação de singularidades, estas representadas, por sua vez, por distintas temporalidades, distintas formas de organização e percepção subjetiva do tempo. (KEHL, 2009) Consequentemente, tais mecanismos representam para Simmel (2005a, p.580), tal como as formas de socialização supracitadas, mais uma condição viabilizadora da operação e da manutenção do complexo e intrincado funcionamento dos grandes centros modernos, formatados como palco desta economia monetária indutora de velocidade e multiplicidade.

As relações e oportunidades do habitante típico da cidade grande costumam ser tão variadas e complicadas, e sobretudo: mediante a acumulação de tantos homens, com interesses tão diferenciados, suas relações e atividades engrenam um organismo tão complexo que, sem a mais exata pontualidade nas promessas e realizações, o todo se esfacelaria em um caos inextricável. Se repentinamente todos os relógios de Berlim andassem em direções

variadas, mesmo que apenas no intervalo de uma hora, toda a sua vida e tráfego econômicos, e não só, seriam perturbados por longo tempo.

Outrossim, semelhantemente à maneira através da qual o dinheiro teria sido responsável pela objetivação da vida social e mental moderna, os relógios implicaram também em uma racionalização das experiências temporais. Nesse contexto, a mensuração do tempo e seu nivelamento universal passam ao *status* de norma; inserem-se, pois, em um amplo projeto de otimização técnico-racional do mundo, a serviço do qual, o subjetivo, a sensibilidade e seus demais representantes devem ser constantemente recalçados. (DUARTE, 1983)

Assim, técnica da vida na cidade grande não é concebível sem que todas as atividades e relações mútuas tenham sido ordenadas em um esquema temporal fixo e supra-subjetivo. [...] A pontualidade, a contabilidade, a exatidão, que coagem a complicações e extensões da vida na cidade grande, estão não somente no nexos mais íntimo com o seu caráter intelectualístico e econômico-monetário, mas também precisam tingir os conteúdos da vida e facilitar a exclusão daqueles traços essenciais e impulsos irracionais, instintivos e soberanos, que pretendem determinar a partir de si a forma da vida, em vez de recebê-la de fora como uma forma universal, definida esquematicamente. Se tais existências autocráticas e caracterizadas não são absoluta e completamente impossíveis na cidade, são contudo opostas ao seu tipo [...]. (SIMMEL, 2005a, p.580-581)

Em suma, o advento tecnológico dos relógios, localizado dentro deste espírito moderno, não somente externalizou e objetificou a relação humana com o tempo, mas contribuiu ainda para sua secularização e desvinculação dos domínios da natureza. Conforme assinala Kehl (2009, p.124)

A passagem do tempo, até então [até os primeiros registros de adoção de relógios mecânicos], era regulada pelos ciclos da natureza (determinantes para o trabalho no campo) e pelos horários dos ritos religiosos. [...] A marcação religiosa do tempo tinha a função de indicar o caráter sagrado dos ciclos da natureza, uma vez que a noite, o dia, as chuvas e as estações faziam parte das obras de Deus.

Tal transformação implicara, assim, na emergência de uma relação de dependência dos meios que, tornando-se fins e senhores, passaram a reger os ritmos sociais no mundo moderno e capitalista. Tornamo-nos, então, escravos de nossa instrumentalização cronológica do tempo.

O homem contemporâneo vive tão completamente imerso na temporalidade urgente dos relógios de máxima precisão, no tempo contado em décimos de segundo, que já não é possível conceber outras formas de estar no mundo que não sejam as da velocidade e da pressa. (KEHL, 2009, p.123)

Tal panorama de celeridade evidencia, por fim, a segunda condição que propus abordar nesta seção: a configuração de uma modalidade de produtivismo temporal. Como já explicitado anteriormente, a percepção de uma aceleração temporal está diretamente relacionada à velocidade das transformações impulsionadas pelo mercado, somadas, por sua vez, ao avanço da técnica e da especialização. Como desdobramento desse processo de constrição intervalar, a percepção do tempo como um elemento cada vez mais escasso combina-se à penetração da ação lucrativo-monetária nas mais diversas instâncias da vida social humana. Nessa direção, a dimensão da produtividade do tempo fabril e mercadológico e a dinâmica moderna de aprimoramento racional da vida e do mundo fundem-se, espraiando sua influência e projetando para além dos limites do tempo do trabalho seus imperativos de produtividade e aceleração. De tal modo,

a marcação que caracteriza o tempo do trabalho [...] invade cada vez mais a experiência da temporalidade, mesmo nas horas ditas de lazer. [...] Nada causa tanto escândalo, em nosso tempo, quanto o tempo vazio. É preciso “aproveitar” o tempo, fazer render a vida, sem preguiça e sem descanso. (KEHL, 2009, p.125)

Analogamente ao que fora indicado por Simmel (2005a, 2005b), ainda que não possa ser generalizada enquanto única possibilidade observável no contexto contemporâneo, sustento que tal modalidade de experiência temporal norteadas pela aceleração e pela mediação tecnológica configura o funcionamento dominante que condiciona de maneira generalizada nossas experiências subjetivo-temporais. Assim, são cada vez mais “escassas as ocasiões que nos permitem outras formas de vivenciar os ritmos do corpo e os estados da mente que não os das sensações fugazes, das percepções e das decisões instantâneas.” (KEHL, 2009, p.123)

Por fim, ante este amplo processo de recalçamento do subjetivo por meio da predominância de um espírito objetivo na modernidade, cabe-nos questionar não somente os espaços, mas também as possibilidades de tempo que lhe restaria no veloz

cenário contemporâneo. Isto porque, conforme assinala Kehl (2009), nem toda experiência temporal seria enquadrável nesta roupagem de mensurabilidade, racionalidade e utilitarismo. “O instante do Eureka! na criação artística, na pesquisa intelectual, no setting analítico etc, depende de um tempo interior, singular para cada sujeito e impossível de determinar.” (ibid., p.119) Assim,

é evidente que algo do valor da vida se perde quanto o tempo, matéria do vivido, passar a ser tributário dos instrumentos científicos criados para sua medição, hoje a serviço de um Mestre que reina sobre quase todo o planeta na forma dos caprichos, sempre misteriosos aos olhos do homem comum, do capital financeira globalizado. (KEHL, 2009, p.124)

Como pensar, então, esse tempo progressivamente *comprimido*, tempo do *inútil*, do imensurável e do subjetivo? É no caminho em busca da construção de uma reflexão voltada para esta modalidade de experiência temporal suprimida que acredito poder tomar fôlego e apoio em uma ímpar perspectiva filosófica sobre tempo, memória e espera. Nessa direção, apresento nas seguintes seções deste capítulo alguns conceitos apresentados pelo filósofo francês Henri Bergson, a partir dos quais busco cunhar uma noção de compressão da hesitação e fundamentar minha problemática de pesquisa.

2.2. Desafiando a razão: Bergson, tempo e duração

Voltamos, pois, sempre ao mesmo ponto: há só um tempo real e os outros são fictícios. Que é em efeito um tempo real senão um tempo vivido ou o que poderia o ser? Que é um tempo irreal, auxiliar, fictício, senão aquele que não poderia ser vivido efetivamente por nada nem por ninguém? (BERGSON, 1999, p.130)

Ora, se por um lado, a vida nas grandes metrópoles e, de uma maneira geral, nas sociedades ocidentais capitalistas já não poderia ser concebida ou operacionalizada sem o advento ordenador e orientador de uma “cronologização” do tempo, sua configuração espacializada sob a figura de uma linha imóvel evidencia uma possibilidade de explicação e apreensão do real possivelmente insuficiente e inadequada.

Os relógios não medem o tempo. [...] são processos físicos que a sociedade padronizou, decompondo-os em sequências-modelo de recorrência regular,

como as horas ou os minutos. [...] Mas o tempo não se deixa ver, tocar, ouvir, saborear, nem respirar como um odor, [...] como medir uma coisa que não se pode perceber pelos sentidos? Uma “hora” é algo de invisível. (ELIAS, 1998, p.7)

Isto porque, tal perspectiva reducionista desconsidera a presença de fatores geradores de indeterminação - como transformação e criação -, assumindo que “os fenômenos que se sucedem no mundo físico seguem uma ordem imutável e intemporal, [onde] a mesma causa sempre produz o mesmo efeito [...]” (COELHO, 2004, p.235) Atento a condições como estas e partindo de um interesse inicial pela mecânica, o filósofo francês Henri Bergson surpreende-se com a constatação de que nem a matemática, nem a física estariam fundamentadas em um tempo vivido ou real.

O movimento que a mecânica estuda não é mais que uma abstração ou um símbolo, uma medida comum, um denominador comum que permite comparar entre si todos os movimentos reais; mas esses movimentos, considerados neles mesmos, são indivisíveis que ocupam uma duração, supõem um antes e um depois, e ligam os momentos sucessivos do tempo por um fio de qualidade variável que deve ter alguma analogia com a continuidade de nossa própria consciência. (BERGSON, 1999, p.238)

Partindo, então, da observação do que identifica como uma inadequação no trato temporal, Bergson (ibid.) desenvolve uma rica e complexa filosofia do tempo fundamentada em algumas noções que sustento serem de grande relevância como suportes teóricos para a investigação das formas de viagem aqui enfocadas. Dando seguimento às reflexões apresentadas no primeiro ponto deste capítulo, esta sessão buscará revisar alguns dos principais conceitos-chave desta teoria bergsoniana do tempo e da memória.

Ao adotar a noção de duração como tempo necessário aos processos subjetivos ou de subjetivação, seleciono também para revisão e delimitação os conceitos de intuição, centro de indeterminação (ou intervalo de hesitação) e memória, os quais sustento serem não só interdependentes, mas fundamentais para a construção dos caminhos hipotéticos de interpretação que proponho neste trabalho. Nesse sentido,

introduzo minha argumentação acerca de suas aplicabilidades na busca pela obtenção de respostas para as questões norteadoras¹⁷ traçadas para esta pesquisa.

É importante esclarecer que reconheço previamente a complexidade desta filosofia, assim como a conseqüente impossibilidade de esgotamento de suas revisões e discussões diante das propostas e condições deste trabalho. Logo, desenvolvo esta recapitulação panorâmica de maneira instrumental, como um estágio que considero indispensável à delimitação destes conceitos e sua localização dentro de uma perspectiva mais ampla. Procuro, assim, estabelecer um referencial teórico capaz de orientar minha futura análise do material empírico produzido no trabalho de campo.

Tal revisão tem também como função a fundamentação da discussão que será desenvolvida no momento seguinte deste capítulo, onde busco cunhar o conceito de compressão da hesitação. Proponho tal noção como símbolo de uma progressiva impossibilidade de espera diante de um processo contemporâneo de paralela aceleração do tempo e exacerbação de estímulos. Idealizado a partir da noção bergsoniana de centro de indeterminação – intervalo contido entre estímulo percebido e resposta escolhida e devolvida – tal conceito relacionar-se-á posteriormente com a seção dedicada à reflexão acerca das possibilidades de memória em uma conjuntura marcada pela combinação paradoxal de uma compressão e uma obsessão de memórias.

Buscando ultrapassar a dualidade realismo/ idealismo e vencer o abismo estabelecido entre matéria [representada pelo corpo e seu atributo fundamental, o espaço] e espírito [tendo o tempo como símbolo da qualidade não corporal da vida], Bergson (1999) inicia sua exposição em sua obra “Matéria e Memória” discorrendo acerca da diferença estabelecida entre estas duas instâncias. Propõe, então, que “as questões relativas aos sujeitos e ao objeto, à sua distinção e à sua união, devem ser colocadas mais em função do tempo do que do espaço.” (BERGSON, 1999, p.75) Deste modo, como indica Kehl (2009, p.137) “a partícula *e* que liga ‘matéria’ e ‘memória’ indica a disposição de Bergson de discutir a relação entre corpo e espírito, livre das propostas dualistas em voga no pensamento filosófico e científico da primeira metade do século XX.”

¹⁷ Relembrando as questões norteadoras propostas para esta investigação: “Em que medida tais iniciativas representariam tentativas de descompressão dos intervalos de espera e, conseqüentemente, de ampliação das possibilidades de indeterminação?; Qual o papel da memória neste processo?”.

É neste sentido que tal autor desenvolve uma espécie de ontologia da imagem, como caminho de explicação para sua filosofia do tempo. Situando-se em um meio termo entre as vertentes filosóficas predominantes na época, propõe que a imagem não consiste nem em um mero acidente da matéria, nem somente uma construção da consciência; ela existe em si mesma, não sendo acrescida de movimento. Assim, imagem, matéria e movimento coincidem fundamentalmente, para Bergson (ibid.), estando inseridos em um amplo funcionamento de interação.

Indiferentes umas às outras em razão do mecanismo radical que as vincula, elas apresentam reciprocamente, umas às outras, todas as suas faces ao mesmo tempo, o que equivale a dizer que elas agem e reagem entre si por todas as suas partes elementares, e que, conseqüentemente, nenhuma delas é percebida nem percebe conscientemente. (BERGSON, 1999, p.34)

O corpo, por sua vez, representa uma forma privilegiada de imagem, relacionando-se com as demais de maneira peculiar. "Meu corpo é [...] no conjunto do mundo material, uma imagem que atua como as outras imagens, recebendo e devolvendo movimento, com a única diferença [...] de que meu corpo parece escolher, em uma certa medida, a maneira de devolver o que recebe" (BERGSON, 1999, p.14). Voltarei a esta potencialidade de escolha atribuída ao corpo mais adiante. Limito-me agora à sua identificação como "um instrumento de ação, e não de representação" (ibid., p.79) já que, para Bergson (1999, p.13), "é o cérebro que faz parte do mundo material, e não o mundo material que faz parte do cérebro."

Tal autor inverte, assim, a lógica da adição qualitativa idealista. Consciência e percepção são, para ele, responsáveis por uma subtração intelectual deste todo de interações imagéticas. Tal operação é, por fim, orientada pelos interesses práticos do ser, sendo descartado da imagem aquilo que não fosse interessante ou percebido como útil.

Nossas antigas percepções [...] nos dão a impressão, ou de terem desaparecido totalmente, ou de só reaparecerem ao sabor de seu capricho. Mas essa aparência de destruição completa ou de ressurreição caprichosa deve-se simplesmente ao fato de a consciência atual aceitar a cada instante o útil e rejeitar momentaneamente o supérfluo. Sempre voltada para a ação, ela só é capaz de materializar, de nossas antigas percepções, aqueles que se organizam com a percepção presente para concorrer à decisão final. (BERGSON, 1999, p.170)

Há, portanto, mais na imagem em si do que na percepção da imagem, já que “[...] entre essa percepção da matéria e a própria matéria há apenas uma diferença de grau, e não de natureza, a percepção pura¹⁸ estando para a matéria na relação da parte com o todo” (BERGSON, 1999, p.75-76). Configurando-o como um sistema dinâmico de interação universal, o autor defende que este todo não poderia ser compreendido como fechado ou estático, assumido a partir de uma perspectiva objetivista. Ao invés disso, deveria ser abordado como aberto, enquanto transformação; em suma, enquanto duração.

Mas no que consistiria exatamente essa noção de duração? Sustento ser razoável iniciar sua delimitação a partir da definição do que ela *não é*. Ainda que para este filósofo duração corresponda a tempo, ela estaria associada ao tempo do vivido, e não àquele instantâneo e cronológico do relógio. Simbolizaria, então, um tempo-fluxo, uma continuidade ininterrupta do novo que não se assemelharia a uma série numérica espacial. Para ilustrar este caráter de sucessão sem separação deste tempo vivido, Bergson (1999) apresenta o exemplo da escuta de uma melodia, onde identifica as características de continuidade, fluidez e indivisibilidade da duração:

Escute a melodia de olhos fechados, pensando apenas nela, não justapondo mais sobre um papel ou sobre um teclado imaginário as notas que concebeis assim uma pela outra, que aceitam então tornar simultâneas e renunciam à sua continuidade de fluidez no tempo para se congelar no espaço: encontrareis individuada, indivisível, a melodia ou a porção da melodia que tiveres recolocado na duração pura. Ora, nossa duração interior, encarada do primeiro ao último momento da vida consciente, é alguma coisa como essa melodia. Nossa atenção pode se desviar dela e conseqüentemente de sua indivisibilidade; mas, quando tentamos a separar, é como se passássemos bruscamente uma lâmina através de uma chama: dividimos apenas o espaço ocupado por ela. (BERGSON, *ibid.*, p.102)

Logo, a duração consiste, para ele, no tempo em seu estado bruto, real e aberto. Daí sua justificativa em afirmar que “o tempo que dura não é mensurável” (BERGSON, 2006, p.57): medir a duração implicaria espacializar o não-espacializável. Suas tentativas de apreensão subverteriam, assim, sua condição inerente de fluxo através de um congelamento artificial e instantâneo, fadado ao fracasso já em seu nascimento.

¹⁸ Para Bergson (1999) a percepção pura representaria uma espécie de percepção isenta de qualquer memória. Contudo, tal noção assumiria para o autor um caráter ilustrativo, uma vez que a percepção – por ser reducionista e interessada – nunca entraria em contato com a matéria pura.

Logo, a duração não se define pela mera soma de todos os instantes. Essa continuidade é, portanto, indivisa por ser caracterizada pela mudança como constante, heterogênea e constitutiva do real. “A sucessão temporal é uma mudança ou fluxo contínuo incessante, uma transformação ininterrupta. Tanto na vida psíquica quanto no mundo físico, não há estabilidade.” (COELHO, 2004, p.240)

Conforme também observa Kehl (2009, p.128) a respeito desta duração da mudança,

a *durée* bergsoniana seria, no dizer de Gilles Deleuze, aquilo que diverge de si, uma vez que não se define como o que (per)dura e sim, ao contrário, depende de uma misteriosa qualidade psíquica que une as sucessivas transições que ocorrem entre os instantes *antes* e *depois*.

Configurada, então, como uma sensação subjetiva ou interior do tempo, a duração não existe fora daquilo que dura (KEHL, 2009). Como consequência, não se pode afirmar a existência de um ritmo único da duração. Conforme explica o próprio autor: “é possível imaginar muitos ritmos diferentes, os quais, mais lentos ou mais rápidos, mediriam o grau de tensão ou de relaxamento das consciências, e deste modo fixariam seus respectivos lugares nas séries dos seres.” (BERGSON, 1999, p.243)

Embora reconheça um caráter utilitário¹⁹ na substituição da duração pelo tempo homogêneo desprovido de qualidades subjetivas, Bergson (ibid.) entende que a manutenção de um “sentimento de (alguma) continuidade em nossa existência [...]” só seria possível graças à duração, enquanto “medida psicológica da vivência do tempo” (KEHL, 2009, p.138). Neste sentido, passado e presente relacionam-se, para ele, não sob uma ordem cronológica e sucessiva, mas a partir de uma relação de utilidade (presente) e inutilidade (passado).

Deste modo, argumenta: “[...] a questão é precisamente saber se o passado deixou de existir, ou se ele simplesmente deixou de ser útil. Você define arbitrariamente o presente como o que é, quando o presente é simplesmente o que se faz.” (BERGSON, 1999, p.175). A relação de utilidade e inutilidade entre presente e passado seria, assim, perpassada pela percepção enquanto mecanismo de subtração simplificadoria orientado por interesses práticos. O futuro, por sua vez, simboliza neste panorama um campo

¹⁹ É sobre ele que seríamos capazes de “traçar divisões na continuidade da extensão, cedendo simplesmente às sugestões da necessidade e aos imperativos da vida prática.” (ibid., p.161)

aberto de possibilidades, estando toda e qualquer previsão fundamentada em antecipações do passado; supomos que o sol nascerá no amanhã justamente porque nos dias passados ele nasceu.

Representado, portanto, sob um estado de virtualidade, o passado apresenta duas formas de sobrevivência no presente: os mecanismos motores e as lembranças independentes. Bergson (1999) ora contrapõe imagem e hábito, ora atenção e automatismo, apresentando dois tipos de memória e de reconhecimento inter-relacionados. A memória-hábito corresponde a uma modalidade automática de rememoração, fundamentada no reconhecimento automático - aquele que se faz através de um prolongamento da imagem percebida em uma resposta motriz automática e imediata. Já a memória das imagens-lembranças, alvo maior de sua atenção, simboliza, por sua vez, a memória embasadora da subjetividade²⁰, relacionando-se com a modalidade de reconhecimento atento - aquele que é intermediado pela rememoração e, portanto, pela criação²¹.

Dessas duas memórias, a primeira é verdadeiramente orientada no sentido da natureza; a segunda, entregue a si mesma, iria antes no sentido contrário. A primeira, conquistada pelo esforço, permanece sob a dependência de nossa vontade; a segunda, completamente espontânea, é tanto volúvel em reproduzir quanto fiel em conservar. (BERGSON, 1999, p. 97)

Afirma, então, que “[...] enquanto no reconhecimento automático nossos movimentos prolongam nossa percepção para obter efeitos úteis e nos afastam assim do objeto percebido, aqui [no reconhecimento atento], eles nos reconduzem ao objeto para sublinhar seus contornos.” (BERGSON, 1999, p.111) Assim, a memória (imagem) assume no reconhecimento atento o papel desempenhado pela força motriz no reconhecimento automático. Atualizada na consciência através deste mecanismo e arquivada no inconsciente em estado virtual, a memória-imagem configura o aspecto mais profundo da subjetividade, sem o qual seríamos incapazes de atribuir significado ao vivido.

²⁰ Para Bergson (1990) psiquismo é memória, pois todas as operações psíquicas estariam fundadas na memória.

²¹ Bergson (1990) entende que a memória (de imagens-lembranças) seria sempre criadora, já que lembrar significa lembrar de algo que nunca foi. Não existiriam, portanto, duas rememorações idênticas; a atualização da virtualidade do passado é sempre uma atualização criativa, onde seria introjetado o afeto do ser.

Toda atribuição de significado ao que é vivido depende, em maior ou menor grau, da permanência de marcas mnêmicas, as mesmas de que dependem os processos secundários do pensamento. O tempo da memória não é nem o do inconsciente atemporal nem o do presente estrito da atenção consciente. Ele corresponde a uma permanência do passado na vivência atual do sujeito, que tanto confere significado às ações e percepções do presente quanto fornece, ao ser evocado, a medida do tempo percorrido. (KEHL, 2009, p.133)

Bergson (ibid.) sustenta, então, que a memória, “lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas” (BERGSON, 1999, p.31), assume um papel essencial em uma abordagem investigativa do espírito, já que a permanência do passado seria “fundamental para prover consistência imaginária e sentimento de continuidade entre o que se viveu e o tempo presente.” (KEHL, 2009, p.133) Neste sentido, as realidades virtuais e atuais de passado e presente, respectivamente, articulam-se através da rememoração; em suma, através de um processo de atualização de virtualidades.

A memória-imagem, atualizada na consciência através do mecanismo de reconhecimento atento, simboliza, portanto, um elemento híbrido entre a imagem-pura (pura virtualidade) e a percepção-pura (pura ação). Logo, a rememoração não corresponde nem a um resgate fidedigno do passado, nem a um processo de regressão no tempo. Ao contrário, parte do presente e envolve em sua gênese uma forma de atualização fundamentalmente criativa. Neste sentido, a presença da memória (imagem) implica, inerentemente, em uma marca de criação.

É assim, associando memória-imagem e reconhecimento-atento a um caráter de espontaneidade²², que Bergson (ibid) insere tais dualidades em uma concepção geral de que a inadaptação – configurada como perturbação do sistema sensorio-motor - consiste em uma espécie de motor da criação (crise e criação).

[...] deveremos constatar uma exaltação da memória espontânea na maioria dos casos em que o equilíbrio sensorio-motor do sistema nervoso for perturbado, e, ao contrário, uma inibição, no estado normal, de todas as lembranças espontâneas incapazes de consolidar utilmente o equilíbrio presente. (BERGSON, 1999, p.93)

²² "Certamente são imagens de sonho; certamente costumam aparecer e desaparecer independentemente de nossa vontade." (BERGSON, MM, p.93)

Neste sentido, o mecanismo da memória-imagem é, então, o grande responsável por fazer-nos capazes de não viver presos em um presente puramente instantâneo, mas em uma continuidade entre passado, presente e futuro, dando-nos com isso a “margem de liberdade fora da qual cada um seria apenas uma marionete de seu inconsciente.” (KEHL, 2009, p.116) A possibilidade de atualização de virtualidades sustenta, assim, a construção e atribuição de valor a nós mesmos e às coisas. Está, portanto, profundamente relacionada ao potencial de escolha do corpo enquanto centro de indeterminação. Concluo, por conseguinte, que memória, tempo e indeterminação relacionam-se profundamente, influenciando de maneira incisiva nossa vida subjetiva.

Nesta seção, busquei introduzir uma revisão panorâmica e breve acerca da filosofia bergsoniana do tempo, abordando principalmente suas perspectivas acerca das noções de duração e de memória. Entendo que a abordagem da memória enquanto elemento criativo e criador serve a esta investigação como um referencial teórico profícuo para a interpretação de apropriações e significações da viagem que parecem sinalizar movimentos em busca de uma relação menos automatizada – ou mesmo produtiva – com memórias e experiências. Além disso, a noção bergsoniana de duração oferece às reflexões aqui propostas a oportunidade de pensar experiências subjetivo-temporais para além de caracteres quantitativo-mensuráveis, ou seja, para além de uma “cronologização” da existência. Por simbolizar um *tempo* próprio do vivido e de roupagem inerentemente incomparável, a adoção de uma perspectiva duracional do tempo abre caminhos para a problematização dos espaços – e tempos – do subjetivo, do qualitativo e do sensível nos palcos da aceleração e do produtivismo racional e interessado.

Na seção seguinte deste capítulo, darei continuidade a esta recapitulação, aprofundando-me nos conceitos de intervalo de indeterminação e intuição. Por conta disso, finalizo esta seção deixando propositalmente meu leitor com algumas interrogações: O que significa, afinal, conceber o corpo como um centro de indeterminação? De que maneira tal indeterminação relaciona-se com a memória? E mais além, o que quero dizer quando afirmo que vivemos uma compressão da hesitação? Passemos, então, a uma reflexão acerca das condições de indeterminação na contemporaneidade.

2.3. Somos indeterminados?: cunhando o conceito de compressão da hesitação

Não há lugar para melancólicos e sonhadores entre os carros e os caminhões da via Dutra. Nem entre as solicitações simultâneas do celular, do controle remoto, do mouse e das câmeras digitais – pois já se entendeu que são essas maquinetas que nos solicitam, que exigem que nos mantenhamos sempre ligados nelas, e não o contrário. (KEHL, 2009, p.135)

Na seção anterior, busquei apresentar sinteticamente como o filósofo francês Henri Bergson define o conceito de duração, contrapondo-o a uma perspectiva cronológica e espacializante do tempo. Demonstrei como tal proposição estaria profundamente atrelada à sua tentativa de compreender e explicar a relação entre corpo e espírito, estabelecendo uma posição teórica localizada entre idealistas e materialistas. É nesse sentido que Bergson (1999, 2006) sustenta uma filosofia do tempo e da memória fundamentada em um amplo funcionamento de interação imagética.

Neste convívio, o corpo representa uma forma privilegiada de imagem, dotada de uma capacidade de escolha²³ da resposta devolvida - diferentemente das demais imagens; é, portanto, dotado da capacidade de *esperar*, de *hesitar*. Encarna, assim, o que o autor ora propõe chamar de centro de indeterminação, ora de intervalo de hesitação²⁴. Em suma, “o corpo, entendido como sede da memória e da percepção, é o intermediário entre o espírito e o mundo; as nossas ações, como não são meras reações ao ambiente, dependem da união de duas memórias: a memória corporal e a memória pura.” (GUIMARÃES, REZENDE & BRITO, 2012, p.14-15), sendo através dele que construímos subjetivamente os objetos e as relações com o mundo.

Mas, no que consiste, afinal, este intervalo de hesitação? Como se dá sua relação com a aceleração moderna do tempo? E ainda, de que maneira seria possível compreender sua influência para a memória e para a produção de indeterminação? Retomo, aqui, – conforme prometido na seção anterior – a temática do intervalo existente entre estímulo e resposta, ou melhor dizendo, entre percepção e ação.

²³ "Meu corpo é [...] no conjunto do mundo material, uma imagem que atua como as outras imagens, recebendo e devolvendo movimento, com a única diferença [...] de que meu corpo parece escolher, em uma certa medida, a maneira de devolver o que recebe." (BERGSON, 1999, p.14).

²⁴ Esclareço que, por conta de divergências em traduções das obras bergsonianas aqui contempladas, o conceito de intervalo de hesitação poderá aqui ser abordado também como centro de indeterminação ou de movimento.

Entendendo os seres vivos como matéria e, portanto, como imagens em movimento, Bergson (1999) põe-se a pensar sobre a diferenciação entre matéria viva e não viva. Para ele, tal disparidade consiste na presença ou não de um hiato interacional, ou seja, de um intervalo elaborativo entre ação e reação. Enquanto o não vivo estaria ligado a reações imediatas e determináveis, nos vivos tais interações seriam interceptadas por um intervalo de hesitação, espera e/ou escolha.

A consciência, localizada neste intervalo, está imbuída, por sua vez, de um duplo papel: o de seleção dos estímulos e também o de escolha das respostas (ou reações) possíveis. Dessa forma, quanto maior a amplitude deste intervalo, maior o caráter de indeterminação das reações. Tais condições de indeterminação atrelam-se, ainda, às condições de memória, tal que “a indeterminação dos atos a cumprir exige [...] para não se confundir com o puro capricho, a conservação das imagens percebidas.” (BERGSON, 1999, p.68). Enquanto isso, a seleção das respostas possíveis remete a um processo de espera e antecipação do futuro.

Reconhecendo no homem o ser vivo com maior potencial de hesitação, Bergson (1999), por fim, associa o caráter de indeterminação oriundo deste intervalo a um grau variável de autonomia do ser. Assim, maiores possibilidades de espera implicam em oportunidades mais numerosas de escolha, as quais, por sua vez, simbolizam um maior grau de independência. A distância medida entre percepção e matéria faz-se, portanto, correspondente ao tempo disponível à ação.

A parte de independência de que um ser vivo dispõe, ou, como diremos, a zona de indeterminação que cerca sua atividade, permite portanto avaliar *a priori* a quantidade e a distância das coisas com as quais ele está em relação. [...] pode-se afirmar que a amplitude da percepção mede exatamente a indeterminação da ação consecutiva, e conseqüentemente [...] a percepção dispõe de espaço na exata proporção em que a ação dispõe de tempo. (BERGSON, 1999, p.29)

Ademais, Bergson (1999) localiza no corpo e neste intervalo de espera outro elemento significativo em sua filosofia do tempo: a afecção. Ao sustentar que “os objetos que cercam meu corpo refletem a ação possível de meu corpo sobre eles” (ibid., p.15-16), explica que “se a percepção mede o poder refletor do corpo, a afecção mede seu poder absorvente.” (ibid., p.58). Assim, esta última não pode ser entendida como matéria-prima das percepções, mas sim como marca do ser que nelas se misturaria. Tal

como a memória e a consciência, a afecção também associa-se, para o autor, à amplitude (ou contração) do centro de movimento do ser, influenciando diretamente a promoção de uma maior ou menor capacidade de sentir.

É justamente por entender que as imagens transcendem a percepção - estando esta última sujeita ao mecanismo da inteligência e, portanto, condicionada aos interesses práticos do ser -, que Bergson (1999) considera a lógica (de pensamento) científico-intelectualista como limitada e limitadora. Por conta disso, indica e sustenta a necessidade de estruturação de um novo modo de relacionamento com o real e com o tempo, capaz de ampliar nossas condições de apreensão das coisas em sua própria duração. Elabora e apresenta, então, um método rigoroso de trabalho orientado para a percepção da totalidade do fluxo das coisas: a intuição.

Longe de assumir seu sentido difundido no senso comum, a intuição simboliza, para o autor, um exercício de alargamento do sensível, através de um distanciamento dos interesses práticos responsáveis por impor à consciência funcionamentos subtrativos e antecipatórios. Deste modo, somente a intuição seria capaz de proporcionar ao ser vivo a possibilidade de percepção daquilo que não seria notório no habitual, na adaptação, no automático. Simboliza, então, uma espécie de aprofundamento na duração; um mergulho em si ou no espírito.

Nesta perspectiva, enquanto o tempo descontínuo e espacializado diz respeito à consciência – sendo uma construção abstrata de sua produção -, a duração é o tempo próprio da intuição, da continuidade, do imensurável; em suma, do subjetivo. A intuição representa, assim, um instrumento através do qual a apropriação da duração faz-se possível através de uma ampliação rememorativa.

Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez apenas o homem seja capaz de um esforço deste tipo. Também o passado que remontamos deste modo é escorregadio, sempre a ponto de nos escapar, como se essa memória regressiva fosse contrariada pela outra memória, mais natural, cujo movimento para diante nos leva a agir e a viver. [...] para remontar o curso de nosso passado e descobrir a imagem-lembrança conhecida, localizada, pessoal, que se relacionaria ao presente, um esforço é necessário, pelo qual nos liberamos da ação a que nossa percepção nos inclina: este nos lançaria para o futuro; é preciso que retrocedamos no passado. (BERGSON, 1999, p.90, 107)

Em suma, o desenvolvimento deste exigente método em um processo de expansão sensível depende fundamentalmente de duas condições centrais, sendo uma delas a ampliação das possibilidades de espera do ser, ou seja, de seus intervalos contidos entre percepção e resposta. A outra corresponde a um afastamento dos interesses práticos responsáveis pelo engessamento limitador das condições de pensamento e construção de conhecimento. Retardamento no tempo de ação (ou reação, se assumida a lógica da interação) e percepção voltada para a ordem do “inútil” são, para este filósofo, competências observáveis em poetas e artistas como exemplos clássicos de cultivadores da criação.

Ora, vimos que, para Bergson (1999), tal intervalo atrela-se tanto às condições de indeterminação das respostas geradas, quanto a um maior ou menor grau de autonomia do ser. Assim sendo, seu alargamento configura uma das principais condições para um aprofundamento na duração através do método intuitivo proposto por este filósofo. Neste sentido, sustento que a instrumentalização deste conceito bergsoniano oferece grande potencial de contribuição para reflexões acerca de uma “experiência do tempo que na contemporaneidade praticamente se resume à experiência da velocidade.” (KEHL, 2009, p.17).

Inseridos em um cenário que naturaliza obsolências quase instantâneas, estamos promovendo socialmente exigências por respostas cada vez mais imediatistas. Assim, diante de um processo de gradativa aceleração do tempo, sofreremos de uma crescente e generalizada inabilidade de espera: precisamos remediar imediatamente qualquer desconforto; ter respostas, opiniões e posicionamentos tão logo são demandados. Conforme observa Kehl (2009, p.122) hoje “cada minuto exige uma decisão e promete alguma forma rápida de satisfação.”

Assim sendo, no consumo, na dor (física ou emocional), nas relações cotidianas e/ou afetivas, as pressões para reações cada vez mais rápidas aos estímulos variam desde a busca por prazeres e satisfações, a demandas por rápidas soluções ou remédios (tanto literais, quanto metafóricos). De dores de cabeça, a lutos ou angústias diversas, nossos incômodos estão sendo “calados” através de um mercado da remediação que em muito transcende a indústria farmacêutica ou as práticas médicas e terapêuticas. A substituição do *novo* pelo advento mercadológico da *novidade* alimenta, assim, este poderoso sistema de atualização de carências. (Benjamin, 1994)

Estamos, portanto, comprimindo nossas possibilidades de hesitar diante de um imperativo de respostas automáticas, encurtando desta forma os intervalos contidos entre os estímulos que recebemos – os quais, diga-se de passagem, exacerbam-se desenfreadamente – e as respostas que, enquanto seres inseridos em um macrosistema interacional, podemos “devolver”. Deste modo, soma-se à compressão do tempo-espço um fenômeno particular ao qual proponho chamar de *compressão da hesitação*. Vale assinalar que a noção de compressão remete a um estreitamento de caráter espacial, condição esta relacionável a um amplo processo de espacialização do tempo.

Ora, se não é tão difícil apontar e descrever os intrincados processos de aceleração do tempo e compressão da hesitação, pensar suas implicações coloca-nos diante de um quadro bastante complexo. Em que medida tal processo de constrição intervalar influenciaria nossa vida subjetiva? Como ele poderia estar relacionado com o campo da Memória Social? E, por fim, de que maneira este fenômeno de compressão da hesitação poderia servir à problematização e interpretação dos objetos desta pesquisa, representados pelos casos do projeto “Viajo, logo existo” e da iniciativa do casal Eduardo e Mônica?

Início meu caminho em busca da elucidação de questões como estas a partir da abordagem de uma temática central na qual entendo que todas estejam inseridas: a relação entre tempo e subjetividade – ou ainda mais especificamente, entre temporalidade e condições de subjetivação. Esclareço, preliminarmente, que entendo por subjetivação os processos e funcionamentos envolvidos na construção de um sujeito, este último considerado, por sua vez, enquanto ser que reflete sobre si mesmo.

Com objetivo de auxiliar e fortalecer a construção argumentativa sobre a qual busco sustentar a proposição deste conceito de compressão da hesitação, permito-me a ousadia de apropriar-me de reflexões oriundas de uma área complexa e peculiar: a psicanálise. Saliento, em um gesto de humildade e reconhecimento de limitações que não almejo nesta empreitada o aprofundamento de questões teóricas deste campo já tão consolidado, nem o estabelecimento de um debate conceitual com seus autores. Ao invés disso, apenas encontro em alguns olhares psicanalíticos um “braço de apoio” no qual entendo que minha construção de um estudo transdisciplinar do tempo e da memória pode – proficuamente - apoiar-se.

Dito isso, começo minha explanação atestando, em consonância com as indicações da psicanalista Maria Rita Kehl, que “a qualidade que define o psiquismo

não é espacial, é temporal.” (KEHL, 2009, p.111). Assim sendo, para além de sua concepção enquanto construção social, sustento que o tempo deva ser também reconhecido em seu caráter de condição ontológica do psiquismo, marcando sua presença sob a forma subjetiva da espera de satisfação já na origem do sujeito (ibid.).

Conforme apresenta esta mesma autora, a demora simboliza, então, “uma das manifestações mais incontornáveis da falta para o sujeito” (ibid., p.188).

A primeira manifestação da onipotência do Outro primordial, para o *infans*, consiste em submeter a urgência da satisfação das necessidades do recém-nascido a uma certa *demora*. O psiquismo se instaura a partir do trabalho de representação do objeto de satisfação esperado, na tentativa de anular o angustiante intervalo de tempo vazio. (KEHL, 2009, p.112)

Logo, representando um papel decisivo – embora não definitivo – no nascimento do sujeito psíquico, o intervalo sinaliza a centralidade de uma lógica temporal enquanto norteadora de nossa vida subjetiva. Ademais, nossa relação com o tempo dá-se marcada por uma espécie de “alienação”, já que, este hiato entre a tensão da necessidade e a satisfação, configuraria também o “tempo que separa a demanda do Outro²⁵ da possibilidade de o sujeito responder à ela.” (ibid., p.112). Em suma, isto significa dizer que “o sujeito do desejo, em psicanálise, é um intervalo sempre em aberto, que pulsa entre o tempo próprio da pulsão e o tempo urgente da demanda do Outro.” (ibid., p.112)

Ainda sobre esta preponderância de uma qualidade temporal na constituição do sujeito, Lacan (1998) propõe uma teoria do tempo lógico que visa esclarecer a natureza da relação necessária entre saber inconsciente e experiência subjetiva do tempo. Para o autor, a conclusão ideal ao problema apresentado estaria fundamentada em três tempos distintos: o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir.

Enquanto o primeiro e o último representam tempos instantâneos, o segundo demanda, por sua vez, a duração de um *tempo de meditação* indispensável à precipitação do sujeito em direção à conclusão. Assim, o tempo de concluir simboliza uma passagem emancipatória do sujeito que, libertando-se de uma dependente identificação com os demais, lança-se em sua própria afirmação²⁶.

²⁵ Ver Lacan (1998).

²⁶ Ainda que nunca possua, para isso, uma certeza inteiramente garantida.

Contudo, tal caráter libertador condiciona-se às possibilidades de meditação inseridas na *duração* do tempo intermediário de compreender. Kehl (2009) chama atenção para uma variação na capacidade de escolha de um ser, condicionando tal faculdade a uma posição ativa do sujeito, através da qual, apresentando-se em lugar e momento oportuno, seria capaz de reencontrar-se com o objeto que remeteria à causa do seu desejo.

Assim, para esta psicanalista, o tempo de compreender simboliza uma modalidade de tempo não lógico, imensurável e necessária à historicização do sujeito; enfim, corresponde àquele tempo que não pode prescindir da duração. Logo,

a *duração* seria assim uma das condições necessárias para a produção do instante fulgurante, sem a qual o sujeito conclui sem compreender e reduz sua escolha a uma precipitação inconsequente. [...] o tempo da certeza antecipada²⁷ não deve ser confundido com o tempo da pura pressa. (KEHL, 2009, p.115-116)

Contudo, neste tempo comprimido e aparentemente pleno de ofertas e demandas que tanto marca a contemporaneidade aqui analisada, “parece que nada falta aos que se precipitam na velocidade exigida por essa demanda. Nada falta – a não ser tempo. O tecido da vida.” (KEHL, 2009, p. 188). Neste sentido, compactuo com tal autora em sua compreensão de que a urgência impressa pela vida social à nossa experiência subjetiva do tempo promove sucessivos impulsos à ação não sustentados pelo saber oriundo de prévias experiências de duração, estimulando um esvaziamento de nossa experiência temporal. Para Kehl (2009, p.116) este processo resulta, finalmente, em uma “temporalidade vazia, na qual nada se cria e da qual não se conserva nenhuma lembrança significativa capaz de conferir valor ao vivido.”

Reconheço, aqui, a necessidade de relativização²⁸ de afirmações tão categóricas como as expressas nos trechos “nada se cria” e “não se conserva nenhuma lembrança significativa”. Contudo, ressalto que este processo descrito pela autora de promoção de impulsos à ação sem possibilidade – ou ao menos com possibilidades muito reduzidas de meditação – conforma precisamente o fenômeno ao qual proponho aqui chamar de

²⁷ Ao caracterizar como antecipada a certeza a partir da qual o sujeito lança-se no momento de concluir em direção a um objeto de desejo inexistente, Kehl (2009) explica que cabe ao sujeito desejante a construção de um caminho através do qual ele possa significar a posteriori o conteúdo de seu desejo.

²⁸ No próximo capítulo dedicarei uma seção à reflexão sobre as possibilidades de memória e criação neste contexto a partir de uma reflexão originada pelo paradoxo contemporâneo de compressão e obsessão de/por memória.

compressão da hesitação. Assim sendo, concordo com sua compreensão de que “a temporalidade contemporânea, frequentemente vivida como pura pressa, atropela a duração necessária que caracteriza o momento de compreender, a qual não se define pela marcação abstrata dos relógios.” (KEHL, 2009, p.119).

Como consequência, tal urgência de impulsos a “conclusões incompreendidas” promove “encontros falhados” (LOMBARDI, 2008 *apud* KEHL, 2009, p.116), obstruindo as condições de concretização de um momento de concluir afirmador do sujeito, reduzindo suas possibilidades de escolha, e aproximando-o de um funcionamento mais automático. Em síntese, a impossibilidade de apropriação do tempo enquanto duração implica na manutenção de uma dependência em relação ao tempo apressado da demanda do Outro. (Kehl, 2009)

A partir de sua vivência clínica de mais de 20 anos, Kehl (2009), defende a possibilidade de que o aumento no número de casos de depressão seja entendido como um sintoma social provocado pela “brutalidade da relação dos sujeitos contemporâneos com o tempo.” (ibid., p.17). Argumenta, ainda, que a depressão estaria substituindo na atualidade o lugar ocupado pela melancolia desde a Idade Média até o início da modernidade, representando “um sintoma social porque desfaz, lenta e silenciosamente, a teia de sentidos e de crenças que sustenta e ordena a vida social desta primeira década do século XXI.” (ibid., p.22).

Diferenciando melancólicos e depressivos, tal autora esclarece que, enquanto os primeiros representam a si mesmos como “sem futuro”, em virtude de uma subestimação do Outro para com eles no momento de sua constituição como sujeitos, os segundos inserem-se em um movimento contrário, recuando “na tentativa de adiar ao máximo o encontro com um Outro excessivamente voraz.” (ibid. p.21). Logo, a figura do depressivo associa-se, em tal perspectiva, a uma espécie de “revolta” diante de uma temporalidade que lhe nega possibilidades de construção de sentido para sua existência. Assim sendo, o consultório de psicanálise simboliza, para estes, um espaço de possível alívio onde a temporalidade pode ser experimentada de maneira distendida.

Na duração do tempo diacrônico instaurado por essa magia lenta que é a psicanálise, os depressivos se instalam aliviados, sem pressa, seguros de que é dessa temporalidade distendida que eles precisam para se libertar da pressão aniquiladora das demandas do Outro. (KEHL, 2009, p.119)

Portanto, se “é razoável supor que a temporalidade moderna sacrifica o sujeito a seus imperativos” (ibid, p.126), entendo que tal posicionamento da depressão como um sintoma social contemporâneo evidencia um exemplo de dos múltiplos reflexos derivados do fenômeno de compressão da hesitação. Neste sentido, sustento que nossas possibilidades de múltiplas experimentações temporais vêm sendo cada vez mais reduzidas – para não dizer comprimidas – já que a “cronologização” da experiência temporal na contemporaneidade impele um senso de urgência e equalização tão amplo e intenso, “que já não é possível conceber outras formas de estar no mundo que não sejam as da velocidade e da pressa.” (KEHL, 2009, p.123). Afirmer que nos vemos diante de um processo de compressão de nossas possibilidades de espera corresponde, portanto, a atestar que estamos inseridos em uma era de carência do tempo de compreender - esmagado pela força de uma velocidade que aproxima cada vez mais o instante de ver do momento de concluir.

Em um cenário marcado por características como individualismo, impessoalidade e aceleração, “são escassas as ocasiões que nos permitem outras formas de vivenciar os ritmos do corpo e os estados da mente que não os das sensações fugazes, das percepções e das decisões instantâneas.” (ibid. p.123). Dentre estes poucos exemplos, destaco – em concordância com Kehl (2009) – o dispositivo psicanalítico enquanto instrumento capaz de possibilitar a experimentação de uma temporalidade não cronológica, relaxada das demandas da vida prática; em suma, “uma temporalidade mais próxima da temporalidade da pulsação do sujeito do inconsciente.” (ibid., p.123)

Contudo, entendo que outros suportes possam e devam estar sendo acionados e apropriados em movimentos de busca pela experimentação de uma temporalidade mais distendida. É nesta linha de raciocínio e interpretação que estabeleço uma hipótese para a interpretação dos dados empíricos desta pesquisa. Inseridas em um contexto de demandas por desaceleração e por uma espécie de descompressão de sensibilidades possíveis, estariam tais iniciativas de viagem aqui enfocadas servindo como ferramentas na tentativa de descompressão de possibilidades de espera – e criação? Ora, se sim, tal qual ocorre nos movimentos relacionados à filosofia *Slow*, estas estratégias não parecem responder à celeridade com seu mero oposto. Foi seguindo nesta direção que busquei não somente verificar empiricamente a comprovação ou não desta linha de interpretação, mas também compreender como se processam as articulações, significações e apropriações imbuídas a estas jornadas. Enfim, objetivei compreender

em que medida tais empreitadas estariam sendo regidas por uma lógica descompressiva, tal como que outras lógicas poderiam estar influenciando e até mesmo norteando as trajetórias destes casais.

Adentrando o campo da memória social, compartilho com Kehl (2009) a apropriação do conceito bergsoniano de duração como instrumento teórico como pensar as interfaces entre nossa experiência subjetiva do tempo e nossa vida psíquica. Neste sentido, retomo alguns aspectos já trabalhados na seção anterior, visando complementá-los neste momento com minhas argumentações e reflexões acerca das relações estabelecidas entre compressão da hesitação e memória.

Conforme apresentei na seção anterior, a memória (imagem) representa para Bergson (1999) o elemento capaz de fornecer-nos um sentimento de continuidade entre passado, presente e futuro, sem o qual seríamos incapazes de atribuir significado ao vivido. Nesta mesma direção de entendimento, Kehl (2009, p.127) também afirma que “é ela quem nos dá alguma medida, tanto individual quanto coletiva, do fio do tempo, e estabelece uma consistente impressão de continuidade entre os infinitos instantes que compõem uma vida.”

Em sua carta de número 52 a Fliess, Sigmund Freud assinala que há, entre o sistema perceptivo e a consciência, três formas distintas de inscrições psíquicas: os signos perceptivos, as marcas mnêmicas inconscientes e as marcas mnêmicas pré-conscientes. Não pretendo aprofundar-me, aqui, nas diferenciações entre estes três tipos de registro, mas sim dar destaque ao fato de que somente a ligação entre estas três inscrições é “capaz de dotar a inesgotável sequência de instantes vividos da qualidade de uma história de vida ou [...] de uma experiência²⁹.” (KEHL, 2009, p.129). Logo, a memória, enquanto atualização de virtualidades (BERGSON, 1999) e prolongamento do antes no depois, assume um papel fundamental tanto para o registro do tempo vivido, quanto para sua significação.

Kehl (2009) chama atenção também para a relação estabelecida entre memória e consciência. Primeiramente, esclarece que o estado de inconsciência no qual se encontra a maioria das nossas lembranças até que sejam evocadas pela consciência não se confunde com o material de lembranças recalçadas, mas aproxima-se da condição de

²⁹ Buscarei associar mais adiante neste trabalho as possibilidades de descompressão das possibilidades de espera e criação a uma busca pela promoção de experiências, fundamentando-me nas reflexões benjaminianas sobre experiência.

virtualidade descrito por Bergson (1999). Em seguida, acrescenta que nosso acervo mnêmico permanece, em sua maior parte, sob um estado inconsciente justamente por conta de uma capacidade limitada da consciência de amparar estímulos, estando a maior parte do que entendemos como conhecimento consciente sujeita a longos períodos de latência. Apesar dessa restrição da consciência, ela seria - sob a forma da atenção consciente – uma das ferramentas mais solicitadas no veloz contexto contemporâneo. Isto porque é dela a responsabilidade e o peso de associar o psiquismo a um eterno presente, “vivido não como fruição do corpo e da mente em repouso, mas como prontidão e antecipação permanente do futuro próximo que se representa (e se esgota) no instante seguinte.” (KEHL, 2009, p.130).

Assim como Bergson (1999), que vê a consciência como um mecanismo de subtração do real orientado por interesses práticos³⁰, Freud (1976) também atribui ao sistema psíquico da percepção-consciência a função de “dirigir a atenção para os estímulos atuais, em obediência à necessidade de proteger as camadas mais profundas do psiquismo.” (KEHL, 2009, p.130)³¹. Nesse sentido, o duplo papel da consciência em Bergson (1999)³², aproxima-se da localização do sistema percepção-consciência entre os estímulos do mundo exterior e as sensações de prazer e desprazer advindas do interior em Freud (2006).

É interessante destacar, ainda, que para este último autor, a consciência configura “uma camada que protege³³, com a própria morte de parte de seus receptores sensíveis, as outras camadas ditas ‘mais profundas’, dos impactos do mundo externo.” (KEHL, 2009, p.134-135) Assim sendo, para atender às demandas superestimulantes do mundo exterior, a atenção consciente desencadeia uma inibição momentânea das funções de rememoração. Isto porque, conforme explica Kehl (2009, p.131), quando excessivamente solicitada, a consciência encarrega-se “de bloquear a ligação com as marcas mnêmicas – como se pudesse, dessa forma, ater-se ao *puro instante presente*”. Assemelha-se, então, a um funcionamento automático ou mecânico, restrito ao instante,

³⁰ Vale lembrar que para este autor o tempo presente está associado à noção de utilidade.

³¹ Seguindo tal caminho de reflexão e interpretação, a própria cronologização do tempo seria, então, resultante de mais um trabalho de subtração/ limitação consciente orientado para a adaptação do eu às exigências da realidade, ou como prefere Bergson (1999), para os interesses práticos do ser.

³² Defendo que as perspectivas bergsonianas e freudianas sobre memória e consciência possam ser compatibilizadas, ainda que possam apresentar particularidades diferenciáveis. Neste sentido, entendo, por exemplo, a própria perlaboração psicanalítica como um processo de atualização de virtualidades.

³³ É possível observar aqui uma aproximação entre este funcionamento da consciência descrito por Freud (2006) e a atuação do que Simmel (2005a) chamou de entendimento no homem moderno.

o qual afirmo poder ser relacionado com a noção de *percepção pura*³⁴ em Bergson (1999), ou seja, uma percepção da qual a memória estaria fortemente separada.

Em suma, isso significa dizer que, assim como o mecanismo do recalque³⁵, a sobrecarga da consciência oriunda do excesso de estímulos externos seria responsável pelo bloqueio das ligações entre as marcas mnêmicas, impedindo a concretização do funcionamento rememorativo – ou, como diria Bergson (1999), da atualização de virtualidades na consciência. Tais processos impediriam, assim, que o sujeito pudesse reconhecer-se em uma continuidade entre passado e presente. Logo, produzida pela ligação entre as três formas de marcas mnêmicas supracitadas, a apropriação da duração – sob a forma da memória – demandaria um grau de repouso do aparato psíquico (Freud, 2006) ou ainda, um distanciamento dos interesses práticos (Bergson, 1999).

Considerando, ainda, sua tarefa consciente de registro da passagem do tempo – sob sua forma abstrata e espacializada –, Kehl (2009) observa que

nossa noção do tempo depende inteiramente do maior ou menor grau de vigilância, ou de abandono da consciência. [Logo], o tempo contemplativo experimentado em momentos de menor atividade do sistema P-Cc³⁶, carece de velocidade na proporção inversa do nosso sentimento de não tê-lo visto passar.

Neste sentido, o alto grau de vigilância da consciência demandado pelos estímulos cada vez mais exacerbados e pelo encurtamento dos intervalos possíveis entre percepção e resposta corresponde a uma temporalidade agonizante e vazia. Os depressivos, ícones deste funcionamento desestabilizador, simbolizam não somente um exemplo de sintoma social da compressão da hesitação, mas também um caminho – ainda que de questionável êxito – em direção a uma espécie de revolta subjetivo-temporal.

O empobrecimento da memória necessário à dedicação externa da atenção consciente resulta, então, na falta de um sentido de continuidade, ou seja, de uma permanência do passado no presente fundamental às possibilidades de atribuição de

³⁴ Ainda que este filósofo a apresente apenas sob um caráter ilustrativo e não concretizável.

³⁵ Noção que representaria o mecanismo através do qual seriam mantidas no inconsciente as ideias e representações ligadas às pulsões cuja realização afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico individual, transformando-se em fonte de desprazer. (ROUDINESCO & PLOM, 1998).

³⁶ Sigla usada por Kehl (2009) para referir-se ao sistema percepção-consciência.

significado ao vivido. Sugiro dizer que falar em compressão da hesitação corresponde, portanto, a falar em uma compressão de memória, a qual, por sua vez, está significativamente relacionada ao declínio da experiência na modernidade descrito por Benjamin (1994).

Nesta seção, dediquei-me à fundamentação de minha proposição acerca da existência de uma compressão de nossas possibilidades de espera. Parti do conceito bergsoniano de intervalo de hesitação (ou centro de indeterminação) e apoiei-me, posteriormente, nas perspectivas psicanalíticas de Kehl (2009), com quem compartilho uma significativa preocupação acerca do atropelamento de nossas possibilidades de existência pela velocidade extenuante da vida cotidiana.

Mal nos damos conta dela, a banal velocidade da vida, até que algum mau encontro venha a revelar a sua face mortífera. Mortífera não apenas contra a vida do corpo, em casos extremos, mas também contra a delicadeza inegociável da vida psíquica. (KEHL, 2009, p.17)

A partir do apanhado teórico apresentado neste capítulo, sustento que a compressão da hesitação seja um fenômeno legitimamente apontável e de grande relevância em sua conceituação. Defendo também que a aplicação das noções bergsonianas de duração e de centro de indeterminação contribuem para a fundamentação de um conceito que cristaliza e condensa descrições de processos apontados por outros autores e em outros contextos. Por fim, atesto que ao confundirmos o tempo cronológico abstrato e orientado para interesses práticos com o tempo do vivido – ou da duração -, deixamo-nos nortear por um funcionamento que impele um estado de atenção constante, onde são comprimidas nossas possibilidades de espera, meditação, memória e criação. Daí a generalização de um mal-estar que assume paradoxalmente uma posição normativa e abominável.

3. MEMÓRIAS POSSÍVEIS

No tópico anterior, busquei sustentar a proposição do conceito de compressão da hesitação através da apropriação e do apoio de perspectivas filosóficas e psicanalíticas. Partindo do conceito bergsoniano de intervalo de indeterminação ou hesitação, demonstrei que as demandas contemporâneas por respostas cada vez mais imediatistas estariam encurtando estes intervalos contidos entre estímulo e resposta – ou ainda, entre percepção e ação.

Argumentei, por fim, que tal compressão de nossas possibilidades de espera estaria associada a uma sobrecarga da consciência (sistema percepção-consciência) enquanto instância psíquica responsável pelo amortecimento de estímulos externos e proteção das demais camadas. Paralelamente, em razão da exacerbação desta demanda por uma vigilância consciente constante, nossas funções memoriais estariam sendo reprimidas; falar em uma compressão da hesitação corresponderia, portanto, a falar em uma *compressão de memória*.

Neste capítulo abordo, portanto, a intrigante e paradoxal combinação entre processos de compressão e proliferação de memórias. Em constante diálogo com as observações de Huyssen (2000) acerca da ascensão de uma obsessão memorial nas últimas décadas, problematizo processos de musealização “de tudo e todos”, buscando contrastar sua lógica de “retenção” com uma perspectiva criativa de rememoração.

Concluo que, por um lado, a memória que *produzimos* – ou, ainda, a instância de memória que promovemos – na atualidade é essa de um acúmulo temeroso e exacerbado que busca, na fantasia de uma retenção, a conquista de um sentimento de alívio e segurança. Por outro, a valorização de uma dimensão criativa de rememoração representaria uma oportunidade de criação que só se faria possível justamente a partir da atualização de passados – que justamente por terem passado, convertem-se em – virtuais.

3.1 Pensando tempos e espaços da memória na contemporaneidade

“Os computadores, dizem, poderão não saber reconhecer a diferença entre o ano 2000 e o ano 1900 – mas nós sabemos?” (HUYSSSEN, 2000, p.24-25)

“Os robôs já existem, é preciso reinventar os humanos.”
(Eliane Brum – “A delicadeza dos dias”)

Ora, se é plausível a associação da dupla constituída pela aceleração do tempo e pela exacerbação dos estímulos a uma espécie de compressão memorial, não é razoável, por outro lado, que se confunda este fenômeno com uma amnésia total e generalizada. Dessa forma, algumas outras questões decorrem destes processos, não podendo ser desprezadas. Afinal, que memória é essa que *produzimos* a partir deste contexto de intensidades tão avassaladoras? E por outro lado, considerando a polissemia inerente à memória (GONDAR, 2005) enquanto conceito complexo, não consensual e portador de múltiplas vozes, que forma rememorativa seria essa, alvo da compressão contemporânea? No caminho para a elucidação destas questões, esbarro inevitavelmente e logo de início com uma intrigante e paradoxal combinação entre os processos de compressão e proliferação de memória.

Profundamente atrelado à aceleração temporal que comprime gradativamente o presente, o desenvolvimento de uma *cultura da memória* marca o cenário contemporâneo, evidenciando novas formas de relacionamento entre homem, tempo, espaço, cultura e tecnologia. Conforme aponta Huyssen (2000), “um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais.” (HUYSSSEN, 2000, p.9)

Huyssen (ibid., p.10) explica que “discursos de memória de um novo tipo emergiram pela primeira vez no ocidente depois da década de 1960, no rastro da descolonização e dos novos movimentos sociais em sua busca por histórias alternativas e revisionistas.” Mais adiante, já na década de 1980, inserido em um amplo processo de recodificação do passado marcado por múltiplas declarações de “fim”³⁷, um *boom* de memória irrompera na Europa e nos Estados Unidos, impulsionado pelo debate cada vez mais amplo sobre o Holocausto e pelo posterior movimento testemunhal.

³⁷ Fim da história, da obra de arte, das metanarrativas, morte do sujeito.

Ademais, como bem demonstra este mesmo autor, este *boom* memorial não estaria restrito a questões traumáticas de caráter global ou local, mas representa uma característica fundamental de comportamentos e funcionamentos contemporâneos. Dentre algumas de suas principais manifestações, podem ser destacadas: ondas de consumo de produtos *retrô*³⁸ e *vintage*, restaurações historicizantes, crescentes discussões sobre o trauma na psicanálise e até mesmo uma fascinação mundial com o naufrágio do transatlântico *Titanic*. Ainda quanto a este último aspecto, Huyssen (2000, p.15) comenta: “de fato, não se pode ter certeza se o sucesso internacional do *Titanic* é uma metáfora de memórias de uma modernidade que deu errado ou se ele articula as próprias ansiedades da metrópole sobre o futuro deslocado para o passado.”

Adicionada a estas ocorrências, uma marcha musealizante de tudo e todos se infiltra amplamente na vida cotidiana, cristalizando uma espécie de demanda por recordação total. Se há 20 anos era comum para uma criança de classe média a constituição de um único álbum de fotos como lembrança de seu primeiro ano vivido, hoje em dia, uma mesma quantidade de registros é atingida em apenas algumas horas ou pelo menos nos primeiros dias de vida.

Não há dúvida de que o mundo está sendo musealizado e que todos nós representamos os nossos papéis neste processo. É como se o objetivo fosse conseguir a recordação total. Trata-se, então, da fantasia de um arquivista maluco? Ou há, talvez, algo mais para ser discutido neste desejo de puxar todos esses vários passados para o presente? Algo que seja, de fato, *específico à estruturação da memória e da temporalidade de hoje e que não tenha sido experimentado do mesmo modo nas épocas passadas.* (HUYSSSEN, 2000, p.15)

A cultura contemporânea da memória apoia-se, portanto, no surgimento e na disseminação das novas tecnologias de mídia apropriadas, por sua vez, como “veículos de rememoração”. Como exemplo emblemático, é possível elencar a febre de compartilhamentos observável atualmente com as redes sociais. Apoiados em uma ampla e crescente disponibilidade de tecnologias e suportes exteriores, estamos produzindo uma verdadeira avalanche de registros, a qual implica em algumas questões problemáticas. Primeiramente, tais documentações cotidianas estão sendo praticadas mediante o mínimo processamento dos estímulos inicialmente percebidos e retidos;

³⁸ A expressão *vintage* diz respeito a itens ou objetos de antiguidade, pertencentes a outra época do passado. Já os itens *retrô* representam artefactos ou práticas atuais que apropriam-se ou apresentam características inspiradas em períodos ou movimentos culturais passados.

estamos registrando “experiências” sem (ou ao menos antes de) experimentá-las. Cabe aqui destacar que este processo corrobora as construções argumentativas nas quais fundamentei a proposição e estruturação de um fenômeno de compressão da hesitação. Assim, conforme sustentei anteriormente, ao termos encolhidas nossas possibilidades de meditação e processamento de estímulos, estamos sendo lançados em direção a conclusões (ou ações) precipitadas e não emancipatórias.

Além disso, a crescente externalização da memória em suportes supraindividuais gera, ainda, conflitos e temores quanto às possibilidades e os perigos do esquecimento. Por um lado, os suportes materiais de memória – que tanto expandem as capacidades humanas de armazenamento e registro de dados – são passíveis de deteriorações, apagamentos e danos irreversíveis, colocando, seus conteúdos sob risco de permanente esquecimento. Em contrapartida, as rápidas ampliações e disseminações destas ferramentas de suporte material da memória contribuem não somente para uma ampla musealização cotidiana, mas também para que sejam nelas depositadas uma “responsabilidade de lembrar” que já não é mais “cobrada” – e nem poderia ser, em tal volume – da mente humana. (LE GOFF, 1996)

Dito isto, é interessante ressaltar que, ainda que seja moldada e diretamente influenciada pela emergência destas novas ferramentas, a memória não está e nem deverá estar restrita a este instrumental, não devendo também ser dividida dicotomicamente entre “real” e “virtual”. Assim, apoiando-me nas perspectivas bergsonianas previamente elencadas e concordando ainda com Huyssen (2000, p.37), entendo que toda memória seja “ativa, viva, incorporada no social [...], virtual por sua própria natureza.”

Esta “fantasia de um arquivista maluco” em busca de uma “recordação total” reflete, então, um “intenso pânico público frente ao esquecimento” (ibid., p.19), impondo intrigantes questões sobre o relacionamento entre memória e esquecimento. Seria o medo do esquecimento o estopim para o desenvolvimento de uma obsessão social pela lembrança, ou seria este processo justamente o inverso? “É possível que o excesso de memória nessa cultura saturada de mídia crie uma tal sobrecarga que o próprio sistema de memórias fique em perigo constante de implosão, disparando, portanto, o medo do esquecimento?” (HUYSSSEN, 2000, p.19)

Antes de esboçar aqui algumas hipóteses com o intuito de contribuir para uma melhor compreensão desta obsessão contemporânea, saliento que perspectivas temerosas como estas fundamentam-se em um suposto posicionamento antagônico das noções de memória e de esquecimento; o esquecimento assume, assim, o papel de grande vilão a ser combatido em uma era marcada pela necessidade – e pela demanda – de lembranças.

Ao invés disso, rejeitando tal radicalização, aproximo-me da compreensão de Huyssen (2000) que, ao aparar-se em perspectivas freudianas, enfatiza a necessidade de reconhecimento de uma relação de interdependência entre memória e esquecimento. Afinal, enquanto as funções rememorativas implicam inerentemente alguma forma de esquecimento – e desde Halbwachs (1990) já temos ciência de um trabalho de seleção realizado por esta faculdade – o próprio esquecimento, por sua vez, poderia significar apenas uma outra forma de lembrar – vide o caso do conteúdo recalçado em psicanálise. Compreendo, então, que “[...] o que Freud descreveu como os processos psíquicos da recordação, recalque e esquecimento em um indivíduo vale também para as sociedades de consumo contemporâneas [...].” (HUYSSSEN, 2000, p.18)

Além disso, quanto maior a compressão do presente pela aceleração “consumista” do tempo, menor seria o grau de coesão e a estabilidade por ele proporcionado às identidades e aos assuntos contemporâneos. Em vista disso, estratégias públicas e privadas de rememoração são instrumentalizadas para fins de ancoragem “em um mundo caracterizado por uma crescente instabilidade do tempo e pelo faturamento do espaço vivido”. (HUYSSSEN, 2000, p.20)

Sendo assim,

mesmo onde as práticas de memória cultural não tem um foco explicitamente político, elas expressam o fato de que a sociedade precisa de ancoragem temporal, numa época em que, no despertar da revolução da informação e numa sempre crescente compressão do espaço-tempo, a relação entre passado, presente e futuro está sendo transformada para além do reconhecimento. (ibid., p.36)

Entendo, portanto, que tal busca por estabilidade em torno de identificações e memórias reflete uma demanda social por alguma medida de desaceleração, originando-

se em sentimento generalizado de mal-estar que condiz com o fenômeno de compressão da hesitação previamente apresentado. Como bem descreve Huyssen (2000, p. 32),

Nosso mal-estar parece fluir de uma sobrecarga informacional e perceptual combinada com uma aceleração cultural, com as quais nem a nossa psique nem os nossos sentimentos estão bem equipados para lidar. Quanto mais rápido somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar e mais nos voltamos para a memória em busca de conforto.

Contudo, ainda em concordância com este autor, entendo que tais estratégias de abundante produção de registros representam apenas tentativas de compensação, influenciadas por um sentimento de perda das tradições vividas e dos meios de memória. Implicam, portanto, em proposições que alimentam nostalgias muitas vezes idealizadas, já que “talvez, tais dias tenham sido sempre mais sonho do que realidade, uma fantasmagoria de perda gerada mais pela modernidade do que por sua pré-história.” (ibid., p.30).

Em contraste com perspectivas compensatórias como estas, aproximo-me das proposições de Huyssen (2000) ao entender que o cerne destes argumentos deveria ser deslocado do problema da perda para o das transformações. Faz-se necessário, portanto, o reconhecimento de que uma busca por estabilidade através da produção de um imenso volume memorial traz apenas uma ilusão de segurança, já que estratégias conservadoras como estas não reconhecem na indústria cultural e na mídia contemporâneas seu caráter inerentemente desestabilizador. Logo, “a própria musealização é sugada neste cada vez mais veloz redemoinho de imagens, espetáculos e eventos e, portanto, está sempre em perigo de perder a sua capacidade de garantir a estabilidade cultural ao longo do tempo.” (ibid., p.30)

Mas, então, como seria possível alcançar alguma possibilidade de alívio – não só momentâneo, mas revolucionário - diante de uma dinâmica temporal tão avassaladora? Assim como Huyssen (ibid.), compreendo que o caminho para uma relação menos insalubre com o tempo e com a memória não perpassa cultivo nostálgico de uma espécie de era de ouro. Ao invés disso, sustento que sua construção se alinhe a estratégias capazes de reestabelecer, dentro da extenuante temporalidade contemporânea, algum sentimento de continuidade – e não necessariamente de estabilidade; tarefa esta

vinculada a um condicionamento de possibilidades de espera, indeterminação, criação e memória.

Vale esclarecer, contudo, que a rejeição de uma idealização compensatória de um passado “que nunca foi”, não implica nem a sustentação de um lamento conformista em relação às condições atuais, nem a negação da importância do passado para o presente e para o futuro. Longe disso, tal postura ressalta a relevância de uma reflexão crítica acerca das condições possíveis às experiências subjetivo-temporais na atualidade, buscando contribuir para a elaboração de estratégias de ampliação destes intervalos existentes entre estímulo e resposta. Tal como propôs Benjamin (1994) ao lamentar a morte da experiência para depois ponderar - e até exaltar - as possibilidades de criação a partir da catástrofe ou da pobreza, entendo que devemos pensar, então, em *como* viabilizar experiências temporais menos angustiantes e mais emancipatórias.

E é justamente neste ponto que, depois de tanto identificar-me com a leitura de Huyssen (2000) acerca desta cultura contemporânea da memória, permito-me discordar dos caminhos por ele propostos para uma reconfiguração da relação homem-tempo-memória. Preocupando-se com um esgotamento de “passados” em virtude do impressionante volume de memórias *produzido* por sociedades marcadas por medo e insegurança, tal autor sugere que estabeleçamos uma distinção entre passados “usáveis” e “descartáveis”. Pautando-se em Nietzsche (2009), desdobra ainda sua argumentação concluindo que precisamos almejar, então, não um esquecimento produtivo, mas sim uma rememoração produtiva. Conforme suas palavras:.

Claramente, a febre de memória das sociedades midiáticas ocidentais não é uma febre de consumo histórico no sentido dado em Nietzsche, a qual podia ser curada com o esquecimento produtivo. É mais uma febre mnemônica provocada pelo cibervírus da amnésia que, de tempos em tempos, ameaça consumir a própria memória. Portanto, agora nós precisamos mais de uma rememoração produtiva do que de esquecimento produtivo. (HUYSSSEN, 2000, p.35)

Huyssen (ibid.) apresenta neste ponto uma abordagem utilitarista da memória e do tempo a qual considero, no mínimo, questionável. Neste sentido, se acerta na relativização das condições de espetacularização e mercadorização da memória, reconhecendo a existência de múltiplas possibilidades de rememoração e representação

do real, peca em não expandir tal tratamento às suas propostas tanto de conduta presente quanto de ação para o futuro.

Assim sendo, enumero aqui alguns dos pontos que julgo problemáticos em suas recomendações. Em primeiro lugar, considero que tal autor tenha falhado em não problematizar esse caráter de “serventia” do passado, desprezando inúmeros questionamentos fundamentais que, quando elencados, já expõem o equívoco desta concepção. Afinal: passados “usáveis” para quem? Quem seriam os detentores de um poder de determinação do caráter de utilidade atribuído a um ou mais passados? Como esse caráter seria determinado, ou mesmo, em referência a que parâmetros? E mais, ainda que fosse aceita tal abordagem utilitarista da memória, seria ela efetivamente *produtiva*?

Neste sentido, faz-se necessário o reconhecimento da constituição de uma espécie de *produtivismo temporal* como justamente uma das marcas destes processos cerceadores que comprometem e limitam possibilidades de experiências temporais mais *indeterminadas* -, conseqüentemente, restringindo potenciais rememorativos. Isso porque, estando diretamente relacionadas à lógica capitalista-consumista da velocidade, a aceleração temporal e a compressão do presente promovem obsolências cada vez mais apressadas, provocando um mal-estar generalizado; vemo-nos, assim, diante de um mar de sujeitos comprimidos.

Outrossim, além de apresentar furos em sua constituição problematizante, tal proposta pragmática se quer se faria eficaz uma vez que, mantendo o *status quo* produtivista da aceleração, alimentaria a lógica da celeridade que comprime condições de hesitação. Acabaria, por fim, por colaborar com a promoção dos vastos sintomas sociais já observáveis no cenário atual, os quais abrangem desde a proliferação de casos de depressão, até a própria obsessão pela memória – ambos reflexos de uma relação insalubre entre homem e tempo.

Considero, ainda, que Huyssen (2000) tenha pecado em mais dois aspectos elementares. De uma maneira geral, apresenta uma enunciação superficializada, deixando de aprofundar a explicação do que consistiria esta noção de “rememoração produtiva” e de como ela poderia ser alcançada. Além disso, em minha percepção, fundamenta tal proposição em uma visão leviana e reducionista da memória, limitando-a um elemento puramente utilitário e desconsiderando o potencial criativo nela contido – e, em minha leitura, atualmente comprimido.

Em uma resposta preliminar às questões que levantei no início desta seção, concluo que a memória característica desta veloz e intensa contemporaneidade é justamente uma *memória produzida*, resultante de altos níveis de insegurança e de um medo duplo – tanto do esquecimento, quanto do futuro. Ela reflete, portanto, o amplo mal estar gerado por uma impossibilidade de meditação que nos impele a conclusões inconsequentes e precipitadas, deixando-nos vulneráveis diante de uma multidão de instantes descontinuados que não se constitui em *duração*. É justamente por isso que mesmo com um preenchimento cada vez mais absoluto do tempo – sob a forma de uma compulsão à ocupação (Türcke, 2010) –, espraiam-se, simultaneamente, sentimentos de nulidade e tentativas desesperadas de afirmação de condições de vitalidade e existência; estamos vivos, mas impossibilitados – ou, ao menos, cerceados em nossas chances – de viver o tempo do vivido.

Logo, se a memória que *produzimos* é essa de um acúmulo temeroso e exacerbado que busca, na fantasia de uma recordação total, a conquista de um sentimento de segurança, alívio e continuidade nunca alcançado, qual seria, então, a modalidade – ou melhor, a *instância* – de memória *comprimida* nos dias de hoje? Dando continuidade às argumentações já dedicadas à compressão da hesitação, sustento que estamos reprimindo socialmente aquela condição rememorativa que, como na memória-imagem bergsoniana, é capaz de atualizar virtualidades, constituindo, assim, um senso de continuidade entre passado, presente e futuro. Segundo Kehl (2009), ao submetermos nossas funções rememorativas às incessantes demandas mercadológicas por novidades, alimentamos um processo de produção frenética de passados consumíveis, mas não através da oxigenação do potencial criativo e emancipatório da memória.

Conforme explicitado por Oliveira (2013), a disseminação do medo do esquecimento e a conseqüente multiplicação da memória observáveis na atualidade, precipitam um amplo mercado onde subjetividades são apresentadas – e consumidas – como produtos. “São pequenos e fugazes modelos, consumidos e muitas vezes, jogados fora em prol das novidades da moda.” (ibid., p. 127) Assim, o declínio da experiência já apontada por Benjamin (1994) torna “os indivíduos disponíveis para aceitar qualquer coisa que lhes seja apresentada sob a forma de novidade.” (KEHL, 2009, p.156)

Neste sentido, aproveitando-se desta crescente demanda por identificações provedoras de conforto e estabilidade, o mercado empenha-se rapidamente

na produção de kits de perfis-padrão [...] para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural, etc. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade. (ROLNIK, 1997, p.19)

Embora esse suposto caráter de prévia fixidez identitária mencionado por Rolnik (1997) deva ser questionado - já que, ao menos nas Ciências Sociais, as identidades já vêm sendo amplamente assumidas como elementos inerentemente processuais, dinâmicos e constituídos a partir da interação com a alteridade -, a produção e o consumo de “perfis-padrão” apontados por esta autora evidenciam justamente este condicionamento de automatismo e cerceamento da criação mediante o qual a memória estaria sendo submetida à lógica capitalista da velocidade e da novidade. [...] “Consome-se a subjetividade necessária para cada mercado, correspondente a cada diferente exigência do mercado das relações, incluindo neste grande pacote, a memória social.” (OLIVEIRA, 2013, p. 127)

Das limitações e dificuldades de assimilação destes novos modos de subjetivação deriva, então, uma “sensação de que se está definhando, perdendo valores, essências, ou seja, de *que não se está existindo*” (ibid.). Em meio a um generalizado sentimento de instabilidade, tal condição garante - ainda que por tempo indeterminado - o sucesso deste mercado do pânico e da insegurança, alimentado pela impossibilidade de meditação.

Sem grandes normas fixas e orientadoras, os consultórios andam cheios de uma demanda vertiginosa, havendo um abuso dos psicofarmacos da cura deste problema tratado como apenas neurológico/hormonal, as prateleiras andam cheias de autoajuda, as religiões reagem e conquistam novos fiéis. (OLIVEIRA, 2013, p.127)

É neste sentido que, em consonância com Oliveira (2013) sustento que o caminho para a viabilização de formas alternativas de experiências subjetivo-temporais deva perpassar a construção e promoção de estratégias de *rememoração criativa* e não produtiva. Contudo, com o objetivo de não cair no mesmo problema do que considero em Huyssen (2000) como uma enunciação superficializada, estendo minhas reflexões a mais um desdobramento necessário: qual seria, então, a direção a seguir no

perseguição de uma lembrança criativa? Ao rejeitar a proposta deste autor acerca de uma lembrança produtiva, imponho-me aqui a responsabilidade de apresentar não somente uma contraproposta alternativa, como também uma argumentação a esta referida.

Na seção anterior, abordei o exemplo das depressões apresentado por Kehl (2009) enquanto manifestação de uma espécie de revolta temporal. Ainda que a proficuidade destas manifestações possa ser questionável e bastante relativa, sua configuração como sintoma social marca tentativas de “retorno³⁹” de uma temporalidade recalcada. “O tempo vazio do depressivo recusa a urgência da vida contemporânea e remete a um outro modo de viver o tempo, que a modernidade recalculou ou, pelo menos, reprimiu.” (KEHL, 2009, p.135)

Assim, a brutalidade desta velocidade temporal contemporânea encontra na depressão a construção de tentativas de resposta que se constituem a partir de sua negação, lhe contestando com a moeda do seu oposto. Mas, seria possível pensarmos, afinal, em modalidades menos maniqueístas de relacionamento com o tempo, de onde possam emergir estratégias de reação fundamentadas em uma concepção menos bipolarizada desta questão?

É neste seguimento que valho-me novamente da filosofia intuicionista apresentada pelo filósofo francês Henri Bergson, entendendo que uma lembrança criativa seria aquela que se relaciona com uma descompressão dos intervalos possíveis entre estímulos e respostas. Como já indiquei anteriormente, tal método pressupõe a combinação de um distanciamento dos interesses práticos com a valorização do supostamente inútil - condição esta observável no comportamento de artistas.

[...] devido justamente a essa sua percepção mais desligada, ele [o artista] é muito mais permeável à força da ação das coisas e dos seres sobre si. As oportunidades para criação lhe são mais favoráveis [...] devido justamente à sua própria natureza, a sua percepção mais desimpedida do real. (JOHANSON, 2004, p.27)

A intuição consiste, por conseguinte, em uma expansão sensível capaz de ampliar concomitantemente possibilidades de apreensão do real e de promoção da criação. Neste sentido, entendo que tal pensamento esteja em consonância com as

³⁹ Refiro-me, aqui, à noção freudiana de “retorno do recalcado”.

perspectivas de Baudelaire (2010) as quais convocam o indivíduo moderno a uma aproximação da sensibilidade. A partir da leitura do conto “O homem da multidão” de Edgar Allan Poe, tal poeta reconhece no herói convalescente desta narrativa uma reconfiguração de olhar que o aproximaria da natureza da criança.

Ora, a convalescença é como uma volta a infância. O convalescente goza, no mais alto grau, como a criança, da faculdade de se interessar intensamente pelas coisas, mesmo por aquelas que se mostram aparentemente as mais triviais. [...] A criança vê tudo como *novidade*; ela sempre está inebriada. [...] O homem de gênio tem nervos sólidos; na criança, eles são fracos. Naquele, a razão ganhou um lugar considerável; nesta, a sensibilidade ocupa quase todo o seu ser. (BAUDELAIRE, 2010, p.168-169)

Criança e convalescente compartilham, nesta perspectiva, de uma condição de experimentação diferenciada do real já atrelada anteriormente à figura do artista. Além disso, conforme destaca Gagnebin (1997), esta busca incessante pelo “novo” representa, para Baudelaire, uma convicção fundamental, símbolo da verdadeira arte. Dessa forma, ao invés de cristalizado em uma substância encontrável em coisas novas a serem procuradas, o novo corresponde, para ele, a “uma certa qualidade do olhar, própria do artista, do convalescente e da criança, olhar ao mesmo tempo privilegiado e profundamente antinatural, [...] anormal, quase doente.” (ibid., p.145).

Nesta leitura, a razão assume o duplo papel de, por um lado, possibilitar a expressão, e por outro, de embarreirar encontros com o novo. Logo, a poesia de Baudelaire é “atravessada pela tensão dessa busca voluntária, organizada, da novidade e da embriaguez [...]” (ibid.) situada em algum ponto entre razão e sensibilidade. Ademais, compreendendo a obra de arte “como aquilo que dura e perdura em oposição ao transitório e ao fugidio” (ibid, p.146), Baudelaire rejeita um funcionamento artístico mimético, orientado para uma reprodução da natureza. Ao invés disso, defende o desenvolvimento de uma “arte mnemônica” (GAGNEBIN, 1997, p.147), ou seja, de uma criação mediada pela memória e pela imaginação.

A intenção e a preocupação expressas nesta concepção não são, portanto, as de retenção de passados, voltada, por sua vez, para a evitação de sua morte – como parece ser o caso da temerosa obsessão por memória na atualidade. Ao contrário, pressupõem justamente uma criação a partir de seu perecimento e, em suma, do reconhecimento de sua própria finitude. “Em outras palavras: o real precisa ter morrido para poder

ressuscitar na memória, adquirir uma outra vida que o salve do esquecimento [...]” (ibid.)

Entendo que tais perspectivas aproximam-se, portanto, por reconhecerem na memória um elemento de mediação criativa emancipatório e capaz de (re)estabelecer sentidos e continuidades; em suma, atualizando virtualidades, conectando passado, presente e futuro. Neste sentido, contemplo nelas um grande potencial de contribuição para o complexo e longo caminho que o desenvolvimento de formas alternativas de relacionamento com tempo e memória demanda.

Assumidas como reflexos - ou sintomas – da brutalidade de nossa relação com o tempo, memórias *produzidas* a partir temores e buscas ilusórias por estabilidade perpetuariam – e até alimentariam – um mal-estar generalizado permeado por um sentimento de anulação da existência. Entendo que tal obsessão por registros serve a tentativas de afirmação existencial inseridas em um contexto que beira um funcionamento de *desmentido social*⁴⁰ - onde a legitimação de angústias, anseios e sentimentos parece cada vez mais alvo de uma acirrada disputa.

Em outras palavras, entendo que rememorar criativamente significa conceder ao tempo a chance de ser experimentado enquanto duração. “Trata-se de recusar a vida ausente da experiência capaz de criar uma memória ativa, original, aberta e que afirme a virtualidade que nos possibilite tornarmo-nos outros.” (OLIVEIRA, 2013, p.130-131)

Ainda que encontremos nos depressivos um exemplo de uma revolta temporal que tenta combater a aceleração com uma espécie de oposição binária, entendo que inúmeras outras estratégias de reconfiguração de experiências subjetivas do tempo possam estar emergindo como contra respostas ao extenuante panorama contemporâneo. Neste sentido, busquei orientar a condução de meu trabalho de campo e as posteriores análises dos materiais construídos na hipótese de que as iniciativas do casal Spencer e de Eduardo e Mônica simbolizariam estratégias empregadas – em alguma medida – na tentativa de descompressão de possibilidades de hesitação e criação. Esclareço que, enquanto uma *hipótese intuitiva*, tal suposição foi colocado à prova em campo, abrindo

⁴⁰ Faço aqui referência ao conceito de “desmentido” em Ferenczi (1992), sugerindo sua ampliação enquanto interessante instrumento metafórico para pensar o contexto social aqui trabalhado. Para este autor, “o desmentido, fundamental para que haja um trauma, é entendido como a negação, por parte do adulto que ouve a criança, de que algo abusivo de fato aconteceu com ela.” (FAVEIRO & RUDGE, 2009, p.172)

também espaço para a emergência de outros caminhos capazes de auxiliar a elucidação dos sentidos atribuídos por tais casais às suas jornadas .

Por fim, saliento que, longe de presunçosamente almejar o esgotamento do enorme desafio em que consiste o desenvolvimento de estratégias alternativas de relacionamento com esta temporalidade avassaladora, as argumentações e reflexões aqui apresentadas apenas repercutem meu interesse em cooperar para o que considero um processo extremamente amplo e complexo de transformação. Na realidade, acredito que todo o processo de desenvolvimento desta pesquisa, assim como seus resultados deverão contribuir para o enriquecimento destas ponderações e das possibilidades de construção de novas propostas a partir delas.

4. EMBARCANDO: OBJETOS, METODOLOGIA E REFLEXÕES INICIAIS

Apresentados o caminho de escolha do tema e construção da problemática, tal como as questões e os objetivos da pesquisa, neste capítulo convido meu leitor a embarcar com destino ao conhecimento das iniciativas de viagem pesquisadas. Início minha escrita, contudo, buscando delinear o contexto de demandas por desaceleração, conexão e meditação no qual estes casos parecem estar inseridos.

Assim, dedico-me na primeira seção deste capítulo à exploração de movimentos associados à filosofia *Slow*, dentre os quais destacam-se o *Slow Food*, o *Citta Slow* e o *Slow Travel*. Em seguida, forneço uma breve apresentação dos casos “Viajo, logo existo” e “Eduardo e Mônica”, buscando apenas situar preliminarmente meu leitor acerca de tais empreitadas. Procurando sinalizar alguns aspectos que me chamaram atenção ao longo deste acompanhamento, destaco que enquanto no “Viajo, logo existo” sua configuração no formato de um “projeto institucionalizado” chama atenção, no caso de Eduardo e Mônica são as reflexões sobre sua relação com o tempo que assumem um papel de destaque.

Por fim, apresento nas últimas seções as abordagens metodológicas eleitas, fundamentando-as tanto nas limitações e oportunidades observadas na entrada e delimitação do campo, quanto em reflexões acerca da aplicabilidade do método etnográfico a meios digitais. Sustento que a partir do reconhecimento das limitações e particularidades do campo aqui trabalhado, a apropriação e aplicação do método etnográfico conduzido a partir de uma abordagem etnobiográfica conformar-se como alternativa não só adequada, mas também profícua.

4.1. A vida não para: a emergência de uma sintomática descompressiva

“É preciso desacontecer um pouco para ser capaz de alcançar a delicadeza dos dias.” (Eliane Brum)

Excesso e aceleração: duas palavras marcantes da modernidade que no cenário contemporâneo assumem ainda mais um posto de condição normativa. A multiplicação de estímulos impulsionada pela formação dos grandes centros, associada, por sua vez, à exacerbação de demandas cada vez mais imediatistas, conformam um panorama onde celeridade e sucesso são vendidos como supostos melhores amigos. “No mundo da velocidade, o sujeito com a resposta instantânea é o rei.” (Honoré, 2005, p.23).

Contudo, a configuração de uma espécie de hegemonia da velocidade nas sociedades capitalistas (Kehl, 2009) evidencia, simultaneamente, a geração de mal-estares generalizados e a consequente emergência de movimentos de reação e suposta resistência à dinâmica do “quanto mais rápido, melhor”. Honoré (2005) chama atenção para o fato de que a velocidade não configuraria um fator fundamentalmente abominável, mas teria assumido no moderno sistema de valores capitalista um patamar de generalizada insustentabilidade.

“O problema é que o nosso amor à velocidade, nossa obsessão em estar sempre fazendo cada vez mais em tempo cada vez menor foi longe demais; transformou-se num vício, numa espécie de idolatria.” (HONORÉ, 2005, p.14). De questões ligadas ao consumo desenfreado de recursos ambientais, passando pela transformação de hábitos alimentares e da relação estabelecida entre indivíduo e trabalho, uma verdadeira compulsão à ocupação (Türcke, 2010) alcança até mesmo crianças – sobrecarregadas de atividades extracurriculares –, cobrando um preço cada vez mais difícil de ser quitado.

O esgotamento físico e mental de indivíduos de diferentes faixas etárias traria consigo diversos efeitos. Dentre eles estão o *karoshi*, termo japonês que significa “morte por excesso de trabalho” e o que alguns estudiosos vêm chamando de “síndrome das férias”, representada por uma aversão ao usufruto deste período de descanso - seja por medo de perda de emprego ou pela disseminação de comportamentos *workholics*⁴¹ (HONORÉ, 2005, p.16). Por conta disso, a exacerbação de uma lógica de celeridade alimenta também um amplo mercado de estimulantes que, para muito além do café, atende de caminhoneiros em longas jornadas até executivos de *Wall Street*, abarcando drogas como cocaína e anfetaminas, estas últimas popularmente conhecidas como *speed*. Por fim, propaga-se uma espécie de *horror vacui* (Türcke, 2010)

⁴¹ *Workholic*: que ou quem é viciado em trabalho; trabalhador compulsivo.

consubstancializado sob a forma de medos e aversões tanto por momentos de ócio, quanto pela possibilidade de não acompanhamento de constantes atualizações⁴².

Basta que todos os estímulos sejam eliminados, e começamos a nos impacientar, entramos em pânico e tratamos de inventar alguma coisa, qualquer coisa, para fazer e, assim, dar algum emprego ao tempo. (HONORÉ, 2005, p.23)

Relacionando-se, ainda, a uma compulsão à emissão – simbolizada pela constante e permanente necessidade de atestar a própria existência através da emissão de propagandas de si – tal exaustivo malabarismo de ocupações já representaria, segundo indica Türcke (2010, p.43-44) “uma resistência do organismo a seu estado de deriva diluidora, ou seja, (...) um amortecimento fisiológico de fenômenos de dissociação mentais.”

Contudo, é justamente deste e neste contexto que emergem diversas manifestações em direcionamento ao questionamento e a não aceitação de um culto à velocidade. Conforme assinala Honoré (2005, p.61),

O terremoto da contracultura na década de 1960 serviu de inspiração para que milhões de pessoas diminuíssem o ritmo e passassem a viver com mais simplicidade. Uma filosofia semelhante deu origem ao movimento Simplicidade Voluntária. No fim da década de 1980, o Instituto de Pesquisa de Tendência de Nova York identificou um fenômeno conhecido como “*downshifting*” (mudança para menos), que significava a troca de um estilo de vida de alta pressão, alta renda e alta velocidade por uma existência mais tranquila e menos consumista. [...] Estão dispostos a abrir mão de dinheiro em troca de tempo e vagar.

E é neste rastro que surge o *Slow Movement* ou Movimento *Slow*, originado a partir do movimento internacional *Slow Food* (em português, comer devagar). Fundado no ano de 1986 pelo italiano Carlo Petrini, teria surgido como um protesto contra a abertura de uma loja da rede de *fast food* McDonald’s na arquitetônica e histórica *Piazza di Spagna* em Roma (BAUER, 2015). Configurando hoje um amplo movimento internacional presente em mais de 160 países, o *Slow Food* tem sua filosofia fundamentada na compreensão de que comida, relações sociais e meio ambiente devem

⁴² O termo *fear of missing out* (em português “medo de ficar de fora”) foi popularizado por uma matéria publicada pelo jornal “The New York Times”. Amplamente conhecido pela sigla FOMO, o termo faria referência à emergência de uma espécie de comportamento dependente de atualizações, difundido principalmente pelo uso de redes sociais e da internet.

ser pensados como codependentes. Fomenta, portanto, uma relação mais reflexiva e crítica com a comida, perpassando sua etapas de produção, preparo e consumo.

O princípio básico do movimento é o direito ao prazer da alimentação, utilizando produtos artesanais de qualidade especial, produzidos de forma que respeite tanto o meio ambiente quanto as pessoas responsáveis pela produção, os produtores. O *Slow Food* opõe-se à tendência de padronização do alimento no Mundo, e defende a necessidade de que os consumidores estejam bem informados, se tornando co-produtores. (SLOW FOOD BRASIL, 2016)

Ora, se não surpreende que o surgimento de uma manifestação como esta advenha justamente da terra da “*dolce far niente*”⁴³, a variedade e a multiplicidade de movimentos originados a partir desta iniciativa chama atenção. O *Slow Sex* dedica-se à difusão de práticas sexuais tântricas ou ralentadas, enquanto o *Slow Education* e o *Slow Professor*⁴⁴ - preocupam-se com as consequências da penetração de valores produtivistas como eficiência e padronização na educação e na atuação de docentes e pesquisadores. Já o Movimento *Tempo Giusto*⁴⁵ propõe pensar o que chamam de processo de desmecanização da música, buscando abrir maior espaço para uma variedade de leituras e andamentos na execução de peças musicais (HONORÉ, 2005). O *Cittaslow* ou *Slowcity*, por sua vez, tem como premissa fundamental melhorar a qualidade de vida da população local, apropriando-se de práticas sustentáveis de turismo como uma de suas principais ferramentas (CITTASLOW, 2016). Por fim, o *Slow Travel*⁴⁶ incentiva o estabelecimento de conexão com pessoas, culturas e lugares, pretendendo ser uma forma de experimentar mais intensamente tais aspectos. (SLOW MOVEMENT, 2016)

Ainda quanto a movimentos como estes, Bauer (2015, p.89) chama atenção para o fato de alguns autores sugerirem a adoção da terminologia *filosofia devagar* em detrimento do termo *Movimento Devagar*, uma vez que “importância ideológica desta manifestação cultural pode ser considerada mais relevante que sua concepção e

⁴³ Locução italiana que tem como significado “a doce arte de fazer nada” ou “agradável ociosidade”.

⁴⁴ Na obra “*The Slow Professor: challenging the culture of speed in the academy*” Berg & Seeber (2016) sugerem a aplicação de preceitos do SM à atuação acadêmica de docentes como caminho para conter o que entendem como uma erosão da educação pelo ethos corporativo do consumismo, da eficiência, da padronização e da mensurabilidade quantitativa. Para as autoras este seria um movimento político de resistência à globalização e ao ritmo frenético da vida contemporânea, direcionado ao questionamento e à reconfiguração das estressantes dinâmicas e atmosferas cada vez mais difundidas na academia.

⁴⁵ *Tempo Giusto* é uma expressão da área musical que se refere ao andamento certo ou próprio de execução de uma determinada peça. (HONORÉ, 2005)

⁴⁶ Disponível em http://www.slowmovement.com/slow_travel.php. Acesso em 01/06/2016.

formação política-institucional.” Isto porque, embora algumas associações e até mesmo convenções internacionais possam ser identificadas dentre estas manifestações, as premissas de uma *filosofia slow ou devagar* parecem estar relacionadas fundamentalmente a mudanças de parâmetros comportamentais, muitas vezes, independentemente do suporte ou consolidação de uma organização burocrática ou de um órgão representativo. Contudo, tal como Bauer (2015), opto pela adoção do termo *Movimento Slow* neste trabalho em virtude de ser a opção terminológica mais frequente, não somente na literatura acadêmica disponível, mas também nos próprios materiais de divulgação das associações e instituições ligadas a esta temática. A junção de termos em português e inglês justifica-se por este ser o formato adotado inclusive pelos movimentos que dispõem de sedes ou segmentos no Brasil, tal qual o *Movimento Slow Food Brasil*.

Apesar de recorrentemente apresentarem um modo de desenvolvimento mais orgânico e difuso do que institucionalizado, algumas organizações internacionais podem ser elencadas neste cenário de demandas por desaceleração. Dentre elas estão o *Japan's Sloth Club* (Clube da Preguiça do Japão), a *Long Now Foundation* (Fundação Longo Agora) sediada nos Estados Unidos e a *Europe's Society for the Deceleration of Time* (Sociedade Europeia para a Desaceleração do Tempo), sediada na Áustria. (HONORÉ, 2005). Segundo assinala Honoré (ibid.), algumas destas associações teriam como prática a realização de ações públicas de conscientização e sensibilização. Uma delas, realizada nos centros de grandes cidades europeias, consistiu em medir o ritmo de pedestres passantes. Aqueles apanhados percorrendo cinquenta metros em menos de trinta e sete segundos foram chamados e convidados a refletir sobre sua pressa, buscando identificar seus motivos e origens.

Ora, consequências da saturação de um modelo difundido a partir da Revolução Industrial e consolidado nos séculos XIX e XX, tais manifestações – sejam elas mais ou menos institucionalizadas - têm em comum a proposição de uma

transição de uma sociedade com modelos culturais guiados pela eficiência e pela síndrome do tempo para uma sociedade com modelos mais holísticos e integrativos. Suas ações partem de um manifesto que critica a lógica da eficiência no cotidiano da vida social e o diagnóstico de suas mazelas, propondo a mudança de comportamento e a ressignificação de valores da sociedade. (ARINS & VAN BELLEN, 2009, p.19)

Neste sentido, estão menos relacionados a uma “reação por oposição” do que a uma tentativa de reconfiguração de um modo de estar, viver, olhar, sentir. Como esclarece Honoré (2005, p.27), “o movimento Devagar não está preocupado em fazer as coisas em ritmo de cágado”, não pretendendo pregar um retorno a uma utopia pré-industrial. Ao invés disso, “a filosofia Devagar pode ser resumida numa única palavra: equilíbrio.” (ibid.)

Tal filosofia de desaceleração estaria preocupada, portanto, em promover uma reconfiguração holística de *modos de estar no mundo*, propondo o estabelecimento de supostas novas formas de relacionamento entre indivíduos e entre indivíduos e meio, fundamentando suas premissas em uma necessidade de transformação da relação da sociedade com o tempo. (BAUER & PANOSSO NETTO, 2014). Assim, seus adeptos defendem ser possível, inclusive, “fazer as coisas com rapidez, mas mantendo Devagar o estado de espírito.” (HONORÉ, 2005, p.26).

Por fim, tal reconfiguração se daria, segundo tais discursos, através de uma “democratização” de possibilidades de experiência temporal, a qual permitiria que as coisas e as pessoas fossem vividas em seus *tempos próprios*. Conforma-se aqui, então, tentativas de uma espécie de “revalorização” de particularidades temporais, opostas por sua vez a uma padronização totalitária do tempo como absolutamente mensurável e equalizador. Como indica Honoré (2005, p.52) em relação à Europa, alguns dos envolvidos nestes movimentos

usam uma palavra alemã – *eigenzeit* – para resumir suas convicções. *Eigen* quer dizer “próprio” e *zeit*, “tempo”. Em outras palavras, estão querendo dizer que todo ser vivo, todo acontecimento, todo processo e todo objeto tem o seu próprio ritmo e o seu próprio andamento inerentes, o seu próprio *tempo giusto*.

Manifestação de maior relevância para esta investigação, o *Slow Travel* também representa um reflexo e uma consequência deste cenário de celeridade extenuante, onde “o lazer contemporâneo está compartimentado por um cenário predominante de aprisionamento temporal” (BAUER & PANOSSO NETTO, 2014, p.24). Conforme argumentam ainda tais autores (ibid., p.25, 27),

a visão utilitarista, economicista e acelerada do lazer turístico ajudou a transformar muitos cidadãos em turistas nas últimas décadas, mas também

levou boa parte dos mesmos à condição de reféns de um processo frenético e pasteurizado de experimentação de viagens. [...] O modelo de viagens massificadas, com significado superficial, acelerado e artificializado deu sinais de esgotamento.

Desta forma, o mesmo funcionamento que teria levado à configuração de práticas turísticas através das quais é possível, por exemplo, adquirir pacotes de viagem que prometem cumprir em uma semana um roteiro de visita que cubra 4 ou 5 países – em especial nos casos de pacotes para o continente europeu –, estaria promovendo a insurgência de estratégias que poderiam indicar tentativas de descompressão de um presente esfacelado. Assim, segundo o Movimento *Slow Travel* Portugal (2015):

Este movimento silencioso contraria o estilo de turismo que se afirmou no século passado, ou seja, os *charters* turísticos, os *all-inclusive*, as excursões programadas e planejadas, os horários, etc. O *Slow Travel* valoriza a estada prolongada, com tempo suficiente para ir mais além do que o “*must see*”⁴⁷. Contatar com espaços locais, de pequena dimensão, com os produtores, com os mercados, com as populações, visitar aquela pequena igreja ou restaurante que não constam dos guias, ou seja, explorar, descobrir, usufruir, são os princípios do *Slow Travel*. [...] é uma “forma de estar” que surge como um contra-ciclo ao que é estipulado pelos grandes operadores turísticos.

Logo, o movimento *Slow Travel* apresenta-se enquanto uma apropriação das premissas filosóficas fundamentais do Movimento *Slow*, cuja aplicação pretende questionar e rejeitar a práxis de otimização do tempo onde a ordem do quantitativo impera sobre a do qualitativo sob a lógica do “quanto mais, melhor”. De acordo com o Slow Movement (2016):

Um dos prazeres de viajar *devagar* é a exploração lenta e completa da área local - é como um processo de imersão. A maioria dos viajantes lentos começa por explorar tudo dentro de um duzentos metros de onde eles estão vivendo. Isto pode ser facilmente feito a pé, sendo dados mais tempo e atenção a esta área próxima. Em seguida, eles exploram poucos quilómetros - isso pode ser feito facilmente em uma moto. Se houver tempo, viajantes lentos exploram um pouco mais, talvez por comboio ou carro alugado.⁴⁸

⁴⁷ *Must see*: termo utilizado para indicar atrativos turísticos de maior destaque e popularidade em guias turísticos, de exploração e visitação massificados.

⁴⁸ Tradução minha. Original: *One of the pleasures of slow travel is the slow and thorough exploration of the local area – it is like an immersion process. Most slow travellers start by exploring everything within a couple of hundred metres of where they are living. This can easily be done on foot and is the area that is given most time and attention. Next they explore out to a few kilometres – this can easily be done on a bike. If there is time slow travellers then explore further afield, perhaps by train or hire car.* (SLOW MOVEMENT, 2016)

No entanto, ao invés de sugerir a realização de viagens e explorações no ritmo mais ralentado possível, tal como observado na macro filosofia do Movimento *Slow*, os *slow travelers* são incentivados a buscar estabelecer seus próprios ritmos de visitação e experimentação dos locais e de suas culturas. A máxima desta modalidade de manifestação parece ser, então, o perseguimento de um ritmo ou passo de viagem capaz de alçar o viajante a um estado de maior disponibilidade para o percebimento e experimentação das particularidades qualitativas de determinada localidade visitada.

Em síntese, entendo que enquanto consequências da saturação de um modelo utilitarista e produtivista difundido a partir da Revolução Industrial, tais manifestações inserem-se em um panorama mais amplo de contra respostas referentes a demandas por uma reconfiguração das possibilidades e dos modos de estar no mundo.

Vivenciamos no último quarto de século o avanço de expressões poderosas de identidade coletiva que desafiam a globalização e o cosmopolitismo em função da singularidade cultural e do controle das pessoas sobre suas próprias vidas e ambientes. [...] Incorporam movimentos de tendência ativa voltados à transformação das relações humanas em seu nível mais básico, como, por exemplo, o feminismo e o ambientalismo. Mas incluem também ampla gama de movimentos reativos que cavam suas trincheiras de resistência em defesa das categorias fundamentais da existência humana milenar. (CASTELLS, 1999, p.68)

Por fim, concluo que embora seu real potencial de subversão de condições e possibilidades de experiência subjetivo-temporal possa – e deva – ser relativizado e problematizado através de estudos que os contemplem sob óticas diversas, tais manifestações podem ser interpretadas ao menos como tentativas de resistência ao processo que proponho neste trabalho chamar de “compressão da hesitação”. Neste sentido, através do posicionamento das iniciativas de viagem aqui enfocadas neste contexto, busco analisar nos capítulos seguintes em que medida tais casos se aproximam de estratégias de descompressão de possibilidades de espera como estas supracitadas.

4.2. O Projeto “Viajo, logo existo”

Idealizado pelo casal paulistano Rachel e Leonardo Spencer, o projeto “Viajo, logo existo” teve início em 04 de maio de 2013, e encontra-se atualmente em sua

segunda etapa de desenvolvimento. A primeira, denominada pelo casal de “Volta ao mundo”, consistiu em uma jornada majoritariamente realizada de carro por setenta países distribuídos pelos cinco continentes do mundo, tendo sido concluída no ano de 2017. Ao longo de seus quarenta e dois meses de duração, o automóvel assumiu também o papel de moradia destes viajantes no que definem como uma “grande aventura” e uma oportunidade de “imersão cultural”⁴⁹. Para tal, o veículo – um Land Rover Defender 110 ano 2005 - fora equipado com diversos itens adicionais, dentre eles galão extra de diesel, mobiliário, lavadora de roupas, fogareiro e barraca de camping que pode ser acoplada no teto.



Figura 1.1 Compilação de fotos do carro utilizado na viagem. Fonte: Projeto “Viajo, logo existo”. Disponível em: www.viajologoexisto.com.br Acesso em: 28/04/2016.

Já a segunda etapa da viagem, iniciada em dezembro de 2017, tem previsão de duração de 18 meses e recebeu o nome de “Viajo, logo existo: rumo aos 100 países”. Como o próprio nome já diz, tem como objetivo o alcance da marca de 100 países visitados ainda dentro do ano de 2018, dando continuidade à contagem iniciada na

⁴⁹ Todas as declarações aqui apresentadas foram extraídas do site do projeto. Disponível em <http://www.viajologoexisto.com.br>. Acesso em 20/06/2015.

primeira etapa de viagem. Contudo, sua configuração se diferencia significativamente daquela proposta para a etapa anterior da jornada. Neste segundo momento de viagem, o casal já não faz mais uso do carro – que inclusive já fora vendido – nem como meio de transporte, nem de hospedagem⁵⁰. Deslocam-se principalmente através de meios de transporte aéreo, fazendo uso de passagens seja compradas regularmente, trocadas por pontos de programas de milhagens ou até mesmo cedidas por parceiros como a Copa Airlines e o grupo *Smiles* – junto ao qual Rachel e Leonardo assumiram recentemente a posição de embaixadores. Já quanto as hospedagens, além de também serem operacionalizadas a partir de parcerias com hotéis e *resorts* interessados na contrapartida de divulgação, hospedagens de tipo *airbnb* são alternadas com a acolhida de seguidores que diversas vezes os recebem – em sua absoluta maioria brasileiros residentes no exterior.



Figura 2. Embaixadores Smiles. Fonte: Instagram/Viajo, logo existo. Acesso em 14/04/2018

⁵⁰ Tais etapas são também referenciadas pelo casal como “Volta ao mundo de carro” e “Volta ao mundo de avião”, respectivamente.

Segundo relatam no site oficial deste projeto, a ideia de “largar tudo e cair na estrada” teria surgido ainda em 2012, a partir do que Leonardo narra como uma experiência de choque na volta de outra viagem.

Tudo estava correndo bem no começo de 2012, continuávamos em nosso trabalho focados e comprometidos como sempre. Em abril fui passar quinze dias na Costa Rica surfando e descansando com meus amigos. Sempre acontecia um baque na volta ao trabalho, mas dessa vez, estranhamente, foi muito difícil. (VIAJO, LOGO EXISTO, 2016)

Tal experiência teria, então, despertado em Leonardo o interesse pela realização do que considera uma “jornada desafiadora” pelo mundo, ficando inicialmente restrita a uma possibilidade para um futuro ainda indefinido. Contudo, num curto espaço de tempo, o que era apenas uma intenção desprezível passava a tomar forma de um projeto, impulsionado por uma percepção de oportunidade – por eles descrita como um momento ou uma condição favorável.

O planejamento da viagem teria começado, então, ainda no ano de 2012, focando como primeiros aspectos a escolha do carro e uma ampla pesquisa de custos utilizada para o desenvolvimento de uma espécie de estudo de viabilidade. Além disso, tal etapa pré-viagem teria incluído também uma série de reuniões e conversas informais com outros casais e viajantes, a partir das quais teriam sido compiladas informações, dicas e opiniões para a formatação do projeto da viagem.

O nome “Viajo, logo existo” teria sido extraído, por sua vez, de uma exposição de fotos de viagem feita por Leonardo em 2011 na Califórnia, e segundo ele, teria sido perfeito para a ocasião: “largar tudo, cair na estrada e existir!” – define. Já quanto às motivações que os teriam levado a tal decisão, o casal Spencer destaca sentimentos de insatisfação com uma espécie de incompletude ou insuficiência relacionada à rotina, aos objetivos e desafios que vislumbravam em seu dia-a-dia pessoal e profissional em São Paulo.

Um dos fatores que mais chama atenção nesta iniciativa é sua configuração planejada, pensada e gerida no formato de um projeto estruturado, dispondo não somente de perfis administrados em múltiplas redes sociais, mas também de uma logomarca e de uma loja virtual. Em suma, tal iniciativa tem como peculiaridade o que entendo como uma espécie de “institucionalização” da viagem; a viagem sofre um

processo de “objetificação” constituindo-se para além dos dois sujeitos e adquirindo um arcabouço próprio de características particulares.



Figura 3. Rota da primeira etapa da viagem (“Volta ao mundo”). Fonte: Projeto “Viajo, logo existo.” Disponível em www.viajologoexisto.com.br Acesso em 28/04/2016.

A loja do VLE⁵¹ disponibiliza cópias digitais e/ou impressas dos livros produzidos pelo casal a partir das experiências vividas em sua jornada. Os exemplares são produzidos e organizados por continente, já tendo sido publicados os títulos “Viajo, logo existo: um ano de estrada”, “Viajo, logo existo: no velho continente”, “Viajo, logo existo: na África Selvagem” e “Viajo, logo existo: um ano na Ásia e Oceania”. Além da venda na loja virtual VLE, tais exemplares são também disponibilizados através de “pacotes” oferecidos como forma de impulsionar o financiamento coletivo das futuras edições. Este foi o caso do último livro produzido (“Viajo, logo existo: na África Selvagem”), que, na ocasião da captação da verba para seu financiamento⁵², foi oferecido em conjunto com os demais livros (todos em versão digital) pelo preço único de contribuição de R\$25,00. Após a contribuição/ aquisição através do site de *crowdfunding*⁵³ Catarse⁵⁴, as cópias digitais dos livros seriam enviadas por *email* dentro

⁵¹ No loja do projeto os valores cobrados pelos livros variam entre R\$65,00 e R\$80,00. Disponível em: <http://www.viajologoexisto.com.br/vle-loja/> Acesso em: 18/05/2016.

⁵² Durante os meses de abril e maio de 2016.

⁵³ *Crowdfunding* ou financiamento coletivo consiste na obtenção de capital para iniciativas de interesse coletivo através da agregação de múltiplas fontes de financiamento, em geral pessoas físicas interessadas na iniciativa. O termo é muitas vezes usado para descrever especificamente ações na Internet com o objetivo de arrecadar dinheiro para artistas, jornalismo cidadão, pequenos negócios e *start-ups*, campanhas políticas, iniciativas de *software* livre, filantropia e ajuda a regiões atingidas por desastres, entre outros.

⁵⁴ www.catarse.me

de um prazo pré-informado para os apoiadores do projeto. A venda destes livros somar-se também à venda de fotos para bancos de imagens, representando para o casal não só uma complementação de renda para o custeio da viagem, mas ainda uma oportunidade de reconfiguração de suas vidas profissionais.



Figura 4. Livros já publicados a partir do projeto "Viajo, logo existo". Fonte: Projeto "Viajo, logo existo". Disponível em: www.viajologoexisto.com.br/vle-loja/ Acesso em 20/09/2017.

Outro fator que chama atenção nesta iniciativa é sua grande popularidade e a importância dada para o estabelecimento de canais de contato e divulgação. O projeto dispõe de perfis nas redes sociais *Facebook*, *Twitter*, *Pinterest*, *Youtube*, *Instagram* e *Google +*, chegando a dispor de mais de 640 mil seguidores⁵⁵ inscritos. Além disso, o casal já desenvolveu uma série de parcerias e projetos, diversificando seus canais de atuação e divulgação. No ano de 2016 os Spencer participaram em uma série de quadros sobre sua viagem dentro do programa “Turismo e Aventura” veiculado pelo canal televisivo “SBT” (Sistema Brasileiro de Televisão). Já em 2017, o casal ministrou mais de 40 palestras sobre viagem, organização e motivação na ocasião de seu retorno ao Brasil – no período estabelecido entre o retorno da primeira etapa do projeto e a partida para a segunda. Recentemente, já no ano de 2018, Rachel e Leonardo compartilharam em suas redes sociais a estafante rotina de viagens e gravações de mais uma série de programas sobre destinos e viagens – ainda sem canal certo para sua veiculação.

⁵⁵ Em 30/04/2018 o perfil do projeto na rede social *Facebook* contava com 648.789 seguidores inscritos.

Os números do Viajo logo Existo



Figura 5. Números VLE. Disponível em www.vle.com.br. Acesso em 28/04/2018.

Um último elemento que destaco neste caso, diz respeito ao particular caráter de detalhamento e “contabilização” apresentado por esta iniciativa. Na tabela exibida abaixo são divulgados dados que abarcam desde o total de gastos com hospedagem e combustível, até o número de dias em que o casal não pôde tomar banho e quantidade de vezes em que Rachel fez as unhas e Leonardo aparou sua barba.

Geral	
Dias de viagem	1.096
Países visitados	68

GPS	
Km rodados	122.755
Km médio/dia	112
Velocidade Média	44 km/h
Tempo dirigindo (horas)	3.069
% da viagem dirigindo	12%
Maior Altitude (metros)	4.854
Menor Altitude (metros)	(81)

Pessoal	
Dias sem banho	17
Dias de banho frio	51
Dias de chinelo	361
Coisas perdidas	7
Lavar Roupa	57
Brigas sérias	0
Discussões leves	Algumas
Desarranjos Chel	33
Desarranjos Leo	18
X que a Chel fez a unha	19
X que o Leo fez a barba	21

Curiosidades	
Fotos	63.000
Gbytes em vídeos	1.800
Músicas no pen drive	9.350
PodCast Trip FM	223
PodCast Café Brasil	27
Livros Leo	29
Total páginas lidas	9.940
Livros Chel	32
Total páginas lidas	12.386

Custos	
Gasto Total USD	119.075
Média dia / plano USD	109/100
Média Mensal USD	3.168
Dia mais caro	2.222
Dia mais barato # 0	4

Diesel	
Litros consumidos	12.233
Média litros consumo/dia	11,16
Dia c/ mais km rodados	989
Dia c/ menos km # 0	3
Dias com o carro parado	534
Autonomia média Km/L	10,03
Veze que abastecemos	297
Média de litros abastecido	41
Média dia parada/posto	4
Litro mais barato USD	0,27
Litro mais caro USD	2,26

Onde dormimos? (noites)	
Amigos	361
Camping	235
Hotel	314
Hostel	78
H. Cortesia	51
Airbnb	22
Área de Descanso	10
Wild Camping	7
Balsa	3

Fronteiras	
Quantas até agora?	54
Mais rápida	9 min
Mais lenta	365 min

Quebra dos gastos		
Item	S USD	%
Hospedagem	19.429	16%
Diesel	13.697	12%
Restaurante	15.324	13%
Despacho Carro	12.954	11%
Transporte	9.707	8%
Entretenimento	9.493	8%
Mercado	6.344	5%
Manutenção	6.370	5%
Fronteira	7.914	7%
Comida	4.351	4%
Plano de saúde	4.212	4%
Outros	3.312	3%
Pedágio	1.528	1%
Seguros	1.152	1%
Médico	1.010	1%
Farmácia	579	0%
Lembrancinha	405	0%
Estacionamento	394	0%
Livros	165	0%
Lavanderia	140	0%
Internet	123	0%
Curso	18	0%

Clima na viagem		
	Dias	% total
Sol	809	74%
Nublado	168	15%
Chuva	72	7%
Sol-Chuva	44	4%
Neve	2	0%

Tabela 2. Números da viagem. Fonte: Projeto "Viajo, logo existo" Disponível em: www.viajologoexisto.com.br Acesso em:28/04/2016.

Ora, seja em virtude de sua alta popularidade ou de peculiaridades como sua formatação “objetificada” e a contabilização de aspectos pormenorizados, sustento que tal iniciativa representa um objeto singular, capaz de oferecer diversas oportunidades de análise e compreensão. Para fins de comparação e enriquecimento desta investigação, apresento a seguir uma apresentação inicial do caso “Eduardo e Mônica”.

4.3 A viagem de Eduardo e Mônica

“Quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?”
(“Eduardo e Mônica” – Renato Russo)

Se no caso “Viajo, logo existo” um dos fatores mais proeminentes é o caráter de configuração, planejamento e gestão da viagem como um projeto “objetificado”, a jornada do casal gaúcho Eduardo Viero e Mônica Morás não parece compartilhar desta mesma abordagem. Em uma viagem iniciada como uma proposta despreziosa de “dar uma pausa na vida e na carreira”, a criação de um *site* e de um *blog* para a iniciativa não teriam sido planejadas desde o início, surgindo como uma consequência das experiências vividas pelo casal já na estrada.

Atualmente, a iniciativa possui, além de um site oficial e de um *blog*, de perfis nas redes sociais *Pinterest*, *Instagram*, *Facebook*, *Tumblr*, *Flickr*. Contudo, sua popularidade e seu alcance – ao menos se medidos em número de seguidores – ainda é significativamente menor do que o observado no caso anterior. Enquanto o projeto VLE dispõe de mais de 600 mil seguidores em seu perfil cadastrado na rede social *Facebook*, o perfil referente à viagem de Eduardo e Mônica cadastrado nesta mesma rede atinge em 01/03/2018 a marca bem mais “humilde” de 10.180 seguidores inscritos.

Além disso, é evidente que, em contraste com o que ocorre no caso do VLE, tal jornada assume desde sua concepção um caráter menos programado, onde a flexibilidade permitiria aos imprevistos e à mudança um maior espaço de participação.

Eduardo e Mônica estão seguindo um caminho com muitas curvas, [...]a cada final de túnel tudo muda, tudo de novo, tudo de novo, como nunca foi e que se vai. A mudança é inevitável e eles aprenderam a estar prontos para abraçar ela com carinho. (EDUARDO E MÔNICA, 2016)

Assim, enquanto no caso previamente apresentado pode ser observada uma maior preocupação com tentativas de antecipação e com a construção de planejamento de viagem bem estruturado (tanto financeiramente, quanto geograficamente), neste caso “despreparo” e “desconhecimento” parecem, em certa medida, representar aspectos mais aceitos e até mesmo valorizados.

Nós planejamos tudo para começar pela América do Sul e depois vir para Ásia. Era um plano perfeito para três meses e no caminho começaríamos as pesquisas sobre a Ásia. Só que um mês antes resolvemos dar uma olhada nos voos do México pra Rússia e todos os voos paravam nos EUA, mas o Eduardo não tem visto e foi assim que tudo mudou! Embarcamos para

Moscou exatamente 8 meses depois da decisão inicial pra passar um ano apenas na Ásia. Nós não sabíamos nada sobre a Ásia! Nada! Tínhamos algumas ideias de coisas para fazer e uma noção de logística lógica pra não gastar dinheiro à toa com passagens aéreas. Ninguém sabia o que faríamos nessa viagem, nem nós mesmos! Nem quanto tempo levaríamos, se mais ou menos de um ano. E sabe o que aconteceu? Nós fizemos tudo o que queríamos e muito mais! Nós descobrimos mais lugares interessantes, nós conhecemos pessoas fantásticas, nós entramos em culturas que nem imaginávamos e nós aprendemos a viver como locais em cada cidade. Cada dia é uma nova descoberta, cada dia é um novo aprendizado. Já mudamos várias vezes o nosso pequeno plano e nenhuma vez nos arrependemos. Até o blog que criamos para ser um projeto pessoal sem expectativa nenhuma, começou a crescer absurdamente. (EDUARDO E MÔNICA, 2016)



Figura 6. Rota prevista para a viagem após a exclusão da América do Sul como destino. Fonte: Blog "Eduardo e Mônica: runaways". Disponível em: www.eduardo-monica.com Acesso em: 20/05/2016.

Ainda nesta direção de improviso e readaptação constantes, a viagem – pensada inicialmente para período de mais ou menos um ano já ultrapassou no ano de 2018 a de 3 anos de duração. Na realidade, de um *status* de pausa para o de estilo de vida, tais viajantes contam já não vislumbram mais de “um horizonte de chegada”, convertendo-se no que Cohen (2009) propôs chamar de *lifestyle travellers*.

No planejamento teoricamente ficaríamos fora uns 10 meses, mas já no quarto mês, logo que chegamos na Tailândia pra 20 dias e passamos 3 meses, vimos que não voltaríamos pro Brasil tão cedo. O tempo foi passando, voltamos pro Brasil so pra visitar a família e constatamos que voltar pro

Brasil definitivamente não faz mais parte dos planos. (Mônica Morás – em entrevista)

Mônica e Eduardo – ambos formados em Administração e empregados em multinacionais antes da viagem - contam que viajar sempre foi um hábito e uma paixão compartilhada pelo casal, mas que a ideia da viagem teria sido motivada por “uma insatisfação geral com a vida” e uma “sensação de que nada fluía” em suas rotinas. (Mônica Morás – em entrevista). Atualmente, ambos trabalham com fotografia de viagem – Eduardo como fotógrafo profissional e Mônica tanto com a fotografia, quanto com o contato e negociação com os clientes. Imprimem em seus depoimentos nuances de satisfação profissional e pessoal, embora não deixem de destacar frequentemente as dificuldades referentes à rotina de viagem e trabalho que elegeram. Além disso, tal como no caso do projeto “Viajo, logo existo”, dedicam muitas de suas postagens no *blog* ao compartilhamento de dicas que abordam desde o planejamento de um estilo de vida semelhante até a atuação como fotógrafo profissional.

Quando o assunto é o deslocamento e a hospedagem ao longo da viagem tais casais mantêm um caminho de distinção. Enquanto os Spencer têm o carro como elemento central da viagem, alojando-se também em casas de amigos (feitos antes ou durante a viagem) e em hotéis e apartamentos alugados por curtos períodos, este casal gaúcho tem como *práxis* estabelecer-se nos locais por onde passam. Isto porque, conforme relato de Mônica na primeira entrevista realizada por *email*, eles teriam se descoberto como “*slow travelers*”: “se gostamos de um lugar, não nos importamos de passar bastante tempo nele e não nos importamos de mudar os planos em cima da hora. Já fizemos isso centenas (sem exageros) de vezes.”

Dentre os quinze países já visitados, dois deles – Tailândia e China – já teriam recebido por um período o *status* de casa (sendo no segundo o atual endereço do casal). Uma dessas experiências de “fincar os pés” abraçando uma localidade como lar que ambos destacam como marcante e extremamente satisfatória é o período em que moraram em uma casa formada por *containers* no bairro de *Arl* na Tailândia. Encontrada pela plataforma internacional de aluguel de acomodações *Airbnb*, este complexo de “apartamentos-*containers*” teria recebido de suas locadoras e moradoras mais antigas o apelido de *Yard*. Tal apelido faria referência à atmosfera descontraída e “familiar” construída no local e ao amplo jardim disponibilizado como principal espaço

comum. Além disso, teria sido inspirado simultaneamente pelo significado da palavra em inglês (*jardim*) e por sua pronúncia (que lembraria a da palavra *parente* em tailandês). (EDUARDO E MÔNICA, 2016) Ainda sobre esta experiência, Eduardo e Mônica relatam em seu *blog*:

As meninas, a Som Small e a Som Big nos acolheram como se nos conhecêssemos há anos. Os amigos e família das meninas sempre passavam por lá à noite pra todo mundo jantar junto e às vezes assistir um filme projetado na parede do container. Experimentamos várias coisas novas. Várias! E é claro, o PS4 liberado na sala fez a alegria do Eduardo! (EDUARDO E MÔNICA, 2016)

Outro aspecto que me chamou atenção neste acompanhamento preliminar do caso foi uma recorrente valorização de aspectos qualitativos em detrimento dos quantitativos presentes nos discursos destes viajantes. Em uma postagem do *blog* intitulada “Ata de 23 meses de viagem”, publicada em 25 de maio de 2016, a valorização das experiências vividas e compartilhadas se sobrepõe a uma intenção de documentação mensuradora ou contábil da viagem.

Eduardo e Mônica hoje completam 23 meses de viagem. Também completam 15 países visitados, 2 para chamar de casa e 3 que os transformaram profundamente. (...) Eles não contabilizam em números algumas coisas, mas lembram de muitas descobertas, algumas superações, várias mudanças, alguns erros e nenhum arrependimento. (EDUARDO E MÔNICA, 2016)



Figura 7. Compilação de imagens da moradia "The Yard". Fonte: Blog "Eduardo e Mônica: runaways." Disponível em: www.eduardo-monica.com Acesso em: 20/05/2016.

Em outro momento, é possível observar a associação desta valorização qualitativa a um perseguimento de um ideal de desprendimento, leveza e liberdade. Com a despedida de uma vida estabelecida no Brasil e a adoção de uma rotina marcada por múltiplos deslocamentos e imprevisibilidades, o casal relata ter buscado a minimização de seus bens materiais, de modo que “tudo o que tem possa caber em uma mochila.” Neste sentido, o casal se define como minimalista, assinalando que, para eles, quantidade não seria sinônimo de qualidade. Por fim, atestam: “a vida precisa ser leve para ser longa.” (EDUARDO E MÔNICA, 2016).

Finalmente, sustento que os dados observados corroboram sua relevância enquanto objeto de pesquisa. Mesmo a partir desta apresentação preliminar, sustento ser possível identificar em cada um destes dois jovens casais processos de apropriação, instrumentalização e até mesmo operacionalização particulares da viagem. Neste sentido, enquanto no projeto do casal Spencer, o ato de viajar aparece emblematicamente associado ao de existir, Eduardo e Mônica atestam: “não estamos mais apenas viajando, estamos vivendo.”

4.4. Campo: delimitação, negociação e estratégias

Conforme mencionado anteriormente, meu *encontro* com os casos de viagens aqui em investigação deu-se de forma quase acidental. Enquanto a descoberta do projeto VLE representou justamente o gatilho para a construção dos questionamentos e da problemática apresentados, a sugestão da iniciativa de Eduardo e Mônica por um mecanismo de cruzamento de interesses da rede social *Facebook* foi acolhida como uma oportunidade para comparação de casos que, já à primeira vista, pareciam apresentar tanto similaridades quanto diferenças.

De uma maneira geral, em um momento inicial de escolha, considerei uma distinção e uma aproximação como critérios principais para a eleição destes dois casos em uma abordagem comparativa. Como diferença, observei o grau de maior ou menor institucionalização⁵⁶ das iniciativas. Enquanto no caso de Eduardo e Mônica tanto o site quanto o *blog* pareciam representar canais para o compartilhamento de experiências e visões de dois indivíduos em viagem, no caso do VLE a formatação da viagem e o caráter dos compartilhamentos remetiam já nas observações preliminares a um projeto estruturado, onde a viagem simbolizaria uma espécie de objeto a ser gerido. Deste modo, a oportunidade de compreender o que seriam dois processos distintos de instrumentalização de viagens foi o primeiro fator de decisão para que adotasse este segundo caso.

Já como ponto em comum entre os dois casos, considerei o fato de ambos serem desenvolvidos por casais jovens, brancos, sem filhos e de classe média-alta. Dentre inúmeros casos de viajantes que pregam o “largar tudo para rodar o mundo”, seja em caráter definitivo, provisório ou cíclico, encontram-se desde famílias com filhos pequenos, grupos de amigos, até indivíduos em vôo solo. Logo, considerando a similaridade nestes aspectos dos participantes e de seus perfis vislumbrei uma oportunidade de contemplar a produção da diferença através da comparação das discrepâncias e similaridades na significação da viagem e nas configurações e dinâmicas de suas experiências subjetivo-temporais.

⁵⁶ Considero aqui “institucionalização” como o tratamento e a formatação da iniciativa de viagem como um projeto estruturado, ou seja, como um elemento objetificado, constituído para além daqueles casais.

Logo após tal opção inicial⁵⁷, contactei ambos os casais através do perfil de suas iniciativas de viagem na rede social *Facebook*, apresentando-me e explicando um pouco sobre minha pesquisa. Sondei-os, então, sobre seu interesse e disponibilidade em contribuir para tal investigação, e obtive seus aceites em mais ou menos uma semana. A partir de então, passamos a estabelecer contato através da troca de *e-mails*, mensagens privadas ou mesmo comentários em *posts* publicados por eles nesta mesma rede.

Propus, então, que realizássemos uma primeira entrevista exploratória, a partir de um roteiro de questões elaborado previamente. Como ainda estava em um momento inicial de formação de um relacionamento com os pesquisados, considerei o incômodo e a dificuldade que uma entrevista por videoconferência poderia representar para eles e sugeri que esta primeira entrevista fosse realizada por *email*. Neste primeiro momento, considerei esta uma estratégia que, embora pudesse me fazer perder nos atributos da interação em relação a uma entrevista realizada em tempo real e com interação por vídeo ou áudio, poderia contribuir para o estabelecimento gradativo de uma relação de confiança e cooperação, não esgotando com brevidade este canal.

Recebido o acordo de ambos os casais, envie-lhes em março de 2015 por *email* os roteiros de questões elaborados a partir de minhas observações prévias dos sites e de seus perfis na rede social *Facebook*. Tais roteiros dispunham de algumas questões iniciais em comum, tal como de outras que foram personalizadas para cada iniciativa, levando em consideração questões que cada caso me apresentava como instigantes. Em virtude da quantidade de questões a serem respondidas (cerca de 15 para cada casal) e da peculiaridade de suas rotinas, sugeri-lhes um prazo de 20 dias para que me enviassem as respostas, pedindo-lhes apenas que identificassem no roteiro quem havia respondido a cada questão. Para minha surpresa, ambos os casais me retornaram com as respostas em apenas 48 horas, reforçando ainda suas aberturas para novas colaborações.

Desde então, mantive nossos contatos tanto pela rede *Facebook*, quanto também pelo *Instagram*⁵⁸, onde busco sempre demonstrar que permaneço acompanhando suas iniciativas, seja através de mensagens ou mesmo através de “curtidas⁵⁹” em suas publicações. Além disso, adquiri – através de participação em financiamento coletivo –

⁵⁷ Em janeiro de 2015.

⁵⁸ Uma vez que identifiquei ao longo destes anos um processo de migração das postagens e de maior atividade nesta rede.

⁵⁹ Na rede social supracitada, a ferramenta “curtir” é disponibilizada ao usuário como instrumento para demonstração de aprovação e apreciação quanto ao conteúdo publicado em determinado *post*.

os três livros (em formato digital) publicados pelo casal Rachel e Leonardo do projeto VLE. Vale destacar que, inicialmente, minha proposta era concentrar a observação participante em seus perfis no *Facebook*, em virtude da multiplicidade de canais interativos oferecidos pela mesma.

Contudo, a partir do próprio acompanhamento de seus perfis nesta rede e com o melhor delineamento dos objetivos e questões propostos para esta pesquisa, percebi que meu enfoque metodológico-problemático não estaria nas interações ali estabelecidas, nem pretenderia contemplar as perspectivas de seus seguidores⁶⁰. Neste sentido, optei por mudar meu recorte de campo, trasladando-o desta rede para os *blogs* mantidos por estes casais viajantes.

O acompanhamento de seus perfis nestas redes foi mantido, contudo, uma vez que tais publicações representavam um sinalizador para novas postagens feitas nos *blogs* administrados pelos casais. Como é possível observar no exemplo da imagem “printada⁶¹” apresentada abaixo, tais publicações funcionam como um instrumento de condução dos leitores-seguidores para o *blog* destes viajantes.

⁶⁰ Aqueles que se inscrevem para acompanhar e visualizar as publicações feitas por determinado perfil cadastrado na rede social.

⁶¹ Printagem: ato de capturar em uma espécie de fotografia da tela do dispositivo em uso as imagens nela apresentadas no momento do acionamento da função *print screen*.



Figura 8. "Printagem" de publicação no perfil "Eduardo e Mônica: runaways" na rede social *Facebook*.

Assim, ao longo de mais de três anos de acompanhamento de seus perfis e *blogs*, construí um diário de campo onde reuni minhas observações acerca de seus usos destes suportes virtuais, de suas práticas em viagem e das temáticas mais frequentes em seus discursos e relatos publicados. Paralelamente à constituição de tal diário, utilizei também o mecanismo de *printagem* de tela para reunir imagens e postagens, agrupando-as em pastas de arquivos (digitais) de acordo com as temáticas pelas quais haviam despertado minha atenção.

Por um lado, destaco que tal procedimento contribuiu significativamente para a observação dos temas mais recorrentes e de suas inter-relações, sendo de grande proficuidade para a construção das categorias temáticas a partir das quais a análise dos casos foi construída e apresentada. Por outro, simbolizou também um de meus principais desafios metodológicos, uma vez que, precisou ser criado e adaptado para viabilizar o atendimento das necessidades e limitações deste campo peculiar. Destaco

ainda como uma dificuldade, o seguimento, a catalogação e a gestão da enorme quantidade de conteúdos compartilhados – totalizando quase mil *posts* acompanhados (mas não necessariamente catalogados). Confesso que no processo de desenvolvimento desta abordagem, precisei eleger um suporte para a centralização das *printagens* coletadas, já que as demandas de acompanhamento me fizeram chegar a usar três diferentes equipamentos para a realização de tal coleta – um celular, um *tablet* e um *notebook*.

Ademais, duas outras rodadas de entrevistas foram realizadas com cada casal – uma delas através do *software* de videoconferências e chamadas *Skype* (em julho de 2017) e outra novamente por *email* (em fevereiro de 2018), mediante o envio de um novo roteiro de perguntas. Desse modo, ao longo de todo o processo de investigação e acompanhamento foram realizadas ao todo três entrevistas com cada um dos casais participantes.

Ressalto que esta última entrevista teve por finalidade apenas esclarecer alguns aspectos complementares ainda não elucidados a partir das demais entrevistas e das observações feitas ao longo do acompanhamento das postagens publicadas, fazendo-se necessária principalmente em função de informações e mudanças relevantes publicizadas após a realização da segunda rodada de entrevistas. A escolha por sua realização por *email* deu-se em razão da retomada da rotina de viagens por parte de Rachel e Leonardo – com o empreendimento da segunda fase do projeto “Viajo, logo existo - Rumo aos 100 países”-, assim como pelo fato de Eduardo e Mônica estarem naquele momento realizando separadamente pequenas viagens pela Ásia (continente onde estabeleceram suas diferentes paradas pelos últimos 3 anos).

4.5. Opções metodológicas

Conforme explicitado anteriormente, esta pesquisa desenvolveu-se sob um enfoque qualitativo, não fazendo uso de amostragens estatísticas, mas buscando observar em profundidade as significações e apropriações das iniciativas de viagem de Rachel, Leonardo, Mônica e Eduardo. Para isto, o arcabouço metodológico eleito para a coleta de dados foi composto pelo uso aliado de revisão bibliográfica, entrevistas em

formato semiestruturado com ambos os casais pesquisados e observação participante realizada tanto nos sites oficiais das iniciativas “Viajo, logo existo” e “Eduardo e Mônica”, como em seus respectivos *blogs*.

Revisão da literatura

Considerando o caráter transdisciplinar desta investigação, a revisão bibliográfica em desenvolvimento abarcou autores e obras provenientes de diversas áreas do conhecimento, como Memória Social, Antropologia, Sociologia, Turismologia, Filosofia e Psicanálise. Conforme busquei apresentar já na construção da problemática desta pesquisa, minha revisão está centrada na filosofia do tempo e da memória proposta por Henri Bergson, mas contempla também perspectivas e conceitos de outros autores como Walter Benjamin, George Simmel e Sigmund Freud. Abrange também nomes mais contemporâneos, como Andreas Huyssen, Joel Birman, Maria Rita Kehl, Christoph Türcke, Lionel Trilling e Maurício Lissovsky. Além disso, busco dialogar com os comentadores e/ou pesquisadores que também apropriem-se destes referências teóricas, como Gagnebin (1997), Oliveira (2013), Johanson (2004), Brito (2013) e Coelho (2004).

Construindo uma *etnobiografia*: transitando entre o virtual e real/presencial nos casos das iniciativas “Viajo, logo existo” e “Eduardo e Mônica: runaways”

“[...] a etnobiografia implica uma dimensão metanarrativa da etnografia, em que o lugar da agência da própria narrativa etnográfica torna-se objeto etnográfico.” (GONÇALVES, 2012, p.4)

Antes de iniciar a descrição de como tal ferramenta metodológica fora aplicada às peculiaridades do campo, creio que algumas ponderações se fazem necessárias. Em primeiro lugar, a apropriação da etnografia enquanto ferramenta útil para a explicação e compreensão de interações decorrentes também no plano virtual não encontrou na ocasião de suas primeiras proposições um terreno de uníssona aceitação. Apesar disso, tal aplicação precipitara uma multiplicação de terminologias - tais como netnografia,

etnografia virtual, webnografia, etnografia digital e ciberantropologia (Fragoso, Recuero, Amaral, 2015) -, gerando algumas confusões e debates epistemológicos.

Segundo Fragoso, Recuero & Amaral (2015), a transposição deste método para o campo virtual data da década de 1990, estando exposta não só a um cenário de apropriação e adaptação metodológicas, mas também a críticas direcionadas a uma preocupação com uma fragilização do fazer etnográfico. Nesta direção, alguns cientistas e estudiosos mais ortodoxos entenderam que “o deslocamento, o estranhamento e o ‘ir a campo’, tão decisivos na formação do olhar interpretativo pareciam ter se esvaído frente a uma possível dissolução espaço-temporal advinda das tecnologias de comunicação e informação.” (ibid., p.171)

Contudo, se por um lado as peculiaridades e distinções de campos *on-line* e *off-line* implicam em transformações diretas no fazer etnográfico, por outro, há de se reconhecer neste método uma inerente flexibilidade e adaptabilidade ao campo pesquisado, uma vez que ambos estabelecem uma relação simbiótica na qual, embora existam critérios de distanciamento, imersão, descrição e análise, o pesquisador está sempre diante de uma realidade que demanda sensibilidade e capacidade de adaptação. Assim, conforme observa Hine (2000, p.13),

A metodologia de uma etnografia é inseparável dos contextos nos quais ela é empregada e é uma abordagem adaptativa que floresce na reflexividade sobre o método. A abordagem etnográfica [aplicada ao virtual] tem como objetivo fazer justiça à riqueza e complexidade da Internet e também defender a experimentação dentro do gênero como uma resposta a novas situações⁶².

Neste sentido, entendo que perspectivas que considerem inapropriado ou indesejável o emprego deste método em campos virtuais aproximam-se das críticas à sua aplicação aos contextos urbanos, configurando, assim, concepções excessivamente essencialistas, as quais deixariam de contemplar a riqueza de possibilidades proporcionada por olhares etnográficos. Desta forma, entendo que tal como a diferença não está restrita ao caricaturalmente exótico, as interações e apropriações virtuais representam um objeto “de olhar” tão legítimo quanto aquelas desenvolvidas no face a face. Além disso, embora se faça no plano *on-line* quando aplicada ao virtual, a etnografia nunca está ou estará desvinculada do *off-line*, desenvolvendo-se sempre a

⁶² “The methodology of an ethnography is inseparable from the contexts in which it is employed and it is an adaptative approach which thrives on reflexivity about method. The approach to ethnography [...] is intended to do justice to the richness and complexity of the Internet and also to advocate experimentation within the genre as a response to novel situations.”

partir do engajamento e da imersão do pesquisador com e no meio em questão (Hine, 2000). Logo,

a internet não é um espaço monolítico ou “um não lugar”. Em vez disso, ele é constituído por inúmeras novas tecnologias, utilizadas por diversas pessoas em muitas localizações do mundo real. Conseqüentemente, há muito a ser ganho por uma abordagem etnográfica, através da investigação de como as tecnologias da Internet estão sendo compreendidas e assimiladas em algum lugar em particular. (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2015, p.167)

Dentre as diferentes terminologias emergidas desta apropriação, os termos netnografia e etnografia virtual destacam-se enquanto os mais amplamente utilizados. Para autores como Kozinets (2010) que defendem a adoção do primeiro termo, sua relevância residiria principalmente em seu potencial de destacar “as diferenças que o método etnográfico sofre quando adaptado para os ambientes digitais, seja em termos de forma de coleta de dados, seja em termos de ética de pesquisa e análise [...]”. (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2015, p.174)

Além disso, o termo netnografia aparece fortemente associado a pesquisas aplicadas de mercado, estando amplamente relacionado aos estudos no campo do marketing e do consumo nos contextos das redes, tal como na análise de potenciais consumidores e seus comportamentos (Fragoso, Recuero & Amaral, 2015). Entretanto, conforme destacam tais autoras, a vinculação entre netnografia e pesquisas de mercado poderia levar a uma interpretação equivocada e limitadora acerca das possibilidades de contribuição e análise oferecidas pelo método etnográfico aos campos virtuais. Tal inferência poderia implicar, portanto, em

uma falta de compreensão em relação a sua complexidade teórico-metodológica, pois limitá-lo a um mero instrumento de aferimento de audiência e de perfil de consumo é descartar o entendimento das práticas comunicacionais, num sentido mais amplo, bem como dos aspectos protocolares culturais e comportamentais de cada grupo ou comunidade a serem observados. (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2015, p.176)

Adicionando ao rol de nomenclaturas oriundas deste processo de adaptação etnográfica ao virtual outros termos como etnografia digital e webnografia, tais autoras destacam os quais, para alguns estudiosos, todos esses neologismos “deveriam estar sob o guarda-chuva da ciberantropologia” (ibid., p.176). Contudo, ainda em consonância com suas observações, entendo que

tais terminologias parecem não propor mudanças substanciais à etnografia em si, mas em relação à maneira de lidar com os diferentes procedimentos de coleta e análise de dados e mesmo os tipos de suporte, não incorporando uma reflexão mais profunda sobre a materialidade dos mesmos. (ibid., p.176-177)

Também questionando a necessidade e a proficuidade desta multiplicidade de termos, Hine (2009) propõe sua suplantação uma vez que, para ela, eles aludiriam a uma suposta autoexclusão entre os ambientes *on-line* e *off-line* ao invés de uma relação de contiguidade e inter-relação. Tal autora pondera, por fim, que a etnografia virtual – termo popularizado pela própria – teria se convertido de volta em simplesmente etnografia.

Assim sendo, entendo que o termo ‘etnografia’ possa ser adotado e aplicado, desde que as peculiaridades na coleta de dados – seja por observação, entrevista ou outros meios - sejam identificadas e problematizadas em todas as suas fases, indicando as variações e relações dos âmbitos *on-line* e *off-line* (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2015). Logo, resalto que o cuidado no tratamento e condução da aplicação deste método a meios virtuais deverá reconhecer, identificar e estabelecer as diferenças inerentes aos contextos *on-line* e *off-line*,

tanto em relação aos usos e apropriações de formas diferentes que são feitos pelos informantes, quanto pelo recorte do objeto e o delineamento do campo, pela coleta de dados e mesmo pelos níveis de engajamento e relacionamento do pesquisador com a comunidade. As diferenças sejam elas sutis ou intensas, entre uma entrevista realizada presencialmente e uma entrevista conduzida por e-mail ou ferramentas de conversação como o MSN ou Skype devem ser incluídas na narrativa etnográfica que será conduzida ao longo da pesquisa. (ibid., p.178)

Apresentada tal explicação inicial, abordo, então, outra ponderação que considero relevante: sobre como e porque utilizar a etnografia como método de pesquisa de meios digitais. Refletindo sobre aplicabilidade deste método a meios virtuais, Gerbera (2008, p.2) observa:

a etnografia encarna a percepção mais convincente para a indagação e a compreensão de interações e inter-relações sociais geradas na Internet, como resposta à intermediação tecnológica, à pluralidade de paradigmas metodológicos, assim como à diversidade e complexidade das matrizes

etnográficas que se apresentam nas “vivências da rede”, que é, em síntese, seu objeto de estudo. Não obstante, sua análise dependerá da finalidade e da natureza que lhe for atribuída.

Sua apropriação esteve, portanto, diretamente relacionada à finalidade e ao caráter assumido na investigação, estando à serviço do problema de pesquisa e adequando-se à delimitação do campo e ao *design* do trabalho. Neste sentido, Fragoso, Recuero & Amaral (2015) apresentam em uma esquematização bastante didática algumas inter-relações entre motivos para a escolha da etnografia como método e seus desdobramentos no desenvolvimento, na condução e na estrutura da pesquisa.

Por que escolher a etnografia?	Quanto ao problema de pesquisa	Quanto ao <i>design</i> da pesquisa	Quanto à construção do campo
“Para estudar questões ou comportamentos sociais que ainda não são claramente compreendidos e ajudar o pesquisador a ‘tomar pé da situação’ antes de centrar-se em questões específicas.” (ANGROSINO, 2009, p.36)	Utilizar a pesquisa etnográfica para definir o problema de pesquisa.	Parte-se de um planejamento que é ordenado à medida que os princípios etnográficos são desenvolvidos.	Tomar a cultura daquele grupo, comunidade, etc. como foco e ponto de partida.
Para “conhecer a perspectiva das próprias pessoas sobre as questões.” (ibid.)	Definir um problema de pesquisa que não pode ser imediatamente expresso em termos de hipótese e que resulta em comportamentos não previstos pela literatura.	Essa etapa é feita, em geral, antes da ida a campo e, portanto, ainda na fase de aclimatação e conhecimento do pesquisador em relação ao objeto, tendo a revisão de literatura sobre a temática já sido feita.	Ir a campo, selecionar, observar, documentar (salvando arquivos e mensagens, fazendo <i>printscreens</i> , efetuando <i>downloads</i> de materiais e etc.), questionar e analisar.
	Identificar os participantes em um cenário social.	O planejamento não é imutável e sofre ajustes ao longo da pesquisa e a partir de situações e percepções que são analisadas quando emergem do campo.	Nunca se sentir muito confortável seja em relação ao campo, aos informantes, ao problema de pesquisa.
	Registrar um processo.	É preciso ressaltar que as etapas, muitas	Lembrar que a construção dos

		vezes, se sobrepõem e não acontecem de forma linear.	limites do campo é um processo social.
	Contextualizar o levantamento de dados quantitativos.		A construção de sentido é um processo interpretativo permanente.

Tabela 3. Critérios de escolha da etnografia como método. Fonte: FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2015, p.180-181)

Sustento que uma abordagem etnográfica adequa-se à problemática e aos objetivos propostos para esta pesquisa, uma vez que esta, a partir de uma perspectiva interpretativa, buscou compreender os sentidos atribuídos por tais sujeitos viajantes à viagem empreendida, desdobrando ainda tais questionamentos para uma problematização do papel da memória dentro deste processo de significação. Destarte, a adoção deste método contribuiu não somente para uma maior compreensão acerca de fenômenos novos e pouco explorados academicamente, mas, principalmente, para possibilitar a tomada de conhecimento das perceptivas dos próprios sujeitos acerca da viagem e de suas inter-relações com a questão da aceleração do tempo e das possibilidades de experiência subjetivo-temporal na contemporaneidade.

Para isso, partindo da delimitação de um recorte de pesquisa e de um campo adequado e exequível, levando também em conta as limitações de tempo, orçamento e elucidação disponíveis a uma pesquisa de doutorado, opto aqui pelo *etnobiografia* enquanto instrumento capaz de adequar-se tanto às limitações quanto às necessidades da pesquisa e do campo. Contudo, antes de adentrar sua breve delimitação e justificativa, creio que mais um esclarecimento seja importante. Embora tenha optado por uma delimitação de campo que abranja sítios eletrônicos e perfis em redes sociais, é necessário elucidar que estes não representam especificamente meus objetos de pesquisa. Ao invés disso, constituem meios abordados a fim de auxiliar ou mesmo viabilizar uma investigação que assume os próprios casos ou iniciativas de viagem já elencados como foco.

Assim sendo, a estratégia proposta para operacionalização da abordagem etnográfica destes instrumentos não estará voltada para uma descrição de suas redes de interações, atores envolvidos, dinâmicas e práticas de relacionamento, ou seja, abarcando amplamente suas teias e funcionamentos de interação. Diversamente, tem como objetivo auxiliar no processo de descrição e compreensão dos usos e significados

das viagens por parte de tais casais, contribuindo, por sua vez, para um processo mais amplo de interpretação de suas condições de experiência subjetivo-temporal. Deste modo, tal como apropria-se Brito (2014) da colocação de Clifford Geertz ao referir-se a aldeias, saliento que este é estudo *na internet* e não *da internet*.

Por conta disso, tal como realizei em minha pesquisa de mestrado⁶³, optei um recorte que antefira as perspectivas dos indivíduos pesquisados sobre suas jornadas, excluindo propositalmente as visões, motivações e pontos de vistas dos chamados “seguidores”. Logo, propus uma operacionalização destes meios virtuais que capaz de dar suporte à investigação dos sentidos da viagem através da análise de seus usos como instrumentos de compartilhamento de memórias, experiências e informações. Busquei enfocar, portanto, os conteúdos compartilhados, seus formatos, frequência, finalidades; em suma, privilegiarei a exploração das formas particulares de apropriação destes instrumentos virtuais pelos próprios pesquisados. Entendo que, em conjunto com as entrevistas semiestruturadas, tal abordagem metodológica forneceu insumos responsáveis por viabilizar a elucidação dos objetivos delimitados para esta investigação.

Quanto ao modo de execução deste olhar e acompanhamento, optei pela combinação de ferramentas tradicionais – como a observação participante e o uso de entrevistas semiestruturadas e abertas - com estratégias de caráter mais aplicado ou “experimental” – como o uso da função de *printscreen*⁶⁴ para registro e arquivamento de *posts* e conteúdos publicados. Conforme apresentado na seção dedicada à delimitação e negociação do campo, como recorte a ser acompanhado e observado foram eleitos os sites oficiais e os blogs de cada iniciativa. Saliento que, ambas formas de acompanhamento foram iniciadas já no ano de 2014 e desenvolvidas até março de 2018, tendo servido tanto à construção da problemática previamente apresentada, do caminho hipotético de interpretação que vem servindo a esta análise como uma espécie de “hipótese intuitiva⁶⁵” e, por fim, às análises apresentadas nos próximos capítulos.

⁶³ Em minha pesquisa do mestrado, ao invés de abarcar as interações estabelecidas entre anfitriões e hóspedes em hospedagens de tipo “cama e café” localizadas no bairro de Santa Teresa (Rio de Janeiro), optei por um recorte que privilegiava as perspectivas dos anfitriões sobre estas abordagens, uma vez que tinha como objetivo compreender tanto suas motivações para tal realização como seus processos de articulação de instâncias como afetiva/comercial e bastidor e fachada (Goffman, 2011).

⁶⁴ A função *printscreen* – representada por um botão em teclados de computadores – permite ao usuário a captura da tela exibida no dispositivo como que em uma fotografia ou congelamento da imagem apresentada no momento de seu acionamento.

⁶⁵ Chamo aqui de maneira informal esta interpretação preliminar dos dados de hipótese intuitiva como modo de distingui-la da abordagem hipotética das ciências *hard* onde uma hipótese é formulada para ser colocada à prova. Ao invés disso, neste trabalho formulo este instrumento como um apontamento oriundo

Dito isto, adoto a etnobiografia como um caminho capaz de conferir à narração dos sujeitos pesquisados um duplo papel de criação e representação, onde a produção do conhecimento se dá justamente no encontro e na relação estabelecidos entre pesquisador e pesquisados. Neste sentido, concordo com Brito (2014, p.20) ao entender que, enquanto “produto e constructo de uma relação que altera percepções no processo mesmo de sua criação, [tal método] não se reduz a alternativas do tipo ou/ou, isto é, ou a visão do nativo ou a visão do antropólogo.”

Nesta abordagem, a narração biográfica dos sujeitos pesquisados assume uma função de “portal de acesso” para a construção de uma compreensão mais aprofundada tanto acerca de suas subjetividades quanto dos aspectos culturais e sociais que ali reverberam (Gonçalves, 2012). Deste modo, suplanta-se um tratamento maniqueísta ou dicotomizante das questões enfocadas, posicionando experiências individuais em um contexto sociocultural, sem desconsiderar seu caráter subjetivo-criativo. Como descreve Gonçalves (2012, p.1-2)

A partir de experiências individuais de cada um dos atores ancorados em suas percepções culturais, estrutura-se uma narrativa que procura dar conta desses dois aspectos na simultaneidade, propondo de uma só vez e a um só momento a não mais antagônica relação entre subjetividade e objetividade, cultura e personalidade. [...] O indivíduo passa a ser pensado a partir de sua potência de individuação enquanto manifestação criativa, pois é justamente através dessa interpretação pessoal que as ideias culturais se precipitam e tem-se acesso à cultura.

Por fim, reconheço que nesta modalidade, o estabelecimento de uma relação entre pesquisador e pesquisados assume um caráter de extrema importância, uma vez a construção da etnobiografia estaria condicionada a uma capacidade de “intercambiar experiências”. Como indica Gonçalves (2012, p.12) “é no sentido de partilha que a biografia se encontra com a etnografia.” Logo, estando ambos os envolvidos implicados nos processos de produção de conhecimento e sujeitos a transformações, tal abordagem é, portanto, “produto de um discurso autoral proferido por um sujeito num processo de reinvenção identitária mediada por uma relação”. (ibid.)

Entrevistas:

de um trabalho de campo exploratório, cujas observações iniciais parecem sinalizar algumas direções de interpretação.

Em conjunto com a observação dos sites oficiais das iniciativas de viagem representadas pelo projeto VLE e pelo caso de Eduardo e Mônica, o arcabouço metodológico aqui proposto abarcou também a realização de entrevistas com os casais viajantes. Como aponta Oliveira (2007, p.86), “a entrevista é um excelente instrumento de pesquisa por permitir a interação entre pesquisador(a) e entrevistado(a) e a obtenção de descrições detalhadas sobre o que está pesquisando.” Segundo Quivy e Campenhoudt (1998, p.193) este método é especialmente adequado “à análise do sentido que os actores dão às suas práticas e aos acontecimentos [...] das leituras que fazem das próprias experiências, etc.” Acredito, portanto, que tal ferramenta tem a potência de fornecer, através das narrativas destes atores sociais envolvidos, a observação da repercussão do vivido segundo a concepção de quem viveu.

As entrevistas foram realizadas em formato semiestruturado em virtude das peculiaridades referente ao um campo que é móvel e extremamente dinâmico. Embora em uma abordagem etnobiográfica a flexibilidade de narrativa possibilitada pela modalidade aberta de entrevista configure uma alternativa valiosa, precisei levar em conta nesta investigação algumas limitações e circunstâncias pragmáticas referentes à condição particular dos sujeitos pesquisados enquanto viajantes. Conforme tratado anteriormente em minhas reflexões metodológicas, tal condição representa um desafio trazido por este campo, em especial quando considerado a partir da problemática e do enfoque aqui propostos. Neste sentido, precisei articular meu longo e frequente acompanhamento virtual de tais casos às oportunidades vislumbradas para a realização das entrevistas – operacionalizadas tanto por *email* quanto através do software de vídeo conferências e chamadas *Skype*.

Ratifico, portanto, que a mudança constante de endereço dos pesquisados, tal como seu acesso intermitente à internet e suas rotinas por muitas vezes marcadas por imprevistos podem impô-lo à realização das entrevistas maiores limitações quanto ao tempo disponível para cada contato, tal como dificultou em alguns momentos o próprio estabelecimento deste contato – em especial de modo simultâneo. Deste modo, considerando tais possíveis limitações e condições do campo, busquei compensar tais limitações mediante a realização de uma observação presente e próxima de tais casos a partir de seus canais de compartilhamento construindo, a partir deste acompanhamento, um vasto diário de campo.

Por fim, entendo que tais preocupações inserem-se no âmbito da construção de um relacionamento entre pesquisador e pesquisados, uma vez que considerar suas peculiaridades, limitações e condições fez-se fundamental para a manutenção de um “canal aberto”, de uma relação de cooperação entre as partes.

Como não seria possível analisar em profundidade todo o universo constituído pelos viajantes de tipo mochileiro - ou mesmo aqueles que optam pela realização de “projetos de viagem” com prazo bem delimitado -, a “amostra” selecionada para a realização dessa pesquisa foi de cunho não-probabilístico intencional (OLIVEIRA, 2007, p.89), tendo o processo de escolha destes objetos de pesquisa já sido apresentado anteriormente no projeto. Logo, a análise das significações destas viagens em questão não se preocupou em fazer generalizações, mas sim, em observar particularidades e pluralidades referentes às apropriações destas modalidades de viagem por parte destes indivíduos.

Metodologia de análise

A análise dos dados coletados foi realizada segundo a metodologia de análise de conteúdo. Como assinalam Quivy e Campenhoudt (1998, p.227), “a análise de conteúdo [...] permite [...] satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva, que nem sempre são facilmente conciliáveis.” Além disso, como defendem estes mesmos autores, este método é particularmente adequado à análise “das ideologias, dos sistemas de valores, das representações e das aspirações, bem como de suas transformações”, sendo todos os métodos de análise de conteúdo apropriados para o estudo do não dito, do implícito (QUIVY & CAMPENHOUT, 2008, p. 230).

Para tal, construí, a partir do desenvolvimento do trabalho de campo, categorias temáticas observando questões que se apresentaram como centrais tanto nas entrevistas quanto no acompanhamento de seus relatos publicados. Levando em consideração os objetivos da pesquisa e também a observação dos *blogs* e sites destas iniciativas que já vem sendo por mim realizada desde 2014. Vale dizer que tais categorias foram organizadas posteriormente em dois momentos de desenvolvimento e exploração. No primeiro deles, dediquei-me à abordagem dos temas que emergiram como aproximações

entre os dois casos, destacando-se aí a questão da mobilidade como um elemento de distinção e as manifestações de um imperativo contemporâneo da felicidade. Já no segundo momento, partindo de uma observação também à primeira vista compartilhada entre os dois casais – simbolizada pela presença de uma ideia de “sentir-se (mais) vivo” – explorei a produção de processos distintos de significação e apropriação, inserindo também nesta etapa uma enfoque mais direcionado à compreensão das relações estabelecidas entre indivíduo, tempo e memória.

5. UM IMPERATIVO PARA CHAMAR DE MEU

Movimento, memória, criação, diferença. Após a apresentação das reflexões e dos referenciais teóricos responsáveis não só por motivar, mas também por sustentar a realização desta investigação, convido meu leitor a acompanhar-me em uma trajetória analítica por dentre distanciamentos e aproximações, singularidades e compartilhamentos. Antes de embarcar no desenvolvimento desta etapa, considero importante lembrar os objetivos aos quais ela busca atender valendo-se da colaboração entre observações empíricas e referenciais teóricos:

Objetivo Geral: Compreender em que medida tais iniciativas de viagem representariam estratégias de contra-resposta a um fenômeno de compressão da hesitação.

Objetivos Específicos: (1) Entender os significados embutidos na associação entre estas viagens e uma busca por afirmação existencial; (2) Identificar a influência destas viagens nas formas de relacionamento entre indivíduos e tempo; (3) Analisar o papel da memória dentro de possíveis processos de descompressão da hesitação; (4) Investigar a relação entre uma possível descompressão da espera e uma maior possibilidade de meditação e criação.

Dedicando-me à compreensão dos usos e sentidos atribuídos às viagens do casal Spencer e de Eduardo e Mônica, inicio este momento de exploração abordando as aproximações observadas entre os dois casos. Exponho, portanto, nesta etapa de análise o delineamento de uma contextualização destas iniciativas, abordando suas interfaces com valores e imperativos característicos da contemporaneidade. Na primeira seção, destrincho a mobilidade como um elemento de distinção, marca de uma potência não só de deslocamentos, mas, sobretudo da possibilidade de realizar escolhas. Para isso, valho-me da categoria de turista proposta por Bauman (1999), alinhando-a aos perfis destes viajantes.

Já na seção seguinte, discorro sobre a ascensão da felicidade ao posto de um imperativo categórico. Perpassando um amplo processo de individualização e privatização da tarefa de ser feliz, abordo neste momento de desenvolvimento outros

imperativos que posicionam-se como satélites à obrigatoriedade de uma felicidade permanente e imediata.

Destaco, por fim, que ainda que este capítulo não esteja diretamente dedicado ao tratamento de questões referentes às relações estabelecidas entre indivíduo e tempo, considero-o como um estágio imprescindível no percurso para a elucidação da questão central proposta para esta investigação⁶⁶. Entendo que o esclarecimento de tal interrogação perpassa necessariamente uma compreensão ampla dos sentidos, usos e dinâmicas atribuídos a estas jornadas por tais indivíduos-viajantes.

5.1 Livres, leves e soltos

Visando estabelecer uma leitura crítica acerca das iniciativas de viagem aqui enfocadas, inicio este momento de análise inserindo-as em um contexto marcado por valores e imperativos particulares. Como ponto de partida, assinalo uma condição comum aos casos do projeto VLE e da viagem de Eduardo e Mônica: para ambos os casais - heterossexuais, caucasianos, jovens, sem filhos, de classe média-alta e previamente empregados - a mobilidade apresenta-se enquanto possibilidade, escolha; em suma, como privilégio.

Cristalizada na – mas não restrita à – liberdade de escolher onde se quer estar, a mobilidade assume na sociedade de consumo contemporânea um *status* de objeto de desejo e de distinção onde a condenação a uma “vida de opções” fora amplamente generalizada, mas a condição de optante não está ao acesso de todos. (Bauman, 1999). Enquanto para um grupo de “globalmente móveis” o espaço perdera sua qualidade limitante, expandindo-se tanto em instância física quanto virtual, para os “impedidos de se mover”, o espaço real vem sendo rapidamente fechado, de modo a deixá-los “fadados a suportar passivamente qualquer mudança que afete a localidade onde estão presos.” (ibid., p.85)

Neste sentido, entendo que as metáforas de turistas e vagabundos propostas por Bauman (ibid.) representam instrumentos capazes de auxiliar uma melhor compreensão

⁶⁶ Em que medida tais iniciativas de viagem representariam estratégias de contra-resposta a um fenômeno de compressão da hesitação?

tanto da busca destes casais por um “estado de permanente movimento”, tal como da configuração da própria mobilidade enquanto símbolo de distinção.

Os turistas tornam-se andarilhos e colocam os sonhos agridoces da saudade acima dos confortos do lar — porque assim o querem ou porque consideram essa a estratégia de vida mais racional “nas circunstâncias” ou porque foram seduzidos pelos prazeres reais ou imaginários de uma vida hedonística. (...). Os vagabundos são o refugio de um mundo que se dedica ao serviço dos turistas. (BAUMAN, 1999, p.89)

Ao discorrem sobre as rotinas prévias ao início de suas jornadas, tanto Mônica Morás (EM) quanto Leonardo Spencer (VLE) trazem em suas falas uma espécie de rejeição à fixidez. Mônica (em entrevista) associa um sentimento de “insatisfação geral com a vida” a uma impressão compartilhada pelo casal de que na rotina pré-viagem “nada fluía, por mais que se esforçassem”. A ideia de fluidez aparece associada, portanto, a um modo de vida desejado, onde estados sucessivos de mudança denotariam uma condição de movimento como um sinônimo de não-estagnação.

Leonardo (VLE), por sua vez, relata afinidade com a carreira - na tesouraria do banco internacional Citibank -, tal como um alto padrão de ganhos financeiros e de qualidade de vida.

O trabalho no banco nos proporcionava uma qualidade de vida altíssima, tanto no dia-a-dia como nas viagens, mas estávamos questionando aonde aquilo tudo iria nos levar. Eram sete anos de banco, tempo que gostamos muito do que fazíamos, mas entendíamos que daquele momento em diante seria somente para acumular dinheiro, *não deslumbrávamos muitos desafios que não fossem ligados à carreira e principalmente ao dinheiro!* (Leonardo, VIAJO, LOGO EXISTO, 2016)

Além de ideia de movimento estar também presente na fala de Leonardo mediante o questionamento acerca de “aonde aquilo tudo iria levá-los”, tal relato traz ainda outra questão para a qual chamo atenção. A boa condição financeira e profissional surge associada a uma espécie de sentimento de saturação, desdobrando-se em uma aura desestimulante. Simboliza, pois, o confronto com uma linha de chegada que, ao perder seu *status* de alvo no horizonte, impele sua própria – e pronta – substituição.

Ora, a manutenção de tal movimento como constante depende, então, do desenvolvimento de um “senso de insuficiência artificialmente criado e subjetivo” (BAUMAN, 1999, p.91), através do qual o desejo atua como um motor orientado não

para a satisfação, mas para o próprio – ou para o próximo – desejo. Desse modo, a sobrevivência da mobilidade enquanto condição (valorada) demanda, paradoxalmente, o perseguição e o afastamento de toda e qualquer chegada.

Com efeito, viajar esperançosamente é na vida do consumidor muito mais agradável que chegar. A chegada tem esse cheiro mofado de fim de estrada, esse gosto amargo de monotonia e estagnação que poria fim a tudo aquilo pelo que e para que vive o consumidor — o consumidor ideal — e que considera o sentido da vida. (...) Seu tipo de viagem esperançosa faz da chegada uma maldição. (BAUMAN, 1999, p.82)

Destarte, a ideia de movimento, transcendendo a literalidade de deslocamentos no espaço físico, assume neste cenário sentido análogo a um estar “em processo de” ou “em direção a”, desde que sempre em referência a horizontes cujos limites nunca se convertam em efetiva e concreta satisfação.

Para os consumidores da sociedade de consumo, estar em movimento — procurar, buscar, não encontrar ou, mais precisamente, não encontrar ainda — não é sinônimo de mal-estar, mas promessa de bem-aventurança, talvez a própria bem aventurança. (...) O consumidor é uma pessoa em movimento e fadada a se mover sempre. (BAUMAN, 1999, p.80)

A figura metafórica do turista proposta por Bauman (ibid.) equivale, pois, à do consumidor ideal por incorporar não somente a potência de transitar “livre, leve e solto” pelo espaço, mas, sobretudo, dentre escolhas. Nesse sentido, a identificação destes viajantes como *lifestyle travelers* assinala a passagem do deslocamento e do extraordinário para a esfera do ordinário (Graburn, 1989), convertendo-os em um estilo de vida.

Enquanto Rachel e Leonardo alegam não saber definir suas atuações profissionais e estilo de vida em uma categoria bem delimitada, descrevendo-se como um misto de “fotógrafos, viajantes profissionais, empresários e palestrantes”, em algumas de suas postagens, Mônica e Eduardo posicionam-se sob a categoria de nômades digitais. Em uma publicação⁶⁷ de 24 de maio de 2016, Mônica define tal categoria, como “pessoas que não têm casa e realizam seu trabalho através internet e das tecnologias que permitem mobilidade (...) não têm endereço fixo, carregam tudo que possuem na mala e todo o negócio é administrado online.” Além disso, observa que tal

⁶⁷ “O que é ser nômade digital”. Disponível em: <https://www.eduardo-monica.com/new-blog//o-que-e-ser-nomade-digital> Acesso em: 27/05/2016.

estilo de vida demandaria de seu praticante “muito desapego e principalmente resiliência”, fornecendo, em contrapartida, “bastante flexibilidade e autonomia.”

Posteriormente, ainda nesta mesma postagem, diferencia este modo de vida de outra alternativa que define como “profissionais de localização independente” – “pessoas que têm um negócio que lhes proporciona flexibilidade para viajar, podendo trabalhar de casa ou viajar por longos períodos, mas têm para onde voltar”. Admite, por fim, sua intenção de converter seu estilo de vida para esta última modalidade no futuro.

É importante assinalar, portanto, que tal admissão do deslocamento como condição normativa se dá como uma *escolha* oportunizada justamente pela possibilidade distintiva de fazê-la. Assim, em ambos os casos pesquisados, uma série de fatores caracterizam tal potência de mobilidade como um indício de privilégio. Em primeiro lugar, como aspecto mais evidente está a capacidade de constituição de uma reserva financeira, tal como de sua dedicação (ou de parte dela) a estes projetos de viagem. Tal condição, apesar de comum aos dois casais, prepondera especialmente no caso do projeto VLE, onde fora investida na primeira etapa do projeto (realizada entre os anos de 2013 e 2017) uma quantia de mais de cem mil reais.

Ainda a respeito de uma condição financeira capaz de imputar um senso de segurança em contraste com os riscos e a imprevisibilidade do decorrer e dos desdobramentos da viagem, tal casal – que dispõe também de um apartamento próprio na cidade de São Paulo – comenta: “nós somos extremamente conservadores nesse sentido [de assumir riscos], então mesmo sem saber se teremos trabalho lá na frente, temos um dinheiro guardado, que deve continuar guardado para quando voltarmos.” (VLE, 2015)

Vale destacar que, embora tivessem definidas suas insatisfações, ambas as viagens foram planejadas e iniciadas tanto com a pressuposição de um retorno (ao Brasil e, possivelmente, a uma rotina semelhante à vivida no período anterior às partidas) – quanto em direção a horizontes abertos e desdobramentos incertos. Em ambos os casos as partidas estiveram associadas a uma ideia de “arriscar-se”, de tentar e – até mesmo testar – a sorte, sob discursos de “viver algo novo”, “dar uma pausa” e “ver no que dá”.

Ao discorrer sobre o processo de decisão que teria culminado na elaboração desta viagem, Mônica Morás menciona uma percepção de que “não tinham nada a perder” e complementa: “percebemos que um ano no Brasil ou fora dele não faria quase

nenhuma diferença na volta.” Ora, embora em um primeiro momento o uso da expressão “não ter nada a perder” faça referência ao não estabelecimento no Brasil de uma realidade pessoal e profissional percebida como satisfatória – o que simbolizaria este “elemento de valor” sujeito à perda ou comprometimento – proponho que tais falas possam ser desdobradas em uma interpretação consecutiva. Não se trata aqui de não dispor literalmente de algo (bens materiais ou imateriais, *status*, empregos e carreira) que não pudesse ser perdido, mas de uma percepção de que pouco seria comprometido com o empreendimento da viagem no caso de um retorno para o Brasil. Em seus relatos, ambos os casais contam que consideravam, na ocasião de suas partidas, uma retomada de suas carreiras e rotinas na ocasião de seus retornos como uma opção viável e razoavelmente disponível.

Assim, o empreendimento destes projetos – cujos desdobramentos, apesar do planejamento empregado, ainda permaneciam incertos no momento de seus lançamentos – fora sustentado justamente pela possibilidade de reaver suas posições anteriores caso desejassem, em um possível retorno. Ao ser questionada sobre os fatores que teriam influenciado sua decisão de implementar uma viagem como esta, Rachel (VLE) responde:

Foi uma conjuntura, estávamos bem na carreira, mas achamos que pela nossa idade poderíamos correr o risco e recomeçar ao final da viagem, tínhamos alguma estabilidade financeira e ainda não tínhamos filhos, sabíamos que se tivéssemos filhos, dificilmente deixaríamos o trabalho, então pareceu uma oportunidade incrível e resolvemos agarrá-la. (...) Agora ainda somos relativamente novos, temos algum dinheiro guardado e ainda acreditamos que a viagem servirá de trampolim para novos caminhos profissionais. (VIAJO, LOGO EXISTO, 2016)

A presença de elementos de segurança como reservas financeiras e bens materiais combina-se com outros fatores percebidos como favoráveis à mobilidade – como a idade e o fato de não terem filhos – na conformação do que descrevem como uma janela de oportunidade para o empreendimento de suas jornadas. “Eu larguei a minha recém-começada profissão de fotógrafo de moda para dar a volta ao mundo. Não que fosse um plano de vida, mas sempre gostei de viajar e se não fosse naquele momento, talvez eu nunca mais fosse” – afirma Eduardo. Logo, o entendimento de que realização de tais “aventuras” não se converteria em um comprometimento significativo de possibilidades de escolha confere a estes projetos um caráter de risco planejado, dimensionado e razoavelmente afiançado.

Embora Eduardo e Mônica descrevam uma situação financeira menos assegurada e confortável do que a dos Spencers, ambos os casais compartilham em certo grau de uma capacidade de arcar com riscos e incertezas inerentes à decisão de partir em viagens como estas. A opção de interromper – ainda que momentaneamente – ou mesmo abandonar uma carreira ou atuação profissional estabelecida para perseguir um futuro orientado para uma busca por maior satisfação não é, seguramente, uma opção disponível a todos – ou por todos elegível. Mais do que uma condição financeira confortável, tais empreitadas refletem e demandam uma posição privilegiada de capital simbólico (Bourdieu, 2013). A mobilidade revela-se, então, como desdobramento de uma geometria do poder (Massey, 2000), simbolizando um valor de distinção por atestar publicamente não só (o teor de) uma determinada escolha, mas principalmente a potência de fazê-la.

5.2. Viver e ter vergonha de não ser feliz

Ora, para além de sua associação à condição de mobilidade percebida simultaneamente como um elemento libertador e distintivo, tais buscas por maior satisfação pessoal e profissional inserem-se como projetos individuais em um macroprojeto social de felicidade cujos alvos e agentes são justamente as classes médias e as elites. (BIRMAN, 2010, p.27) Mas, se o perseguimento de um ideal de felicidade não pode ser vislumbrado como uma invenção contemporânea, é a partir de desdobramentos da modernidade que seu posto é alçado a um patamar ímpar: o de imperativo. Como em nenhum outro momento histórico, a ordem de ser feliz agora, sempre e a qualquer custo impera não somente sob a roupagem de anseios individuais, mas, sobretudo, como uma obrigação social que confere a tal temática um posicionamento de centralidade e evidência no cenário contemporâneo.

A felicidade é decantada, em mensagens publicitárias, pesquisas acadêmicas e projetos políticos, como o ‘alfa e o ômega da existência’ – a mola propulsora de todas as ações humanas, a obrigação e o direito primordial de cada um de nós. (FREIRE FILHO, 2010, p.13)

Variáveis ao longo do tempo e dentre culturas diversas, as construções de sentidos e discursos sobre “ser feliz” emergem como reflexos de suas temporalidades históricas. Conforme descreve Birman (2010), a conformação de um imperativo contemporâneo da felicidade fez-se possível em decorrência de uma série de transformações socioculturais. Em primeiro lugar, uma transladação do domínio da alma para o do corpo – alçado à posição de bem soberano e elemento fundamental do hedonismo moderno – fora responsável por uma inversão na relação estabelecida entre felicidade, prazer e desprazer. Em um processo de “secularização do mundo ético”, a busca pela salvação da alma cede seu lugar para a obtenção do prazer e a evitação do desprazer como critérios distintivos para que o indivíduo possa atingir o estado supremo de estar feliz. (BIRMAN, 2010, p.31) A felicidade desce ao palco terreno assumindo, pois, uma configuração cada vez mais imediata.

Além disso, a emergência histórica da racionalidade científica, ao promover a precisão matemática e a calculabilidade como lógicas de leitura do mundo, desencadeou uma subversão nas possibilidades de controle do imprevisível e do acaso. De tal modo, ao ampliar o domínio do homem sobre a natureza, “a constituição do discurso da ciência foi a condição de possibilidade para que fosse delineada uma perspectiva efetivamente estratégica na busca dos feitos pelos indivíduos e no engendramento concreto da felicidade.” (ibid., p.32-33) Desvinculando-se, pois, de uma submissão à (deusa) Fortuna, a felicidade passa a ser forjada no espaço social como um projeto de engenharia individual operacionalizado por intermédio de discursos estratégicos.

Ocorre, assim, um processo de privatização da felicidade, responsável também pela projeção do perseguimento de um ideal de perfectibilidade do espírito humano. Tal processo contribui, pois, para elevar o discurso do individualismo ao patamar de um culto do indivíduo – considerado este como valor, em si e para si. (ibid. p.34) Por fim, o enfraquecimento do Estado em suas funções de regulação e mediação social, paralelamente à ascensão do neoliberalismo no Ocidente, resultou na fragmentação do espaço social em um mar de indivíduos. A partir de tais processos, conformou-se na atualidade uma atmosfera de insegurança e competição,

de forma que cada indivíduo passou a se encontrar desde então lançado na busca desesperada de seus objetivos particulares e sem se inscrever, como elemento e átomo, numa ordem social englobante. Cada indivíduo passou a agir e a se representar, com efeito, como uma pequena empresa neoliberal, na busca pela sobrevivência e sem poder mais contar com a proteção de ninguém. (BIRMAN, 2010, p.37)

Ora, sustento que esta breve recapitulação acerca do percurso e das características de conformação de um imperativo da felicidade na contemporaneidade constitui uma etapa fundamental para a compreensão e interpretação dos sentidos e usos atribuídos às viagens aqui abordadas. Em primeiro lugar, entendo que o empreendimento de tais projetos em direção ao perseguimento ou à manutenção de um "estado de felicidade" não pode nem ser interpretado como uma manifestação isolada, motivada por questões de cunho exclusivamente particulares. Isto porque, em uma era de felicidade compulsiva e compulsória, “a busca pela felicidade não significa [somente] um movimento imanente, um clamor interno dos indivíduos; ela é estimulada e é formatada pela sociedade.⁶⁸” (FRANÇA, 2010, p.217)



Figura 9. Printagem do perfil do projeto Viajo, logo existo na rede social Instagram.

⁶⁸ Considero importante esclarecer, no entanto, que assumo aqui a existência de uma relação de indissociabilidade entre indivíduo e sociedade, não tendo como intenção o desenvolvimento de uma leitura determinista onde os poderes de ação, agência e criação individual estariam soterrados. Nesta perspectiva, busco compreender concomitantemente tanto o contexto de forças, influências e valores no qual tais casos estão inseridos, tal como as apropriações e respostas particulares que cada um deles simbolizaria.

Orientados para a concretização de sonhos e desejos pessoais, tais projetos inserem-se em um panorama onde o investimento nas grandes mudanças sociais perde credibilidade e ânimo, sendo francamente substituído por ideais microssociais de realização pessoal. (FRANÇA, 2010) Além disso, em ambos os casos, tais estados de satisfação pessoal e profissional são sustentados por uma tríade de valores mutuamente relacionados: a autonomia, a autoestima e a qualidade de vida. Segundo Birman (2010), elementos conformadores do fundamento moral da felicidade na contemporaneidade, tais valores estariam presentes – em destaque e de diferentes maneiras – em todos os atuais discursos sobre o tema. Cabe aqui, então, a apresentação e interpretação sobre as formas sob as quais eles se apresentam e são significados nos casos do projeto VLE e da viagem de Eduardo e Mônica.

Ora, a percepção de dispor de liberdade e autonomia para fazer as *próprias* escolhas ocupa, indubitavelmente, um lugar central nos pontos de vista e ideais compartilhados por estes casais, estando intimamente relacionada às suas concepções de felicidade e sucesso. A possibilidade – e, sobretudo, a necessidade – de “estar no comando da própria vida” perpassa, pois, com larga frequência os discursos e performances destes viajantes.

Já de início, há que se considerar a própria modalidade de viagem adotada que, caracterizada pelo formato “faça você mesmo”, representa um indicativo notório da valorização e do perseguinto de uma experiência percebida como autônoma⁶⁹. Nos dois casos aqui enfocados, são os próprios viajantes os responsáveis pelo planejamento e execução de todas as etapas da viagem, desde a escolha dos destinos, passando pela elaboração de roteiros e programações, até a operacionalização dos usos de transporte e locais para hospedagem ou residência.

Além disso, tanto no caso dos Spencer quanto no de Eduardo e Mônica, a viagem é acompanhada de um processo de autonomização profissional, consubstanciado na conversão de uma condição de empregado para um exercício profissional *freelancer* e/ou empreendedor. Funcionários do Citibank⁷⁰ antes de suas partidas, Rachel e Leonardo contam que o VLE teria sido concebido já desde seu planejamento como um projeto concomitantemente pessoal e profissional. A viagem parece surgir neste caso

⁶⁹ Destaco, aqui, que todos os indicativos e análises feitos a respeito do exercício de uma condição de autonomia buscam refletir exclusivamente as percepções e os valores almejados pelos próprios sujeitos pesquisados, não sendo minha intenção, a proposição de qualquer juízo de valor sobre efetividade da conformação de tal aspecto.

⁷⁰ Braço integrante da multinacional de serviços financeiros Citigroup Inc.

como uma estratégia de ampliação de condições de autonomia não somente durante seu desenvolvimento, mas também pela expectativa de um alargamento em suas possibilidades de escolha profissional após sua finalização.

Buscamos no “Viajo, logo existo” o início de um negócio que possa gerar o suficiente para nossa sobrevivência no longo prazo, seja através da comercialização de fotografias e textos, palestras sobre organização, experiência de vida e assuntos do gênero, patrocínio, passando por livros, workshops e consultorias na área de viagem ou inúmeras outras oportunidades que iremos descobrir no caminho. (VIAJO, LOGO EXISTO, 2017)

Apesar disso, Rachel conta que, no ano de 2016, após a conclusão de sua viagem de mais de três anos pelo mundo, ela e Leonardo ainda não tinham bem definidos quais seriam os rumos de suas trajetórias profissionais. Cogitando inclusive a retomada de suas atuações no mercado financeiro, o casal teria se proposto em seu retorno ao Brasil um período de três meses para a realização de uma espécie de “balanço” da experiência de suas jornadas.

Relata, ainda, que durante este período o casal teria realizado uma série de reuniões e levantamentos acerca dos impactos do projeto no Brasil, sendo surpreendidos com a proporção de seu alcance e projeção. Tal constatação teria contribuído, conforme conta Rachel, para reforçar seus interesses em continuar investindo no VLE, fortalecendo-o como uma alternativa de empreendimento profissional capaz de sustentar um estilo de vida com o qual teriam maior identificação também pessoal. A partir desta nova etapa surgiu, então, a segunda fase do projeto, cuja meta é atingir dentro do ano de 2018 a marca de 100 países visitados.⁷¹

Isso [esses três meses de balanço] tinha a ver com reuniões, potenciais parcerias... o que percebemos nesse período era que o VLE era muito maior do que imaginávamos no Brasil. A marca já estava estabelecida, as pessoas tinham apreço por ela e pensamos: caramba, pode ser interessante ver onde isso vai dar... Com isso, surgiu a ideia de voltar para a estrada, principalmente porque ainda existia vários lugares que queríamos conhecer, mas não tinha rolado na viagem de carro. Com tudo isso em mente, resolvemos criar o novo projeto, rumo aos 100 países!

Assim, iniciado a partir de financiamento integralmente próprio e contando exclusivamente com o casal como seus gestores e divulgadores, o projeto “Viajo, logo

⁷¹ Tal meta é proposta em continuidade ao número de países já visitados na primeira etapa do projeto VLE, chamada de “Viajo, Logo Existo - Volta ao Mundo”.

existo” foi expandindo vertiginosamente seu alcance ao longo de seus cinco anos de jornada. Divulgado principalmente através de meios digitais, seu crescimento foi, ainda, acompanhado pela constituição de uma rede de apoio composta por parcerias estabelecidas tanto com grandes marcas como Smiles, Comparex, Samsonite, CopaAirlines e Microsoft, quanto com seus próprios seguidores. Em decorrência disso, a acomodação nos destinos visitados passou a estar cada vez menos dependente do carro, contando com o oferecimento de cortesias e/ou suportes de hospedagem por parte de seguidores – em sua maioria, brasileiros residentes no exterior – e redes de hotéis e *resorts*, estas explicitamente interessadas na divulgação de seus serviços e produtos.

Todavia, é interessante registrar que tais transformações responsáveis por sua conversão de um projeto independente para um empreendimento inserido em uma dinâmica e crescente rede de colaborações – comerciais ou não – não são percebidas como ameaças à manutenção de um sentimento de autonomia por parte destes viajantes. Ao invés disso, parecem contribuir inclusive para o fortalecimento de suas autoestimas, uma vez que estes sujeitos se vêem como agentes na articulação destas estratégias. A reinserção e o diálogo estabelecidos com um mundo corporativo do qual se distanciaram na ocasião de suas partidas se dá, pois, sob uma dinâmica onde tais indivíduos vêm subvertidas suas posições – e condições – de escolha e decisão.

Neste sentido, a escolha e a equipagem do carro⁷² feitas pelo casal Spencer na primeira etapa do projeto VLE parece assumir uma significação não somente pragmática, mas também simbólica. Além de contribuir para um incremento de mobilidade através de estratégias de otimização⁷³ e desprendimento, tal elemento tem o poder de transladar estes viajantes à posição (literal) de condutores de suas próprias trajetórias. Confere, portanto, maiores graus de controle e flexibilidade tanto de destinos – literais e metafóricos –, quanto de outros aspectos como o tempo de permanência nos locais e a dinâmica da viagem de uma maneira geral.

⁷² “(...) o automóvel (...) é essa máquina que o próprio indivíduo controla e pela qual ele expressa sua vontade; ela o transforma naquilo que Freud chama de Deus protético, dando-lhe o dom da velocidade.” (TRILLING, 2010, p.145)

⁷³ Inclusive quanto ao uso e organização do tempo, conforme abordarei no capítulo seguinte.



Figura 10. O carro e seus sentidos. Fonte: Rachel e Leonardo Spencer. Disponível em www.viajologoexisto.com.br. Acesso em 29/04/2017

Já Eduardo e Mônica contam que, apesar de uma insatisfação profissional ter influenciado a conformação da ideia de partir nesta jornada, a viagem não representaria para eles um instrumento no qual teriam investindo profissionalmente. Originada a partir de “objetivos puramente pessoais” e motivada por uma intenção de “dar um tempo”, a atuação profissional de Eduardo e Mônica na fotografia teria sido implementada na viagem como uma forma de sustentar o novo estilo de vida nômade.

Já no começo da viagem o dinheiro acabou, Eduardo e eu tivemos a pior crise que quase nos separou e o que era um meu sonho de ano sabático estava prestes a morrer na praia com três meses. Até que o destino conspirou de novo e as coisas mudaram na Tailândia. E para que o sonho se mantivesse vivo, era preciso trabalhar muito mais do que trabalhava no emprego "normal". Tive que botar em prática toda a minha cara de pau, força de vontade, resiliência para ouvir o não, e experiência profissional dos anos passados para conseguir o sim.⁷⁴

Motivado, portanto, pela necessidade de custear a continuidade do sonho de um ano sabático – o qual acabou se convertendo posteriormente em um estilo de vida –, o investimento na obtenção de trabalhos remunerados é narrado como mais custoso e desafiador do que em suas atuações profissionais anteriores. Isto porque, estaria condicionado a um espaço ou entrada que precisaria “ser cavado com as próprias

⁷⁴ “Porque larguei tudo e fui viajar” de 19/10/2014. Disponível em: <https://www.eduardo-monica.com/new-blog/2014/10/24/por-que-eu-larguei-tudo-e-fui-viajar> Acesso em: 02/02/2015.

mãos”; o potencial individual de construção de suas próprias oportunidades profissionais é, assim, valorizado como uma característica positiva e distintiva.

Ainda nesta postagem, Mônica Morás associa – tal como o fez Leonardo Spencer – uma situação profissional, pessoal e financeira percebida como confortável, com a presença de um sentimento de insatisfação e desânimo.

Você já acorda desanimado, pensa em milhões de coisas do que poderia estar errado, mas nada vem à mente. Afinal você tem uma família amorosa, amigos que te apoiam, formação acadêmica consistente, um emprego numa empresa com ambiente bom e um salário razoável... Mas ainda assim você não é feliz!

Contudo, se na fala de Leonardo tal sentimento de insatisfação aparece como consequência de uma espécie de saturação de aspirações financeiras, para Mônica, seu estado de infelicidade estaria atrelado a uma necessidade de satisfação de expectativas sociais, a qual teria, para ela, teria culminado em um sentimento de “estar vivendo uma vida que nem era mais sua”. Ainda nesta mesma postagem, continua:

Comigo não foi diferente, mas eu cansei de ter que satisfazer as expectativas do outros. Eu tinha (e ainda tenho) sonhos, já estava com vinte e muitos anos e continuava infeliz sem saber “o que eu queria ser quando crescesse”. O caso era que eu já havia crescido... e eu era a consequência de várias decisões que eu havia tomado.

É possível observar em tal relato a combinação entre uma ânsia pelo desvelamento e pela concretização de desejos e sonhos pessoais, cuja efetivação se daria através de um processo de responsabilização do eu por si mesmo e pela construção de sua própria felicidade. Em outra postagem de título “Larguei tudo três vezes: por viagem e fotografia⁷⁵”, Eduardo Viero também reflete sobre uma contraposição entre demandas externas (ou sociais) e internas (individuais), expressando sua preocupação acerca de um estado de dependência e solapamento de escolhas individuais. Ao discorrer sobre o tempo em que trabalhou em uma multinacional – período no qual admite ter conquistado “o cargo que almejava na empresa que queria” –, conclui:

⁷⁵ De 15/12/2017. Disponível em: <https://www.eduardo-monica.com/new-blog/larguei-tudo-viagem-fotografia> Acesso em: 20/12/2017.

Vivia uma vida que outros haviam me imposto. Pode parecer estranho, mas hoje muitas vezes somos resultado de escolhas de outras pessoas. Mas isso é porque damos importância ao que os outros falam e pensam, vivemos em uma sociedade que julga as pessoas como elas são.

Ora, tanto Eduardo quanto Mônica trazem explícita em suas falas uma inquietação voltada para a importância dada ao exercício de uma vida na qual suas aspirações e demandas individuais prevaleçam sobre determinações exteriores. Nesse sentido, atribuem às pressões e expectativas sociais uma caráter de imposição responsável por desvirtuar suas trajetórias das direções às quais correriam seus *verdadeiros* desejos, interesses e valores. A autonomia aparece, então, de mãos dadas com outro valor imperioso no cenário contemporâneo: a autenticidade.

Por um lado, é necessário reconhecer de antemão que variadas formas de rejeição à ideia de ser ditado por outro indivíduo ou comunidade estiveram frequentemente presentes ao longo de diversos momentos históricos. Contudo, é na atual conjuntura que é consubstanciado um ideal moral da autenticidade (TRILLING, 2014) – ou, como define Taylor (2003), uma convocação generalizada à autenticidade. Neste contexto, “uma vida fundamentada em valores e concepções que não os próprios passa a ser não só classificada, mas também sentida como uma vida desperdiçada, insatisfatória.” (COSTA, 2017, p.333)

Conforme apresenta Trilling (2014, p.137), “a preocupação com o *ser* deu forma à maior parte da especulação feita no século XIX acerca da vida moral.” Assim, a partir da contestação de uma “cultura instruída no dever e da obediência à lei peremptória e absoluta” (ibid., p.147) – cristalizada na empreitada da sinceridade, “passou-se a crer que o ato de *ser*, isto é, a gratificante experiência do eu como ente, estava suscetível a influências que ou aumentavam, ou diminuavam sua força.”

Taylor (2003) sustenta ser possível localizar no pensamento de Rousseau a concepção de uma cisão entre aparência e essência; a datar de suas reflexões, o autêntico e o inautêntico teriam surgido como dois modos distintos da existência humana. Na esteira de inquietações como estas, conforma-se, pois, o entendimento de que a autenticidade individual, assumida como expressão da “natureza sentimental e espontânea do eu” estaria sendo amplamente comprometida “sob a máscara que o olhar público impõe a todos, desaparecendo no interior da uniformidade” (PIMENTEL *at al*, 2013, p.76).

Assim, como legado manifesto desta transladação de uma empreitada de sinceridade a um ideal de autenticidade (Trilling, 2014), “admitir ter a vida ditada ou moldada por padrões externos de caráter pretensamente universal seria validar fundamentos que histórica e intelectualmente foram deslegitimados ao longo da modernidade.” (COSTA, 2017, p.333) Ademais, fundamentando-se na admissão do indivíduo como “o próprio *locus* de significado e realidade” (GONÇALVES, 1988, p.264), tal ideal de autenticidade estaria inserido em uma conjuntura de privatização da existência e subjetivação da vida social no qual o corpo e a ação assumem um caráter de centralidade. (BIRMAN, *ibid.*)

Neste sentido, como pode ser observado nas últimas falas apresentadas, a impossibilidade de experimentação de uma vida “determinada pelas próprias escolhas”, onde o prazer – corporificado na satisfação de aspirações pessoais – compromete as condições de autonomia do sujeito, simbolizando um processo de dependência corrosivo também para sua autoestima. Em um panorama de fragmentação e competição, a autonomia projeta-se, então, como uma condição sem a qual o indivíduo “não poderia sobreviver efetivamente” (BIRMAN, 2010, p.37), demandando, para sua sustentação, uma série de práticas e estratégias de expansão e exaltação do eu.

Conforme atesta Birman (*ibid.*, p.38),

sem a expansão infinita de si, que se contrapõe permanentemente à existência do outro⁷⁶, o indivíduo não poderia sustentar a dita autonomia de si mesmo, como valor e como imperativo moral. Seria preciso, então, que o indivíduo apostasse todas as fichas nele próprio, promovendo a si mesmo como um valor (...).

Ora, localizadas neste contexto supracitado, as viagens aqui analisadas representam instrumentos de autoinvestimento, promovendo sentimentos de validação e afirmação existencial. Por um lado, tal como observado por Cohen (2009) na investigação onde cunha o termo de *lifestyle traveler*, tais jornadas são entendidas por estes casais como ferramentas de conhecimento, desenvolvimento e aprimoramento de si, através das quais acreditam estar “aprendendo coisas novas” e “se tornando pessoas melhores”. Ao discorrer sobre as motivações que teriam precipitado o desenvolvimento da segunda fase do projeto VLE (“Rumo aos 100 países!”), Rachel responde: “os fatores

⁷⁶ “Nesta economia do narcisismo (...) o que está em jogo é a promoção permanente do registro psíquico do eu ideia e não o do ideal do eu. (...) enquanto o eu ideal transforma o sujeito no seu próprio ideal sem levar em consideração o outro e qualquer imperativo ético da alteridade, no registro do ideal do eu, em contrapartida, o sujeito de submete a um ideal que lhe transcende e lhe regula.” (BIRMAN, 2010, p.39)

que nos motivaram foram a vontade de continuar conhecendo mais pessoas, mais países, mais experiências e também continuar nesse processo de autoconhecimento”.

Eduardo Viero, por sua vez, em uma postagem intitulada “12 razões porque viajar te torna uma pessoa melhor⁷⁷”, defende que a prática de viagens como a que realiza seria capaz de promover transformações e aprendizados, fazendo do indivíduo-viajante alguém: “mais sociável”, “melhor na arte de conversar”, “mais confiante”, “mais humilde”, “mais adaptável”, “mais aventureiro”, “mais esperto”, “mais feliz”, “menos materialista”, “mais pró-ativo”, “mais independente” e “mais ouvinte”. A viagem apresenta-se, pois, como um meio para o aumento da autonomia e da autoestima do viajante, promovendo qualidades ligadas à sociabilidade, ao desprendimento e à intrepidez.

Intimamente entrelaçadas à questão da autonomia, práticas de desprendimento e minimalismo apresentam-se como ferramentas que, condicionadas a uma preocupação com potenciais de liberdade e mobilidade, atendem a uma sustentação de performances “vencedoras”. Conforme destaca Birman (ibid., p.41), “na atualidade, o incremento, a manutenção ou a diminuição da dita autoestima estariam diretamente vinculados à condição do indivíduo de ser vencedor ou de ser perdedor”.

Em postagens como “Dicas da Mala: Como Estar Bem Arrumada o Dia Todo Durante a Viagem⁷⁸” e “Como Eu Me Libertei Do Meu Guarda-Roupa⁷⁹”, Mônica Morás compartilha percursos pessoais de desapego e dicas utilitárias para “estar sempre bonita nas fotos da viagem mesmo depois de caminhar quilômetros no calor da rua.” “As roupas que você escolher vão impactar profundamente na sua **autoestima e o seu bem estar** na viagem” – afirma a fotógrafa. Contudo, mais adiante, relativiza tal necessidade, advertindo em tom espirituoso: “Não, você NÃO é obrigada a estar sempre impecável na viagem, mas tem dias que a gente quer sair do hostel mais linda que a Gisele Bündchen. É a esses dias que eu me refiro aqui!” Entendo, portanto, em consonância com Birman (2006 apud BIRMAN, 2010, p.43), que “neste modelo antropológico da subjetividade contemporânea, o sujeito é concebido segundo os eixos do corpo, da ação e da intensidade, segundo os quais são a performance e a autonomia que sustentariam a autoestima dos indivíduos.”

⁷⁷ De 08/01/2018. Disponível em: <https://www.eduardo-monica.com/new-blog/motivos-para-viajar-pessoa-melhor> Acesso em: 10/01/2018.

⁷⁸ De 25/11/2016. Disponível em: <https://www.eduardo-monica.com/new-blog/como-estar-bem-arrumada-o-dia-todo-durante-a-viagem> Acesso em: 27/11/2016.

⁷⁹ De 17/01/2017. Disponível em: <https://www.eduardo-monica.com/new-blog/2015/4/6/como-eu-me-libertei-do-meu-guarda-roupa> Acesso em: 19/01/2017.

Por fim, destaco um último entrecruzamento compartilhado entre estas jornadas: instrumentalizadas no empreendimento de uma expansão de si, tais viagens assumem roupagens que as aproximam da noção de aventura delineada por Simmel (1989) como uma possibilidade alternativa de existência em meio ao caos das experiências nervosas do mundo do capital. Já de início, tal como aponta Raposo (2008, p.953-954),

ao pensarmos em aventura, de imediato vem à mente um sabor de ousadia, de desbravamento de mares, de piratas, marinheiros, ou seja, de tipos que no nosso imaginário estão associados à força, coragem, juventude, sujeitos à sorte e ao azar, e que, sabendo dos riscos dessa vida aventureira, encaram o presente com toda a intensidade.

Nesta direção, além de fazerem recorrente alusão em seus discursos aos atos de desbravamento e exploração (de destino, paisagens e culturas), Rachel e Leonardo mencionam dentre as motivações para o empreendimento de seu projeto ânsias por “voltar a sentir frio na barriga” e “viver com mais vida”. Eduardo, por sua vez, ao discorrer sobre como a viagem promoveria em indivíduos-viajantes como ele uma condição de (mais) aventureiro, comenta:

Cada viagem que você faz, você vai querendo fazer mais e mais. Você começa fazer coisas que não costumava e isso vai te dando mais confiança de se aventurar em coisas que você não costumava fazer antes. Caminhar por 6 horas para escalar o Fitz Roy na Argentina já é uma aventura e tanto, mas para alguns o simples fato de pegar um avião sozinho já é uma aventura sem precedentes. O importante é desafiar seus medos e fazer coisas novas.⁸⁰

Entendo que, em tal fala, Eduardo explicitamente posiciona a viagem como uma ferramenta de expansão e aprimoramento do eu. O fotógrafo relativiza, porém, tal caráter de aventura ao reconhecer como condição para sua configuração não a presença de uma experiência extrema especificada, mas sim, de uma postura peculiar diante da vida, uma forma alternativa de olhar e de relacionar-se com o mundo. Isto porque, tal como sustenta Simmel (1989, p.312), não é o conteúdo o que atrai o aventureiro, mas a “forma aventureira de sua vivência⁸¹.”

⁸⁰ “12 razões porque viajar te torna alguém melhor” de 08/01/2018. Disponível em: <https://www.eduardo-monica.com/new-blog/motivos-para-viajar-pessoa-melhor> Acesso em: 10/01/2018.

⁸¹ “*Le mode de vie aventureux.*” Tradução minha.

Conforme indica ainda tal autor (ibid., p.307), constituída “como uma ilha na vida⁸²”, a aventura representa um caminho de sobrevivência viabilizado como uma forma peculiar de suspensão do ordinário, através da qual novas formas de relacionamento com o cotidiano podem ser criadas. Nela, o indivíduo-aventureiro sustenta uma combinação ímpar de risco e (auto) confiança; imprevisibilidade e potência de conquista e realização. Assim, mediante a simultaneidade da afirmação de sua própria força e de sua própria sorte, a figura do aventureiro

busca romper com a monotonia da existência coisificada e da indiferença; (...) expressa o viver em tensão em meio às fragmentadas e diversas circunstâncias da existência cotidiana, porém persegue o deslocamento e a autonomia dessa como é o caso da obra de arte. (TEDESCO, 2007, p.62)

Aprendendo a lidar – e até jogar – com a tensão do imprevisto, “o aventureiro trata o imponderável da vida tal como nós só nos comportamos frente ao seguramente ponderável.” (SIMMEL, 1989, p.314) Verifica, pois, no acaso possibilidades tanto terríveis quanto apaixonantes, encontrando nele o grande fascínio da aventura.

O caráter de aventura confere a tais jornadas uma simultânea roupagem de tensão e intensidade, configurando um caminho para a compreensão de um sentimento de “sentir-se (mais) vivo”. Contudo, entendo que a exploração de tal aspecto deva ser levada ainda mais adiante. Mas, afinal, que outros sentidos tal noção poderia assumir nestes casos? Ora, é a partir deste ponto que tais casais assumem trajetórias díspares como em uma bifurcação no caminho. Convido, então, meu leitor a acompanhar-me na exploração destes destinos indeterminados.

⁸² “*Elle est une île dans la vie.*” Tradução minha.

6. JORNADAS SENSACIONAIS

Na seção anterior, situei os casos do projeto VLE e da viagem de Eduardo e Mônica em um cenário marcado pela valorização da mobilidade e por uma série de imperativos individualistas. Em primeiro lugar, busquei problematizar a mobilidade enquanto um elemento de distinção, discorrendo sobre atribuições de sentido que lhe fariam transcender o mero deslocamento espacial ou geográfico. Além disso, movimento e liberdade de escolha estariam entrelaçados em um imperativo da felicidade, produto de um processo de ascensão do indivíduo a um patamar de valor absoluto.

Neste contexto, tais jornadas assumiriam, ainda, a roupagem de aventuras – ora mais, ora menos planejadas – através das quais práticas de expansão e exaltação do eu sustentariam o perseguimento de um ideal de felicidade orientado para satisfação de interesses e demandas percebidos como autênticos. Buscas por autoaprimoramento e autoconhecimento seriam, então, alimentadas por uma intenção de expansão de si para além de uma zona de conforto, combinando-se à valorização de condições de risco e imprevisibilidade.

Contudo, entendo que a interpretação destas estratégias pode – e deve – ser levada a um ponto mais adiante. Poderiam essas buscas por “voltar a sentir frio na barriga” e viver com “mais vida” representar alargamentos de sensibilidades diante de uma vida comprimida em suas possibilidades de percepção e espera, ou haveria nestas falas outras lógicas operantes? Afinal, em que medida estas jornadas poderiam representar instrumentos de descompressão da hesitação?

Em direção à elucidação de tais questionamentos, considero fundamental o resgate de alguns aspectos conceituais já apresentados no capítulo anterior a fim de ratificar a delimitação do que assumo nesta investigação como uma (possível) descompressão da hesitação. Assumindo a existência de um intervalo estabelecido entre estímulo e resposta, Bergson (1999) descreve a capacidade de hesitar como uma particularidade dos seres vivos, a qual alcançaria na espécie humana sua maior potencialidade. A inserção da espera neste intervalo corresponderia ao não

prolongamento do estímulo em ação motora (ibid.), atrelando-se às condições de indeterminação do ser. Neste sentido, hesitar implicaria em uma mobilização da memória (imagem) em um procedimento de atualização de virtualidades que teria como resultado a produção da diferença em si.

Além disso, tal intervalo estaria ainda relacionado a variações nas condições de autonomia e de sensibilidade do ser, uma vez que sua amplitude seria proporcional às possibilidades tanto de escolha (das respostas devolvidas), quanto de sensibilidade. Isto porque, enquanto a percepção simbolizaria o poder refletor do corpo sobre as demais imagens, a afecção, também localizada por Bergson (ibid.) neste hiato interacional, representaria sua capacidade de absorção. Logo, falar em uma compressão da hesitação significaria falar também em uma compressão de memória(s) e sensibilidade(s).

Entendo, portanto, que uma descompressão da hesitação possa estar atrelada a estratégias de reinserção de tempos e espaços da espera (enquanto possibilidade) diante da extenuante combinação contemporânea entre uma torrente de estímulos e demandas por respostas cada vez mais imediatistas. Contudo, esclareço que tal descompressão não corresponderia necessariamente a uma brandura absoluta e literal da vida. Ao invés disso, orienta-se para o afloramento de oportunidades de experimentação do tempo para além de dimensões cronológicas, utilitaristas e homogeneizantes; em suma, uma experimentação tanto do tempo enquanto diferença, quanto das diferenças inerentes ao próprio tempo, assumido como duração. A presença da hesitação marcaria, enfim, o processo criativo-memorial a partir do qual a indeterminação configura o sinal de uma ultrapassagem do funcionamento do reconhecimento automático.

Nestas condições, uma descompressão da hesitação representaria também um alargamento do sensível, viabilizado por meio não só da ampliação de possibilidades de espera, mas ainda do desenvolvimento de um método intuitivo. Conforme defende Bergson (ibid.), manifesto sob a forma de uma valorização dos espaços e tempos do “inútil”, tal método tem como premissa o enfraquecimento ou até mesmo a subversão dos interesses práticos como condicionantes absolutos da percepção. Isto porque, neste movimento, a orientação da percepção para a ação implicaria em uma lógica de antecipações subtrativas, limitando as possibilidades de apreensão e experimentação do todo, dadas através de um aprofundamento duracional. (ibid.)

A partir desta brevíssima recapitulação teórica e da ratificação de alguns de seus conceitos questiono, então: como se daria a relação entre viagem e percepção? O que esta relação teria a dizer a respeito das experiências subjetivo-temporais destes sujeitos? Estariam estas viagens sendo utilizadas como instrumentos em busca de uma decompressão de sensibilidades e de espera? Antes de iniciar o desenvolvimento destas indagações, esclareço que, se na seção anterior discorri sobre uma série de influências e valores majoritariamente compartilhados entre os casos do casal Spencer e de Eduardo e Mônica, é a partir deste ponto que suas trajetórias começam a apresentar distanciamentos, expondo caminhos diferentes de apropriação, elaboração e articulação.

6.1. Viajo, logo existo

Ao discorrerem sobre as motivações que teriam fomentado a criação e implementação do projeto VLE, Rachel e Leonardo trazem em suas falas uma série de menções ao perseguinto de uma experiência permeada por interesses como “voltar a sentir”, “sentir frio na barriga” e “viver com mais vida”. Explorei previamente como tais sentidos atribuídos à viagem estariam inseridos em um contexto marcado pela busca imperativa da felicidade conformando, ainda, uma aventura instrumentalizada como uma ferramenta de expansão e exaltação do eu. Contudo, estaria tal caráter de risco e de suposta imprevisibilidade da aventura promovendo uma ampliação de sensibilidades nos moldes teórico-conceituais já delimitados? Qual seria, afinal, a lógica por trás da potencialização desta percepção de “sentir-se (mais) vivo”?

Ora, se há no caso do VLE um *modus operandi* onde o sentir (mais) é indubitavelmente perseguido e valorizado, entendo que tal fato não se dá por meio de um alargamento da percepção, mas sim, através de uma busca por estímulos inebriantes. Dentre auroras boreais e mares cristalinos, culturas, cores, sabores e paisagens são valorizados e almejados em razão de possibilidades de afecção. Observo neste caso um comportamento semelhante ao que Türcke (2010) descreve como *sensation seeking*⁸³, onde a afirmação do eu se processa através da validação fornecida por sua própria capacidade de percepção.

⁸³ Ou, no português, perseguinto de sensações.



Figura 11. Compilação de imagens sensacionais – Viajo, logo existo. Fonte: Rachel e Leonardo Spencer. Disponível em @viajologoexistio / Instagram.

Tal como já denunciara Simmel (2005a, 2005b) em suas análises da modernidade, o incremento da velocidade e da intensidade dos estímulos nas grandes cidades – condição ainda mais intensificada na contemporaneidade – fora responsável pela promoção de esgotamentos sensíveis, resultando em uma espécie de estado de dormência ou indiferença. Türcke (2010, p.68) também observa que “as sensações que agitadamente tomam o organismo, fazendo-o sentir em todas as suas fibras e que parecem dar-lhe de volta a percepção subtraída, o sentimento pleno de si, são precisamente aquelas que o anestésiam.”

Em contraste com uma atualidade cada vez mais dominada pelas estrídulas excitações que cintilam nas telas microeletrônicas, rotinas ordinárias são convertidas em uma massa insossa e entediante, ficando abaixo do que o aparato sensorial pode absorver. Diante da difusão de um sentimento generalizado de nulidade, a sensação – concebida como “aquilo que, magneticamente, atrai a percepção, o espetacular, o chamativo” (ibid., p.9) – recebe a incumbência de atestar aos sujeitos suas condições de vitalidade e existência⁸⁴. Desse modo, “a percepção do que causa uma sensação converte-se na percepção *tout court*.” (ibid., p.20)

Encurralado, então, entre um dia a dia de estímulos *de menos* para serem percebidos e estímulos *demais* sob a forma de uma torrente de excitações, o organismo se encontra, segundo tal autor, na “situação paradoxal de não ser mais capaz de transformar os puros estímulos em percepção. (...) Daí a vontade de sentir a si próprio, de se certificar que se existe, para sair do vácuo da falta de percepção, de sensação e de sentimento.” (TÜRCKE, 2010, p.65-66)

Por conseguinte, ao invés de um aguçamento ou de uma ampliação da percepção, como objetivara Bergson (ibid.) ao propor seu método intuitivo, a sobrecarga característica de uma “sociedade da sensação” resulta na promoção de uma insensibilidade viciada⁸⁵. Tal como no funcionamento do vício, injeções estimulantes implicam em progressivas adaptações anestésicas alimentando, assim, demandas por doses de choques cada vez mais fortes. (Türcke, 2010)

A sensação simboliza, neste desempenho, o ópio para uma sociedade simultaneamente excitada e distraída, carente de ferramentas capazes de incessantemente desviá-la da sobriedade. Estímulos audiovisuais estão sendo, deste modo, instrumentalizados para encobrir e suportar uma condição miserável de torpor imposta pela aceleração e pela competitividade do capitalismo tardio. (Türcke, 2010)

Contudo, se tal conjuntura atinge na contemporaneidade um grau de intensidade ímpar, Türcke (2010, p.171) atesta que “(...) a vida de fuga que afasta a sociedade moderna em ritmo *high-tech* de suas origens arcaicas leva justamente de volta para

⁸⁴ “(...) a sensibilidade faz parte do organismo. Se não se pode mais sentir é porque se está morto.” (TÜRCKE, 2010, p.65)

⁸⁵ “Eles [os choques] fazem o sistema nervoso dependente e viciado de sensações. O vício deseja mais do que o material viciante pode dar-lhes.” (TÜRCKE, 2010, p.12)

elas.” Isto porque, a atual e progressiva maximização de choques consistiria, segundo ele, em uma espécie de procedimento duplo da sistemática repetição arcaica de rituais sacrílegos que, motivada justamente pela necessidade de proteção contra estímulos ameaçadores, teria sido responsável pelo surgimento da cultura.

Desse modo, ainda que associada à existência de intervalos elaborativos, a compulsão traumática à repetição⁸⁶ estaria entremeada na própria origem da cultura através da assimilação e da rememoração⁸⁷ normativa do pavor.

Mas a repetição compulsoriamente autonomizada de que se trata aqui é um mimetismo que ultrapassa a si mesmo: não apenas a busca de proteção diante do pavoroso, mas também no pavoroso. Ela não apenas se adapta ao pavoroso, mas também adapta o pavoroso a si: começa a tomar-lhe as rédeas. A angústia é disseminada por todo o mundo animal; todo estímulo que não é mensurável pela própria rede nervosa desencadeia impulsos de fuga. Mas o domínio da angústia por meio da produção de angústia inverte o impulso de fuga: torna-o fuga para frente. Ela se assemelha a um processo de autovacinação, no qual o organismo administra a si mesmo uma dose do pavoroso, a fim de se tornar imune a ele, ou seja, volta-o contra si a fim de se preservar. (ibid., p.133-134)

Todavia, se na concepção da cultura os choques estavam submetidos a estratégias de dominação através de sua aproximação voluntária e intencional, na contemporaneidade, são as telas enquanto *locus* de sua manifestação que exercem sobre o homem suas forças de domínio e determinação. Elevando seus graus de intensidade e ampliando seus alcances, tais superfícies estão cada vez mais definindo condições possíveis e desejáveis de percepção, representação, imaginação e pensamento.

Inserindo-se nesta lógica, entendo que o consumo e a emissão de sensações constituem o farol que orienta a jornada de Leonardo e Rachel Spencer. Isto porque, não só seus olhares, mas toda a condução da viagem está fortemente orientada para a alimentação de suas “existências virtuais” através da produção de conteúdos capazes de causar afecção – tanto em si, quanto nos outros. Investidas voltadas para o engendramento de sentimentos de admiração, fascínio e até mesmo espanto em seus

⁸⁶ Enquanto para Freud a compulsão à repetição estaria orientada para um desejo de tornar-se inorgânico, conformando-se em uma pulsão de morte, para Türcke tal compulsão daria respeito a um desejo de alcançar um estado de máxima inquietude, do pavor traumático.

⁸⁷ “(...) a memória surgiu da tentativa incessantemente repetida de se libertar de algo.” (TÜRCKE, 2010, p.147)

espectadores fazem-se frequentemente presentes em suas comunicações através de discursos e paisagens que buscam potencializar choques (possíveis).

Em uma postagem feita na rede social *Instagram* acerca da passagem do casal pela Islândia, Rachel escreve: “O lago é realmente surreal e maravilhoso, como vocês viram nas fotos anteriores. Ficamos literalmente extasiados e maravilhados com tamanha beleza!” Destarte, imagens e experiências espetaculares são não somente “caçadas” em direção ao atendimento da premissa *sentio, ergo sum*⁸⁸ mas, também, compartilhadas em função de outra máxima efetivada na sociedade da sensação: *esse est percipi* – ser é ser percebido.

A tela associa-se, pois, ao choque como instância responsável por testar e atestar condições de vitalidade em um movimento onde o real parece submeter-se ao virtual, recorrendo a este para fins de sua validação⁸⁹. Isto porque, “por todos os lados, a presença corporal produz um efeito pálido e apagado em comparação com a midiática.” (TÜRCKE, 2010, p.41) Consequentemente, em uma arena de excitações onde a atenção transforma-se em objeto de disputa, a potencialidade de sobressair representa não somente uma vantagem, mas, sobretudo, uma necessidade e uma demanda.

Cabe ao indivíduo, portanto, a extenuante tarefa⁹⁰ de sustentar esforços constantes na propaganda de si, buscando o convencimento – de si e dos outros – acerca de sua existência. Ainda nesta direção, o ato de fotografar a si mesmo em paisagens, culturas e contextos dotados da capacidade de provocar afecção assume, em minha interpretação, um sentido análogo ao que Brum (2005) atribui aos *selfies* com famosos (enquanto figuras socialmente legitimadas⁹¹).

⁸⁸ Sinto, logo existo.

⁸⁹ “Quem não emite não é, ou seja, ele pode estar tão vivo quanto possível, ter os melhores parâmetros sanguíneos e o melhor caráter; midiaticamente está morto. E a ilusão midiática, que o faz parecer morto, é irradiada, por sua vez, como se representasse a vida plena, embora seja feita de pixels mortos.” (TÜRCKE, 2010, p.46).

⁹⁰ Entendo que a emergência de sintomas sociais caracterizados como “fracassos performáticos” (Birman, 2010) dá-se justamente por conta desta necessidade de provar-se a todo tempo – não somente a respeito de suas qualidades e virtudes, mas até a instância da própria existência. Em um contexto de imperativos compressores, a sustentação destas performances obrigatoriamente felizes e inteiramente responsáveis por tal condição faz-se exaustiva e, para muitos, uma condição insuportável.

⁹¹ E vale ratificar aqui: legitimadas justamente porque percebidas e dotadas, com isso, de uma existência e de uma presença social amplamente reconhecidas.

Há qualquer coisa de pungente no *selfie*, uma expressão de nosso desespero por tentar provar que existimos, já que não conseguimos nos sentir existindo. Melhor ainda se for um autorregistro com alguém famoso, detentor de um certificado de existência validado pela mídia, que então seria estendido ao seu autor. (...) Cada *selfie* é também a imagem de nossa ausência. (BRUM, 2015, s/p.)

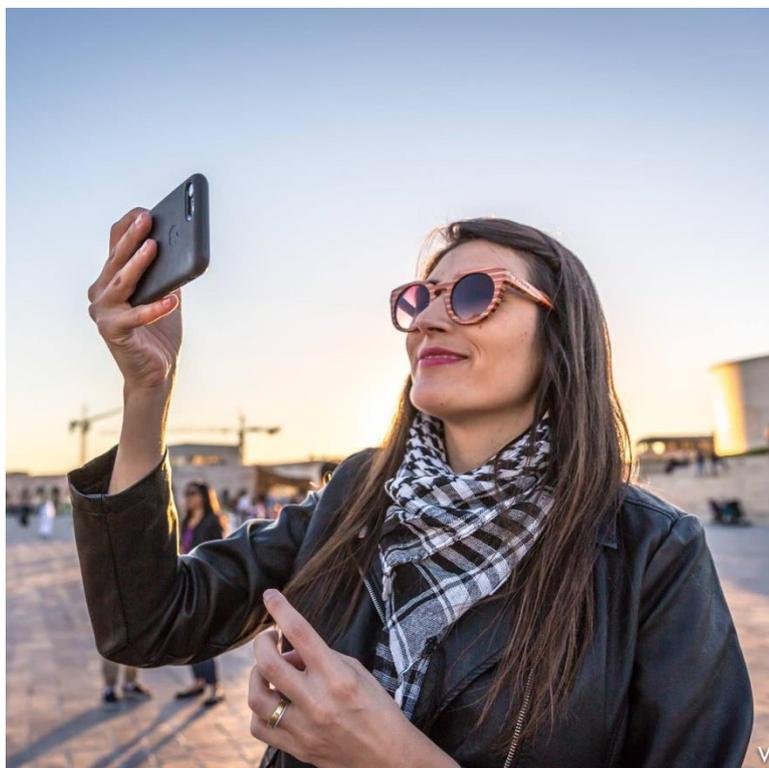


Figura 12. Seflies. Fonte: Leonardo Spencer. Disponível em @viajo, logo existo/ Instagram.

O estabelecimento desta “existência virtual”, potencializada, por sua vez, pela amplitude das audiências constituídas indica, portanto, uma das principais explicações para um incremento na satisfação pessoal destes indivíduos em decorrência de sua iniciativa de viagem. Logo, se a mobilidade constitui, conforme já apresentado, um fator de distinção, é a emissão quem tem a potencialidade de garantir a estes sujeitos sua presença social.

Não apenas no nível de firmas (...), mesmo em todas as formas de interação humana vale o seguinte: quem não chama atenção constantemente para si, quem não causa uma sensação corre o risco de não ser percebido. (...) e não ser percebido significa estar de fora, e estar de fora é como estar morto em um corpo vivo – incompatível com a dignidade humana. (TÜRCKE, *ibid.*, p.37, 59)

Ora, e é justamente pela vital necessidade de ser percebido que a viagem do casal Spencer está, em seus olhares e direções, condicionada e direcionada para a produção de conteúdos que alimentem tanto seu site oficial, quanto seus perfis em redes sociais. Assim, em um funcionamento no qual o real parece servir ao virtual, uma compulsão por emissão funde-se a uma compulsão à ocupação (TÜRCKE, 2010), de modo que a viagem – concebida tanto como trabalho, quanto como estilo de vida – é gerida como um empreendimento que deve ser produtivo e eficiente. “Quem convive no dia a dia conosco sabe que não paramos um segundo” – reconhece Leonardo.

Além do planejamento pormenorizado de roteiros, tempos e custos, é também recorrente em seus relatos a indicação do aproveitamento de tempos percebidos como liberados e ociosos para trabalhar, seja no abastecimento do site ou dos perfis em redes sociais, na organização das próximas etapas de jornadas ou na busca e no estabelecimento de novas parcerias. Assim, as instâncias de trabalho e lazer fundem-se em uma relação quase simbiótica, submetidas ambas, no entanto, à lógica de produtivismo e otimização oriunda do mundo do trabalho. “É ‘Viajo, logo existo’ 24 horas por dia” – comenta Leonardo em uma de suas postagens no perfil do VLE na rede social *Instagram*.

Contudo, se o trabalho parece adentrar quase qualquer brecha aberta em seus dias, a atuação profissional deste casal é também influenciada por valores muitas vezes associados aos tempos do lazer (Dumazedier, 1999). A ideia de dispor de autonomia sobre a organização e uso do próprio tempo, associada ao prazer pelo desempenho de uma atividade profissional que atenderia a sonhos e aspirações pessoais, é responsável pelo enfraquecimento de uma associação entre trabalho e obrigação – esta última compreendida como uma demanda externa que deve ser atendida pelo sujeito mediante a negação em alguma medida do seu próprio prazer. Assim, o espraiamento da lógica produtivista do trabalho por quase todo o território da vida é acolhido positivamente, uma vez que o trabalho simboliza ele mesmo um instrumento na sustentação de performances de autonomia e autenticidade.

Entendo, portanto, que o forte condicionamento das percepções de Rachel e Leonardo a estes interesses práticos contribui para que esta iniciativa afaste-se do que chamo neste trabalho de estratégias de descompressão da hesitação. Isto porque, a

antecipação de ações possíveis sobre o mundo (manifesta em seus sentidos de utilitarismo e produtivismo) favorece a uma restrição do alcance da percepção à ordem da utilidade, contraindo paralelamente as possibilidades de espera do sujeito. Ora, se um aprofundamento na percepção dos detalhes do mundo circundante implica em um correspondente aprofundamento em regiões do passado (MACIEL, 2017), ações que limitem a capacidade de percepção através da promoção de um funcionamento dessensibilizante cerceariam, como resultado, possibilidades de apreensão do passado enquanto esfera do “inútil” – enquanto duração.

A convocação à participação⁹² e ao *feedback* de seus seguidores – marca assídua em praticamente todas as postagens do casal – reflete, pois, a importância de conhecerem o que impacta e interessa quem consome suas façanhas e produções. É através desta aproximação e das informações que ela provê que os rumos e substâncias exibidos podem ser adaptados àquilo que é capaz de conquistar ou mesmo manter a atenção de suas audiências.

A constituição de uma plateia de seguidores representa, portanto, um fator que assevera – tanto para o próprio casal, quanto para possíveis parceiros – uma potencialidade de causar sensações e ser, por esse mérito, percebido. Em meio à uma batalha de afiados “olhem para cá”, aquele que consegue constituir-se como destino de olhares – e quanto mais olhares, melhor – constitui-se, também, como um vencedor. A conquista da atenção alheia desdobra-se, por conseguinte, em um funcionamento magnético, mediante o qual, dispor de um número significativo de seguidores representa, por si só, um fator de atração para novas audiências.

O grande número de seguidores acumulado pelo VLE reflete, conseqüentemente, uma grande demanda pelo consumo de sensações como as que este casal consegue promover. Tal projeto conforma-se, conseqüentemente, em um canal cuja audiência equivaleria a um tesouro a ser explorado tanto pelos Spencer, quanto pelas empresas parceiras.

⁹² As quais são sempre finalizadas com algum tipo de sondagem acerca das preferências e opiniões de “sua turma” – termo usado pelo casal Spencer para interagir com seus seguidores ou a eles fazer referência.

Além disso, tamanha popularidade justifica-se também pelo sucesso do casal em sua projeção como um modelo de vida marcado por valores fundamentais aos ideais e discursos contemporâneos de felicidade. Assim, enquanto sustentação performática de autoestima, a projeção de um estado constante de felicidade – exibido tanto nas fotos, quanto nos discursos compartilhados – insere-se como mais um investimento na propaganda de si em um cenário onde muitos são chamados, mas poucos são percebidos.



Figura 13. Felicidade imperativa. Fonte: Rachel e Leonardo Spencer. Disponível em @viajologoexisto/ Instagram

Desse modo, a felicidade projetada pelo casal Spencer representa um ideal ou modelo capaz de acolher desejos irrealizados ou adiados, permitindo a operação de transferências e simulações por parte de seus seguidores. Conforme assinala FRANÇA (2010, p.213,223)

Entre fantasmas de ruptura e receitas de felicidade, voltamo-nos para modelos e referências do que é ser feliz, ou das condições para alcançar a felicidade. São os olímpianos, as celebridades, *popstars*, ídolos que também passam por provações, mas vivem num terreno de sonho. (...) A felicidade deles não substitui a nossa – mas compensa e ameniza a angústia dessa busca imperiosa deixada em nossas mãos.

Rachel e Leonardo condensam em suas performances, portanto, uma série de valores e características projetados na contemporaneidade como símbolos de sucesso, poder e distinção. Mobilidade, autonomia e autoestima entrelaçam-se a uma felicidade que é não só constante, mas também “imediatizada” através do consumo de sensações inebriantes. O mundo é, assim, convertido em uma arena de prazeres a ser explorada.

Recentemente⁹³, o casal - que já fez mais de 40 palestras sobre organização, viagem e motivação desde o retorno da primeira etapa do projeto - aceitou o convite da marca *Smiles* para sua representação como embaixadores oficiais. Assim, de viajantes aventureiros, Rachel e Leonardo foram gradativamente se consolidando como *experts* no planejamento e execução de viagens autônomas, sejam elas realizadas por um período sabático ou como um estilo de vida. Combinadas à exposição de imagens e experiências sensacionais, postagens dedicadas a dicas e orientações de destinos e de planejamento e operacionalização de viagens são frequentes em meio aos conteúdos produzidos e compartilhados. A respeito da nova página oficial do projeto VLE que fora lançado no primeiro semestre de 2018, Leonardo atesta: “Você não vai mais viajar sem antes passar pelo nosso site!”.

Nesse sentido, ainda que algumas dificuldades pragmáticas sejam compartilhadas como percalços que promovem uma humanização dos conteúdos passados, aproximando a realidade do casal da de seus seguidores, suas escolhas e ideais são raramente apresentados em suas postagens como alvos de reflexões,

⁹³ Em março de 2018.

incertezas ou questionamentos. Logo, entendo que um não compartilhamento de angústias, dúvidas e conflitos em suas postagens atende justamente à necessidade de emissão de propagandas de si capazes de sustentar performances sólidas e impassíveis de felicidade e *expertise*.

A viagem assume, assim, sentidos ambivalentes. Por um lado, pensada em sua concepção inicial como uma pausa – um intervalo aberto para “ver no que dá” – provoca uma interrupção em comportamentos automatizados na rotina pré-viagem, colocando-os – juntamente com ideais, valores e aspirações – sob novas perspectivas. Além disso, a constituição de narrativas mediante a rememoração das experiências vividas organiza memórias e confere sentido à viagem (Bruner, 2005) fortalecendo a configuração de uma ilusão biográfica (Bourdieu, 2006). Neste panorama,

a narrativa autobiográfica emerge como produtora de sentidos para experiências esparsas, vividas como escolhas autônomas e individuais em meio à multiplicidade dos campos de possibilidades da vida moderna. Frente à heterogeneidade e intensidade das experiências, o individualismo se apresenta como saída para a provisão de sentido às vidas fragmentadas. (BRITO, 2013, p.7)

Por outro lado, se o ato de selecionar, organizar e construir discursos que falem sobre si e sobre as experiências vividas contribui para a elaboração e tomada de consciência acerca de tais conteúdos, a dinâmica da viagem de Rachel e Leonardo não os permite dispor daquilo de que o sujeito dispõe na clínica psicanalítica – tempo. Se neste espaço – símbolo de uma temporalidade distendida – o sujeito encontra-se diante da possibilidade de uma experimentação e de uma condução particulares do tempo – permitido enquanto duração, diferença –, no caso em questão, tais experiências subjetivo-temporais são condicionadas simultaneamente pela ocupação e pelas sensações.

Dessa forma, a compulsão à ocupação, manifesta sob a forma de um produtivismo temporal, implica não somente em um ritmo acelerado de condução da vida, mas, sobretudo, um cerceamento da hesitação enquanto possibilidade. Ademais, instrumentalizadas como “amortecedores de preocupações”, tais sensações possibilitam “que o sujeito se afaste da pressão da realidade e encontre refúgio num mundo próprio,

ainda que por um espaço de tempo limitado.” (EDLER, 2017, p.23) Representam, pois, mais um mecanismo de evitação e emudecimento de angústias, através do qual a aparência impassível de um estado permanente de contentamento, confiança e felicidade é sustentada. Pensada em sua partida como uma investida no entalhamento de um intervalo na vida, a viagem acaba por gradativamente reproduzir – ao menos do ponto de vista das relações estabelecidas entre indivíduo, tempo e espera – um *statu quo ante* de ocupação e velocidade.

6.2. Eduardo e Mônica

“Aquele que espera convida o tempo e o acolhe em si.” (LISSOVSKY, 2003, p.21)

“O nosso mundo é baseado na velocidade. Pode-se amar ou rejeitar tudo isso. Porém, é preciso fazê-lo com consciência.” (DE MASI, 2000, p.187)

Na seção anterior, discorri sobre a preponderância de uma “lógica sensacional” como caminho para uma interpretação de uma concepção de “sentir-se (mais) vivo”, presente em discursos e posturas expostos por Rachel e Leonardo Spencer. Procurei demonstrar como no caso do projeto VLE, tal percepção de vitalidade e existência estaria associada ao perseguinto e à projeção de sensações, assumidas estas como conteúdos espetaculares, capazes de provocar choques tanto em si quanto nos outros. Inseridos em uma “sociedade da sensação” (TÜRCKE, 2010), tais indivíduos estariam buscando, portanto, o estabelecimento de estratégias de afirmação existencial e social através de duas frentes interligadas: “perceber” e “ser percebido” (ibid.).

Argumentei que naquele caso, tal ideia de um percebimento mais intenso estaria relacionada não a movimentos de descompressão da hesitação – nos moldes delineados neste trabalho –, mas sim a uma intensificação de estimulações. Isto porque o incremento dos choques e de seus efeitos, ao invés de promover um alargamento de sensibilidades, desencadearia uma espécie de estado de anestesia viciada – análogo à dinâmica da dependência química, onde o sujeito se vê diante de demandas por doses cada vez maiores a fim de satisfazer seus impulsos.

Além disso, demonstrei como a viagem de Rachel e Leonardo estaria fortemente orientada para a produção de conteúdos sensacionais capazes de constituí-los como alvos da atenção e dos olhares de uma ampla audiência. Vencedores em uma batalha de atração de olhares e atenções, tais indivíduos sustentariam performances impassíveis de autoestima e felicidade, projetando-se não só como experts no planejamento e organização de viagens, mas como modelos admiráveis de motivação, autonomia e empreendedorismo; em suma, modelos de vida. Tal condicionamento de condutas e perspectivas aos interesses práticos supracitados simbolizaria, pois, um distanciamento entre tal iniciativa de viagem e um processo de decompressão da hesitação.

Mas e o que dizer a respeito da viagem de Eduardo e Mônica? Estaria este casal igualmente submetido a uma lógica onde a sensação simbolizaria tanto o motor quanto o farol de suas jornadas? Ora, já de partida, faz-se necessário o reconhecimento de que tal casal não está imune a este cenário onde “as sensações estão a ponto de se tornar as marcas de orientação e as batidas do pulso da vida social como um todo.” (TÜRCKE, 2010, p.14) Conforme frisa, ainda, TÜRCKE (2010, p.10)

Nem o mais distinto intelectual que torce o nariz consegue fechar-se diante dos estímulos de tal modo que o sentido de sua atenção, a escolha dos temas e das palavras, o tempo e o ritmo de seus pensamentos não conseguem permanecer sem ser por eles molestados de alguma forma.

Contudo, se no projeto VLE esta lógica aparece como preponderante, de modo a representar o cerne que sustenta meu caminho de interpretação acerca da associação estabelecida entre o ato de viajar e o sentimento de existir, no caso de Eduardo e Mônica prevalecem outros ideais e funcionamentos. Mas qual seriam então as lógicas e os funcionamentos que se apresentam e orientam a viagem deste casal? Como se daria a relação entre indivíduo e tempo neste caso? E, afinal, em que medida esta jornada se aproximaria ou se distanciaria da representação de uma estratégia de decompressão da hesitação? Embarquemos a partir de então nas particularidades da jornada de Eduardo e Mônica.

Em primeiro lugar, considero necessário destacar uma diferença fundamental entre os dois casos. Para Rachel e Leonardo, a viagem se constitui não somente como um estilo de vida, mas também como o próprio trabalho, servindo à alimentação de seus

domínios virtuais, tal como à construção de uma *expertise* – de viagem e de felicidade – e à produção de conteúdos como livros e palestras. Já para Mônica e Eduardo, viagem e trabalho não coincidem em absoluto, mas são, contudo, mutuamente condicionados.

Tendo tanto Eduardo quanto Mônica suas principais atuações e fontes de renda advindas da área de fotografia, seus deslocamentos são influenciados – e sustentados – pelas oportunidades de trabalho encontradas, tal como pela qualidade de vida experimentada nos locais visitados. Em entrevista, Mônica relata que Tailândia e China teriam sido os dois países onde até então teriam visto mais perspectiva de trabalho e qualidade de vida⁹⁴, motivos pelos quais tais locais teriam sido escolhidos para representar “uma base, um lugar familiar para ter uma casa, rotina (mesmo mercado, mesmo metrô, mesmo vizinho, mesma comida, mesmos preços, mesma cultura), e poder fazer viagens curtas sem levar tudo que temos⁹⁵.” Neste sentido, De Masi (2000, p.153) observa que, tal como a própria ideia de nomadismo está fundamentalmente associada a uma busca pelo sustento, pela sobrevivência, “a raiz da palavra viagem – *travel* –“ seria “a mesma de trabalho: sofrimento em função do sustento, do parto e de uma vida nova.” (ibid.)

Ademais, ainda que a viagem também forneça aqui uma ampla gama de conteúdos que alimenta espaços e perfis virtuais, a relação estabelecida entre deslocamentos e compartilhamentos faz-se quase que subvertida em relação ao caso anterior. Se para o casal Spencer o atendimento do virtual orienta a viagem em múltiplos sentidos, no caso de Mônica e Eduardo, tais canais servem à viagem como espaços de partilha e elaboração de processos e aprendizados amiúde percebidos como frutos ou consequências das experiências vividas em trânsito⁹⁶.

Conforme declara Mônica em entrevista, o blog teria sido criado já desde o início da jornada não com a intenção de conformar um guia turístico objetivo, mas sim como uma espécie de diário pessoal. Neste formato, “a enunciação, ou a premissa da existência de um sujeito enunciator, se sobrepõe ao conteúdo mesmo da mensagem. A sinceridade do sujeito que fala ou escreve ganha maior relevância do que a verdade

⁹⁴ Na primeira entrevista concedida.

⁹⁵ Na última entrevista concedida.

⁹⁶ Vale esclarecer que não pretendo aqui estabelecer que ambos estes processos não estejam presentes nos dois casos pesquisados em alguma medida. Diferentemente disso, minha intenção é destacar os modos que prevalecem como norteadores das instrumentalizações destes suportes virtuais, tal como das significações que estes assumem para cada casal e/ou indivíduo.

objetiva e factual.” (BRITO, 2013, p.5) Assim, impressões, questionamentos e perspectivas do casal ganham espaço junto a conteúdos dedicados tanto a dicas de fotografia e viagem quanto aos contratempos e dificuldades experimentados na estrada.

O blog nasceu não pra falar de viagem, mas pra falar da vida e das dificuldades que vieram junto com as nossas escolhas. E claro, mostrar através dos nossos olhos tudo que estávamos vendo, que nem sempre eram as “praias lindas da Tailândia”. (Mônica Morás, em entrevista⁹⁸)

O blog conjuga, portanto, as funções de canal para o compartilhamento de dicas, informações e experiências, e de suporte para a elaboração das experiências vividas. Assim, a partilha de experiências diretas (produtoras de discursos tidos como autênticos) e a introdução de uma dimensão afetiva distanciam as dinâmicas e abordagens das narrativas publicadas em blogs de viagens daquelas apresentadas em guias turísticos ou produzidas por agências de viagens. (Brito, 2013, p.5) A marca da subjetividade do viajante representa, então, justamente o elemento responsável por fazer com que as impressões e emoções vivenciadas convertam-se em “acessíveis” ou “identificáveis” a outros potenciais aventureiros. Conforme observa Brito (ibid.),

a individualidade se constrói por intermédio da subjetividade, pois é o aspecto afetivo da narrativa que humaniza e particulariza a experiência, tornando-a única. Assim, (...) é, sobretudo, em torno de uma dimensão emotiva, que envolve experiências, impressões, e possibilidades de experimentação do lugar que a experiência de viagem se singulariza e, assim, se torna narrável, uma história possível de ser partilhada no blog, porque jamais vivida por outrem. (ibid.)

Processos de desconstrução e problematização do próprio estilo de vida inserem-se, então, em uma gama de discursos empenhados em promover entre tais indivíduos e seus leitores uma relação de identificação, aproximação e confiança. Ao discorrer em entrevista sobre os seus posicionamentos no blog, Mônica explica: “Tentamos ser pessoas que falam com pessoas, e não apenas blogueiros que dão dicas de viagem.

⁹⁸ Primeira entrevista concedida.

Sendo mais humanos nos textos e indicando quem de nós escreveu, facilita também de as pessoas se identificarem com a história de um ou do outro⁹⁹.” Neste sentido,

os próprios blogueiros reproduzem a ideia de que a narrativa dos blogs é aquela do cidadão comum, da experiência particular, doméstica, de vivências e impressões subjetivas. E justamente pelo voluntário e subjetivo dos relatos, eles são percebidos como expressões francas, sinceras e dotadas de uma verdade subjetiva. (BRITO, 2013, p.2-3)

Aliada a este senso de sinceridade, uma espécie de preocupação ética em transmitir aos seus leitores e seguidores perspectivas tidas como realistas e não ludibriantes marca suas postagens através de uma “desromantização” tanto dos destinos visitados quanto de suas próprias opções profissionais e pessoais. Publicações como “O que é esse tal de largar tudo?”, “Devo largar tudo para seguir os meus sonhos?” e “O dia em que a viagem quase acabou” põe em cheque seus estilos de vida, trazendo em seus textos uma forte intenção de “mostrar que largar tudo e viajar não resolve os problemas¹⁰⁰”.

Nesse sentido, convocando seus leitores não somente à ação, mas também à reflexão, a própria noção de “largar tudo” é relativizada e desconstruída em sua acepção como um suposto caminho universalmente profícuo para a conquista de um estado de felicidade “sem problemas ou contar a pagar”. Ao discorrer sobre “o que seria esse tal de largar tudo”, Mônica problematiza o sentido da palavra “tudo” – enquanto símbolo do conteúdo abandonado –, sugerindo que o verbo “largar” fosse substituído por uma atitude de desapego. Associa tal atitude, então, a uma responsabilização do indivíduo pela transformação ou manutenção de suas condições de felicidade e bem-estar¹⁰¹.

Não é difícil ver gente que largou tudo e foi viajar. Nós somos um casal que largou tudo. Mas a questão principal é: o que é tudo? Existe uma ideia errada de que pra ser feliz, realizar sonhos, *pra de fato viver* é preciso largar tudo. Na verdade largar tudo deveria ser substituído por desapegar! Desapegar de empurrar com a barriga e aceitar as coisas como elas são. Nós largamos essa ideia de ter que agradar todo mundo e aquele estilo de vida sem tempo e cheio de problemas. Largamos também de ser aquelas pessoas cansadas sem

⁹⁹ Na última entrevista concedida.

¹⁰⁰ Monica Morás, na última entrevista concedida.

¹⁰¹ Conforme apresentado no capítulo anterior, tal aspecto representaria uma característica de ascensão de um imperativo individualista da felicidade na contemporaneidade.

forças e coragem pra mudar. (Mônica Morás – “O que é esse tal de largar tudo?”)

Apesar de incentivar em sua fala o levante de investidas individuais no confronto de insatisfações e na ruptura com funcionamentos conformistas, a escolha feita pelo casal de “largar tudo” – e eles mesmos tratam de colocar suas aspas nesta expressão – é apresentada e definida como uma escolha possível e não como uma panaceia ou caminho definitivo. “Ser nômade digital também não resolve todos os problemas, porque eles só tomam formas e proporções diferentes” atesta Mônica em outra postagem¹⁰².

Destacando o desapego e a resiliência como características necessárias à sustentação de um estilo de vida nômade relativizado e de uma atuação profissional *freelancer*, Mônica assinala a importância de uma articulação entre as necessidades de seus clientes e suas expectativas de realização pessoal e profissional. Atribuindo mais uma vez ao indivíduo-viajante a responsabilidade pela construção de um caminho próprio de oportunidades, observa que suas carreiras teriam sofrido adaptações que, embora as distanciem em certa medida do que representaria “o verdadeiro sonho”, representariam uma etapa fundamental para a viabilização de seu perseguimento.

“Nós somos um exemplo prático: aprendemos a trabalhar com fotografia de interiores, porque era isso que a maioria dos nossos potenciais clientes precisava. Continua sendo fotografia, continua sendo prazeroso, o trabalho continua com personalidade própria e pagando as contas. Não era esse o sonho, mas é isso que faz correr atrás dele.” (Mônica Morás – “O que é ser nômade digital?”)

Destarte, a opção de se lançarem no mundo como nômades digitais é sustentada inúmeras vezes como uma escolha particular que, embora possa ser compartilhada com outros indivíduos – promovendo inclusive sentimentos de identificação e admiração –, não representaria uma alternativa viável para todos. Neste sentido, Mônica adverte ainda: “Pasmem, existem pessoas que não estão prontas ou simplesmente não se

¹⁰² “O que é ser nômade digital” de 22/05/2016. Disponível em <https://www.eduardo-monica.com/new-blog//o-que-e-ser-nomade-digital> Acesso em: 26/05/2016.

adaptam a esse estilo de vida onde você manda em tudo e precisa fazer tudo por conta própria.” (Mônica Morás – “Devo largar tudo e seguir meus sonhos?” – 20/04/2018)

Por conta desta percepção, há nas comunicações deste casal uma combinação entre incentivos e advertências. Por um lado, transformações profissionais e pessoais são encorajadas, juntamente com uma busca por aprimoramento individual. Por outro, diversas postagens são dedicadas à exposição de dificuldades e “conselhos”, manifestando uma forte inquietação ética quanto à possibilidade de que suas escolhas sejam reproduzidas de modo a desencadear em seus leitores-seguidores decisões equivocadas e expectativas frustradas.

“Eu nunca desencorajei ninguém a correr atrás dos seus sonhos, principalmente sobre viajar. Jamais! Quem nos acompanha aqui no blog sabe disso. Acho que todo mundo deve tentar a mudança se julgar que ela vem para o bem, não importa qual seja a mudança. Mas já faz alguns meses que me sinto na obrigação de mostrar o lado complicado dessa vida nômade para que as pessoas não se frustrem ou se sintam um fracasso por não terem se adaptado. Eu vivo isso no meu dia-a-dia, não é fácil, tenho minhas inseguranças, meus momentos de crise como todo mundo.” (Mônica Morás, “O que é ser nômade digital?”)

Assim, preocupando-se em transmitir o que consideram como motivações pragmáticas¹⁰³, tanto Mônica quanto Eduardo destacam dificuldades e peculiaridades de uma vida nômade, buscando recorrentemente desconstruir em seus textos uma possível idealização de seu modo de vida. Se no caso do projeto VLE a sustentação de um modelo sólido e inspirador de felicidade desencadeia uma evitação de angústias, dúvidas e conflitos – ao menos no que diz respeito aos conteúdos publicizados –, aqui, tais aspectos são compartilhados como elementos dos quais a viagem não teria potencial de imunizá-los.

(...) ao contrário do que muita gente pensa, ainda temos inseguranças e custos. Ainda pagamos contas, ainda corremos atrás de trabalho (mais até do que antes), e às vezes ainda quebramos a cabeça tentando resolver os

¹⁰³ “Mas se você tem o sonho de largar tudo e ser feliz para sempre, precisa parar de romantizar as coisas. É hora de pensar e planejar esse movimento, porque as coisas podem dar muito certo, mas elas também podem dar muito errado. Exatamente: as coisas podem dar errado! Seja por falta de planejamento financeiro, planejamento estratégico (ver se tem compradores), ou até mesmo por falta de preparação psicológica.” (Mônica Morás, “O que é esse tal de largar tudo?”)

problemas que aparecem. É preciso entender que essa história de largar tudo vai bem além do que se imagina, porque é difícil, porque dói, porque cansa, porque faz repensar a vida e é preciso uma força de vontade muito grande pra lembrar o que significa tudo. (Mônica Morás – “O que é esse tal de largar tudo?”)

Ora, entendo que um dos fatores mais significativos para as diferenças observadas entre os usos e sentidos destes espaços virtuais nos dois casos de viagem aqui pesquisados reside justamente na relação estabelecida entre viagem e trabalho. Enquanto no caso do projeto VLE tais espaços servem a uma emissão de propagandas de si responsáveis pela sustentação do projeto através da conquista de olhares e atenções – projetando o casal Spencer como um modelo almejável e invejável de felicidade, autonomia e autoestima –, no caso de Eduardo e Mônica, a viabilização e a manutenção da condição de viajantes se dão através de um trabalho que não assume a viagem como seu produto (comercial).



O Que Levo na Mala de Viagem, por Eduardo



Como Encontrar Seguro Viagem com Desconto



Devo Largar Tudo e Seguir meus Sonhos?



Para Pensar: Qual Idade Certa para Começar a Viajar Sozinha?



Como Escolher Qual Melhor Seguro Viagem



Como Escolher um Hostel: Guia para Iniciantes



Como Manter a Roup Limpa na Viagem



7 Dicas para Sobreviver a uma Viagem de Ônibus pela Ásia



5 Motivos para Revisitar Lugares



5 Coisas Poderosas que Aprendemos Viajando o Mundo



Quanto Custa Viajar pela Ásia, Europa e América do Sul



Como Escolher a Mala da Viagem



Como Escolher a Mochila da Viagem



Mala ou Mochila: Qual é a Melhor para Viajar?



Como Fazer os Vistos Para os Países do Sudeste Asiático

Assim, embora percalços e dificuldades práticas sejam compartilhados em ambos os casos como parte da inserção de uma dimensão subjetiva nos relatos

produzidos – a qual estaria dotada da potencialidade de promover uma espécie de humanização das viagens, a dedicação de um espaço para o compartilhamento de aspectos reflexivos como dúvidas, questionamentos e conflitos faz-se presente particularmente – e frequentemente – no caso de Eduardo e Mônica. Em seu blog, lado a lado a postagens de cunho prático-didático dedicadas a dicas de viagem e fotografia, postagens meditativas expõem angústias, inquietações, aprendizados e outros conteúdos derivados de processos ou tentativas de elaboração das experiências vividas.

Contudo, conforme já mencionado, tal observação não reflete nem uma suposição de que Eduardo e Mônica não utilizem também tais espaços virtuais como canais de emissão, nem de que Rachel e Leonardo não passariam por processos de conflito e autoquestionamento. Ao invés disso, apresento aqui uma análise pautada nas lógicas que prevalecem e se destacam em cada caso, utilizando-as como caminho para a exploração e interpretação dos sentidos e usos atribuídos a estas jornadas. E é neste aspecto que, embora não estejam imunes à lógica da sensação que se espraia largamente no cenário contemporâneo, não parece haver no caso de Mônica e Eduardo a pretensão de constituição e sustentação de imagens e estados de felicidade, motivação e certeza imperturbáveis. Pelo contrário, uma projeção de si como sujeito dotado tanto de uma bagagem significativa de experiências (compartilháveis), quanto de falhas, limitações, angústias e questionamentos simbolizaria não só o reflexo de uma preocupação ética, mas justamente um dos principais fatores de atração de olhares para estes conteúdos.

Mas, se por um lado, a publicação de conteúdos reflexivos não é algo em comum entre os dois casos aqui pesquisados, por outro, a associação entre o ato de viajar e uma noção de “sentir-se (mais) vivo” aparece também nas falas de Mônica e Eduardo – tal como ocorrera nas de Rachel e Leonardo. Todavia, o que à primeira vista parece representar uma correspondência entre estes casais reflete, na verdade, o ponto a partir do qual suas trajetórias divergem mais significativamente.

“Só tem que chorar a morte quem morreu sem ter *vivido*¹⁰⁴” – declara Mônica Morás, fazendo referência a uma fala retirada do filme “Quincas Berros d’Água¹⁰⁵”. Já em outra postagem intitulada “Por que eu larguei tudo e fui viajar¹⁰⁶”, tal blogueira associa a realização de suas viagens ao incremento de sentimentos de vitalidade,

¹⁰⁴ Frase mencionada por Mônica no texto da postagem “Viajar é investir tempo” de 16/11/2017.

¹⁰⁵ Baseado na obra do Jorge Amado.

¹⁰⁶ De 19/10/2014.

abertura e curiosidade, atribuindo a elas um potencial de expansão e superação individual: “sempre gostei de viajar, me sinto *mais viva, mais aberta, mais curiosa*¹⁰⁷ fora da minha zona de conforto. Isso me estimula e me torna uma pessoa mais autêntica para mim mesma”.

Além de remeter à ideia de aventura (Simmel, 1989) – já explorada no capítulo anterior, tal fala condensa uma série de questões que perpassam de maneira ampla e assídua os discursos e práticas de Eduardo e Mônica na estrada. A viagem assume, aqui, um sentido onde a expansão de si aparece articulada a ideias de auto desenvolvimento e desafio. Neste funcionamento, o confronto com o novo – representado pelo não habitual – aparece dotado da potência de promover uma combinação de estranhamentos e reconhecimentos¹⁰⁸ (MACIEL, 2017), alimentando necessidades de constantes readaptações. Conforme assinala De Masi (2000, p.157), dinâmicas como esta simultaneamente demandam e impulsionam versatilidades tanto de ordem prática e racional, quanto mental e subjetiva.

A experiência do nomadismo difuso obriga nossa mente a uma dupla elasticidade: a elasticidade mental, necessária para perceber e lidar com a diferença entre pessoas, lugares e momentos diversos, para ver a realidade de ângulos diversos e para resolver problemas inéditos. E a flexibilidade prática, necessária para gerir situações que se transformam, para encontrar o fio que serve de guia à ação mesmo num contexto desorganizado, para transformar vínculos em oportunidade. A experiência de mudança estimula por sua vez a criatividade. Desde a primeira infância, Mozart não fez outra coisa a não ser girar pelo mundo, como pião (...).

Em uma postagem intitulada “12 Razões porque viajar te torna alguém melhor”, Eduardo Viero também associa a transposição de uma zona de conforto ao incentivo de estados de maior abertura, interesse e atenção. Segundo ele, tal recondicionamento promovido pelas viagens faria do indivíduo-viajante alguém “mais esperto” – e, também, mais desperto.

¹⁰⁷ Grifo meu.

¹⁰⁸ “A necessidade de lembrar para a consciência se faz, normalmente (...) quando estamos em dificuldade para reagir a um objeto percebido, devido a um estranhamento ou a uma longínqua sensação de similitude que ele nos provoca. (...) a memória evocada pelas dificuldades [de reconhecimento] suscitadas no estranhamento da coisa percebida entra em circuito direto com a percepção.” (MACIEL, 2017, p.46) A memória levaria, assim, a percepção a um grau de aprofundamento maior, já que “tudo se passa como se a cada detalhe descoberto da realidade exterior correspondesse a uma região do nosso passado. Quanto mais nos aprofundamos nas camadas da realidade material, mais verificamos um aprofundamento simultâneo em níveis da nossa realidade espiritual.” (ibid., p.48)

Quando saímos de nossa zona de conforto, nosso cérebro trabalha de forma diferente. É como se você estivesse em um ambiente hostil, onde você tem que estar sempre atento a tudo e a todas as mudanças. Com isso você vai se tornando mais esperto e ligado a tudo que está acontecendo ao seu redor.

O incremento de uma condição de maior atenção é narrado, pois, como consequência de um distanciamento do habitual, representando simultaneamente uma ruptura com um funcionamento adaptado, ordinário e automático e uma ampliação das condições de percepção do sujeito. Neste sentido, entendo que tais associações podem ser aproximadas do funcionamento descrito por Bergson (1999, p.79) acerca das interfaces estabelecidas entre atenção e percepção.

Em que consiste a atenção? Por um lado, a atenção tem por efeito essencial tornar a percepção mais intensa e destacar os seus detalhes. (...) A atenção ocorre toda vez que um fenômeno de inibição vem impedir que a percepção se prolongue em ação motriz. Na impossibilidade de tal prolongamento, a consciência se torna atenta; volta-se para o objeto percebido, buscando reconhecê-lo com maior nitidez. (BERGSON, MM, p.79)

Logo, por um lado, a batalha de choques característica da lógica da sensação fomenta uma distração generalizada promovendo o que chamei anteriormente de (in)sensibilidades viciadas. Por outro, há aqui um condicionamento atento do olhar que marca, por sua vez, a presença da hesitação enquanto elemento responsável pela inibição de um prolongamento da percepção em ação. Assim, neste processo de ampliação do que pode ser também entendido como uma disponibilização sensível do ser, o novo assume não somente um caráter de novidade, mas, sobretudo, o de uma qualidade do olhar (GAGNEBIN, 1997).

Dotado, então, de uma capacidade maior de percepção daquilo que em um funcionamento automático seria alvo de indiferença e invisibilidade, entendo que tal posicionamento de maior abertura e curiosidade pode ser compreendido, conseqüentemente, como um aprofundamento no tempo enquanto duração. Isto porque, conforme observa Maciel “ao nos reconduzir ao objeto, a atenção nos introduz simultaneamente em regiões mais profundas da nossa subjetividade. Ou seja, quanto

mais nos aprofundamos na percepção dos detalhes do mundo circundante, mais exploramos regiões do passado¹¹⁰.” (MACIEL, 2017, p.47)

Vale lembrar que, conforme sustentado por Bergson (1999), tal alargamento da percepção se daria através da combinação entre um enfraquecimento da soberania dos interesses práticos (orientadores da inteligência) e um alargamento dos intervalos de indeterminação mediante o que aqui propus chamar de uma descompressão da hesitação. Contudo, a ampliação do escopo do que é percebido por meio de uma não antecipação utilitarista dependeria, por fim, de um elemento fundamental: tempo. Isto porque, como indica Bergson (1999, p.29), “[...] a percepção dispõe de espaço na exata proporção em que a ação dispõe de tempo.”

Nesse sentido, uma preocupação com um funcionamento automático aparece também como decorrente de sua concepção como uma perpetuação irrefletida e antecipada de um *status quo*, condicionada pela velocidade de demandas por respostas e ações. A esse respeito, Mônica constata:

Se observarmos bem, parece que todo mundo está no piloto automático, numa correria sem fim, *sem tempo pra pensar*, pra se dedicar a um hobby, pra tentar ser feliz e às vezes parece que a única solução é largar tudo e ir embora. (Mônica Morás – “Pare e se dê um tempo”)

Por um lado, o posicionamento de uma opção por “largar tudo e ir embora” é amiúde relativizado como única alternativa a um funcionamento onde a velocidade comprimiria possibilidades de meditação e elaboração de estratégias próprias. Por outro, postagens como “Pare e se dê um tempo”, “Viajar é investir tempo” e “O dia que a viagem quase acabou” expõem não só narrativas dedicadas a reflexões e aprendizados acerca de suas circunstâncias e possibilidades de experiência subjetivo-temporal, mas chegam a conformar verdadeiras odes a experimentações temporais entremeadas por aspectos como hesitação e ócio.

Tal crítica à manutenção de funcionamentos automáticos expõe então uma convocação e valorização da hesitação enquanto uma alternativa possível e necessária

¹¹⁰ Vale lembrar aqui que, de acordo com a perspectiva bergsoniana do tempo – entendido como duração – “o passado em geral não é aquilo que se forma depois de os presentes terem passado, mas o elemento que confere a tais presentes a marca passada. Logo, ao invés de ser posterior a tais presentes, o passado é seu contemporâneo.” (MACIEL, 2017, p.56)

diante de um contexto de velocidade e ocupação; chances de meditação são alçadas, assim, ao posto de uma necessidade associada à qualidade de vida e ao desenvolvimento pessoal. “Precisamos ter tempo para pensar, ser menos impulsivos, mais intensos nas pequenas experiências, não deixar passar uma oportunidade de conversar com alguém só porque tem que fazer algo da rotina” – defende Mônica ao discorrer (em entrevista) sobre uma espécie de auto permissão à espera. Eduardo, por sua vez, também sustenta tal perspectiva ao aconselhar seus leitores: “seja no relacionamento ele qual for ou com quem for, devemos ter calma, ao invés de agir por impulso.” (Eduardo Viero – “O dia que a viagem quase acabou”)

Além disso, Mônica atribui à flexibilidade de seu estilo de vida e de sua modalidade de atuação profissional uma condição de maior autonomia sobre os usos e sobre a organização de seu tempo, a qual oportunizaria, segundo ela, que as experiências fossem vividas “no seu tempo” – e, acrescento, em sua *duração*. “A vantagem de ser *freelancer/nômade* digital é que a gente organiza o tempo do jeito que quiser e as coisas vão sendo feitas. Encaixa um café aqui, um trabalho ali, uma conversa lá e assim tudo é feito no seu tempo sem deixar nada para trás.”¹¹¹

Contudo, ainda nesta postagem de título “Pare e se dê um tempo”, Mônica conta que uma reconfiguração de suas formas de experimentação e relação com o tempo só teria sido alcançada mediante a superação do que Türcke (2010) descreve como um *horror vacui*¹¹².

Quando ainda trabalhávamos no estilo tradicional 8h-18h (ou mais!) como funcionários, tínhamos aquela coisa na cabeça de que fazer nada era improdutivo, que era perda de tempo, afinal tínhamos várias coisas para fazer e 24h nunca era suficiente. Era uma sensação de culpa que nos acompanhou durante os primeiros meses da viagem até que praticamos pela primeira vez o *namismo*, a arte de fazer nada. (...) E depois de entender o quanto esses momentos eram tão importantes para mantermos o equilíbrio mental, as ideias fluírem melhor e nos sentirmos felizes com as nossas escolhas e organização do tempo, a culpa sumiu. (Mônica Morás – “Pare e se dê um tempo”)

¹¹¹ Na última entrevista concedida.

¹¹² “A ociosidade representava antigamente um sinal de plenitude. (...) Hoje, um pedaço de terra sem cultivo ou uma meia de dinheiro, que não gera juros, são associados à dissipação ou ao vazio.” (TÜRCKE, 2010, p.42)

Em outra postagem¹¹³, Eduardo também discorre sobre como este processo de superação da culpa por “não fazer nada” teria se processado para ele. Conforme narra, depois de três meses em jornada, o estresse com “o fato de estar viajando e não produzindo nada”, somado à pressão pelo esgotamento de suas verbas financeiras, quase teria desencadeado o fim de sua empreitada de viagem¹¹⁴.

As coisas estavam indo por água a baixo, o dinheiro acabando, e nosso plano ainda era ficar na Indonésia mais 20 dias, um país que já não tinha agradado. Foi nesse momento que decidi abandonar a viagem, voltar para o Brasil e seguir minha vida de onde havia parado.

No entanto, Eduardo explica que por já estarem com passagens compradas para Bangkok, teria decidido suportar o período restante de permanência na ilha de Gili Trawangan (na Indonésia), conformando-se em manter a viagem ao menos até seu próximo destino. Justamente neste período, uma experiência pessoal de ócio teria, então, não só levado à ultrapassagem de tal sentimento de remorso, mas também proporcionado o que ele descreve como “uma espécie de ressonância criativa” - resultando, por fim, na produção do *e-book* “Profissão: Fotógrafo Viajante¹¹⁵”.

Mas aí é que vem o interessante: o que eu fiz nesse tempo? Ficava sentado num bangalô durante o dia inteiro, ia para o mar, voltava, comia e bebia, ficava sentado, lendo e era isso. Passei uma semana fazendo isso. Eu havia me desligado de tudo que me cercava. Depois de uma semana, comecei a escrever sobre fotografia, sobre meu processo criativo, uma espécie de ressonância criativa e foi aí que comecei meu livro “Profissão: Fotógrafo Viajante”. Essa mudança não ocorreu apenas comigo, mas sei que com a Mônica também. Foi bom esse tempo sem fazer nada, **vivendo do ócio**. Precisamos disso às vezes!

Assim, a prática de “ociar” aparece em seus discursos associada de maneira ambivalente a um vagar – tanto como desocupação, quanto como deambulação¹¹⁶. Implica, pois, uma disponibilização da mente dada justamente por sua desobrigação ou

¹¹³ “O dia que a viagem quase acabou” de 19/04/2017.

¹¹⁴ A qual, segundo eles, teria sido ironicamente pensada justamente como um período sabático com previsão inicial de duração entre seis meses e um ano.

¹¹⁵ Disponibilizado para download gratuito no blog do casal.

¹¹⁶ “Nesse momento estou no Uruguai, no meio do nada, tentando me encontrar novamente. Os meus pensamentos vão tão longe quanto posso enxergar o final dos campos Uruguaios!” (Eduardo Viero, “O dia que a viagem quase acabou”)

não condicionamento à necessidade de responder, ainda que momentaneamente, aos interesses práticos. Neste sentido, De Masi (2000, p.223) esclarece que o cultivo de um “ócio criativo” não equivale nem a um estado de inércia corporal, nem a uma ausência absoluta de pensamentos, mas representa, ao invés disso,

aquela trabalhadeira mental que acontece até quando estamos fisicamente parados, ou mesmo quando dormimos à noite. Ociar não significa não pensar. Significa não pensar regras obrigatórias, não ser assediado pelo cronômetro, não obedecer aos percursos da racionalidade e todas aquelas coisas que Ford e Taylor tinham inventado para bitolar o trabalho executivo e torná-lo eficiente.

Configurando, pois, uma forma de “desantecipação” de respostas, a prática do ócio em tal formato caracterizar-se como uma prática criativa, capaz de estimular em tais sujeitos suas potencialidades tanto de meditação, quanto de criação. O ócio criativo representa, então, “a matéria-prima da qual o cérebro se serve (...) o alimento da ideação” (ibid.). Ainda neste sentido, Mônica atesta: “quanto mais tempo sem fazer nada, mais conseguimos produzir conteúdo¹¹⁷”.

A adoção e a valorização de tal exercício não reflete, contudo, uma redução de suas cargas de trabalho. Ao invés disso, Mônica atesta que a opção por um estilo de vida como nômades digitais demandaria do casal mais esforço e proatividade, requerendo também um volume significativamente maior de trabalho para viabilizar seu sustento. Neste sentido, se é observável neste caso uma reconfiguração da maneira como tais indivíduos concebem e organizam suas experiências temporais, tal transformação não se dá de modo a responder a exacerbações de velocidade e ocupação com estratégias absolutamente fundamentadas em seus opostos. O que ocorre aqui, efetivamente, é uma espécie de penetração da hesitação nas lógicas automáticas e irrefletidas promovidas por tais excessos – aí incluído o funcionamento produtivista de uma compulsão à ocupação.

Colocando, portanto, suas formas de relacionamento com o tempo no divã, tal casal relata ter conquistado o que considera como uma relação mais satisfatória e equilibrada entre tempo e dinheiro.

¹¹⁷ Na última entrevista.

Hoje trabalhamos muito mais como *freelancer* do que trabalhávamos como funcionários no Brasil pra manter a viagem, mas isso não nos impediu de impor limites nessa vida de nômade digital e aprender a administrar dinheiro X tempo. Às vezes a gente só precisa parar um pouco, ou diminuir o ritmo, repensar as coisas que mais nos consomem e ver como a gente pode mudar isso. Nem sempre é o trabalho, muitas vezes é o trânsito. Nem sempre são as atividades domésticas, mas as paradinhas pra olhar o celular. (Mônica Morás – “Pare e se dê um tempo”)

Ademais, tais experiências vividas na estrada influenciaram também a maneira como Mônica e Eduardo se relacionam com habitantes locais, com outros viajantes e até mesmo com os próprios destinos visitados. Fazendo referência ao movimento *slow* previamente referenciado neste trabalho, Mônica indica que eles teriam se descoberto como *slow travelers*. Isto porque, permitem-se permanecer nos locais com os quais têm maior identificação, não se importando de, para isso, mudar seus planos “em cima da hora” ou “centenas de vezes” – “sem exagero”, ratifica a fotógrafa.

Quem nos acompanha sabe que não estamos em viagem de férias, não temos mais endereço fixo e que trabalhamos onde quer que estejamos. Isso significa que passamos bastante tempo em algumas cidades, o tempo suficiente pra chamar de casa e ter rotina de acordar, trabalhar, lavar a roupa, pagar conta. (Mônica Morás - PARE E SE DÊ UM TEMPO)

Assim, enquanto no caso do casal Spencer a configuração da viagem como modo de vida simboliza um processo de “extraordinarização” do ordinário (GRABURN, 1989) dado por meio da articulação de um cotidiano sensacional, neste caso, o excepcional é muitas vezes convertido não só em parada, mas também em lar, situando tais indivíduos em um limiar semelhante ao da figura do estrangeiro apresentada por Simmel (2005). Segundo descreve tal autor, “se o mover for o contraste conceptual do fixar-se, com a liberdade em relação a cada ponto dado do espaço, então, a forma sociológica do ‘estrangeiro’ representa, não obstante, e até certo ponto, a unidade de ambas as disposições.” (ibid., p.265) Ora, se no tempo efêmero e planejado do turista¹¹⁸ prevalece uma preocupação com a otimização de seu uso, aqui Mônica

¹¹⁸ “O tempo do turista é intenso e fugaz. O encontro com o lugar e sua atmosfera dão conta de impressões e experiências diversas, mas é preciso permanecer no lugar apenas tempo suficiente para não

associa o ato de viajar a um investimento de tempo¹¹⁹ destacando-o como uma possibilidade de demorar-se, estender-se em suas estadas.

O que eu mais amo nessa minha viagem que já passou dos 3 anos é ficar mais. Sim, gastar mais tempo nos lugares, dar mais tempo para conhecer as coisas e as pessoas, porque perder tempo não significa necessariamente uma coisa ruim. Talvez a gente devesse mudar para investir tempo, porque ele não volta, mas o que o retorno é tão ou mais valioso. (Mônica Morás, “Viajar é investir tempo”)

Neste sentido, observo que tais viajantes estão menos preocupados com uma evitação absoluta da pressa, da velocidade e da ocupação (do tempo) em suas rotinas do que com a adoção ou inserção da espera enquanto uma possibilidade (mais) viável. Eduardo também destaca o tempo, por sua vez, como uma matéria prima necessária tanto ao estabelecimento de encontros quanto ao desencadeamento de aprendizados – inseridos, estes, em um percurso de aprimoramento de si. Em sua postagem “12 razões porque viajar te faz alguém melhor”, o fotógrafo menciona dentre estas razões a promoção no indivíduo-viajante de uma condição de “melhor ouvinte”.

Acho que é uma das melhores razões para viajar é conhecer pessoas. Com o tempo você começa a escutar melhor os outros, entender suas ideias, seus problemas e aflições. Escutar as pessoas é uma dádiva que não é tão fácil de se ter. É algo que *leva tempo* para aprender e que quando dominamos esse assunto, *você será uma pessoa ainda melhor*. (Eduardo Viero – “12 razões...”)

O aprendizado da escuta simboliza, então, um aprendizado de espera, de não abreviação, refletindo igualmente uma disponibilização do sujeito à percepção; em suma, um estar atento porque não em (tentativa de) atencipação. Dar tempo a si e às coisas assume, portanto, o sentido de uma contemplação da possibilidade de hesitar.

cansar-se dele. O esfriamento da relação com o lugar é a perda da intensidade, que adentra a monotonia do cotidiano. Sendo a permanência breve, o que permite que se faça o melhor proveito dela é o planejamento da viagem. O turista não dispõe de tempo para descobrir *in loco* aquilo que há para ser visto, visitado experimentado. Suas pesquisas já foram feitas preliminarmente e, se não tudo, muito do que será visto, já fora previsto em um roteiro. Ao deixar esta tarefa para ser realizada durante o trajeto, o tempo é desperdiçado e os movimentos ficam limitados pela desinformação. Além disso, o turista que não se prepara sujeita-se a contratemplos e adversidades desnecessários. (BRITO, 2013, p.10);

¹¹⁹ Mônica Morás, “Viajar é investir tempo”, 16/11/2017.

Ainda neste seguimento, adentro, por fim, uma última temática que destaco como relevante para a elucidação das medidas e condições de uma descompressão da hesitação no caso de Eduardo e Mônica: a fotografia. Por um lado, a ascensão sem precedentes do “impulso de paralisar instantes e seguir o seu ‘olhe para cá’” indica uma subsunção do ato de fotografar a uma contemporaneidade marcada por automatismos. (Türcke, 2010, p.193) Segundo atesta este autor, tal atividade estaria sendo convertida “de uma atitude reflexiva para outra antes refletora, de uma produtividade intelectual para uma antes sensório-motora.” (ibid.) A compressão da hesitação manifesta-se, portanto, aos dedos e olhos de indivíduos ávidos por uma compensatória musealização de tudo e todos. (HUYSSSEN, 2000)

Por outro lado, a esse respeito, sustento que há nas apropriações de Eduardo e Mônica uma relação que não se resume ao congelamento irrefletido de instantes quaisquer. Ao invés disso, entendo que, neste caso, a câmera assume um papel de suporte para uma “dilatação do presente instantâneo”, representando o que Lissovsky (2003, p.17) define como “uma máquina de espera”.

É exatamente aqui, no coração instantâneo da técnica moderna, aqui onde ela parece ter alcançado sua máxima aceleração, que a fotografia vai inventar-se como um dispositivo de retardamento, vai inventar-se como “máquina de espera”. Como toda máquina, a fotografia moderna está engajada num processo específico de transformação (de distância no espaço em distância no tempo, para ser exato) e na produção de uma entidade nova (o instante fotográfico) a partir da matéria bruta da duração. (ibid., p.17)

Neste sentido, tal autor indica que fora somente a partir da incorporação do instantâneo como naturalmente intrínseco ao meio fotográfico que a espera suplantara o posto da interrupção enquanto meio de entalhe da indeterminação – em suma, da diferença – na imagem produzida. Isto porque, dá-se na ação do fotógrafo (moderno) um acontecimento que transcende “o registro instantâneo de um olhar” e que não se resume “ao eixo olho-coisa”, mas tem lugar “entre olho e dedo” (ibid., p.19).

Algo que é mais *hesitação* que lampejo, e que produz, no coração do dispositivo instantâneo (...) um *intervalo*, uma dobra. Quando este intervalo não existe, ensina Bergson, aí estamos em um presente que se figura pontual, instantâneo, o circuito mais curto da atividade humana, a simples reação motora. A este intervalo, o filósofo teve a ousadia de chamar memória. (ibid.)

A produção deste intervalo mediante a inserção da espera¹²⁰ – enquanto expectativa do instante – no acontecimento estabelecido entre o olhar e o acionamento do obturador implica, em um trabalho da memória e da duração – “e não um trabalho do olho ou do dedo.” Tal movimento objetiva, então, “fazer refluir o tempo para fora da imagem instantânea”, permitindo-o refugiar-se na própria espera. A fotografia toma, portanto, os moldes de uma “arte mnemônica” (GAGNEBIN, 1997, p.147); em suma, de uma criação mediada pela memória, possível justamente pelo movimento do que “foi”. Neste sentido, Lissovsky (ibid., p.19) assinala que a analogia¹²¹ feita por Bergson (1999) ao valer-se do funcionamento da máquina fotográfica para ilustrar o desempenho da memória, representa “uma indicação razoavelmente precisa do ato fotográfico.”

Por conseguinte, enquanto o advento da fotografia possibilita, por um lado, uma equalização generalizada de instantes, o estabelecimento de uma zona de indeterminação por meio da expectativa do fotógrafo implica em uma abertura para condições de diferenciação.

Se pode haver história, estilos ou mesmo autorias na fotografia moderna, correspondem, no meu entender, ao durar diferenciado da espera dos fotógrafos, aos seus modos particulares de favorecer o devir dos instantes. (...). Isto que ela [a fotografia] nos apresenta, então, não é apenas mais um ponto de vista, simples apreensão simultânea de uma porção do espaço, mas é a dimensão pontual do tempo transformada em imagem, à qual, de modo mais preciso, poderíamos chamar *aspecto*. O ponto de vista é para o espaço o que o aspecto é para o tempo. Assim como aquele que enquadra encontra um ponto de vista e não outro, aquele que espera favorece um aspecto em detrimento de outro.” (LISSOVSKY, 2003, p.20)

Valendo-me de dois instrumentos figurativo-didáticos, estabeleço um comparativo conclusivo entre os casos do projeto VLE e da viagem de Eduardo e

¹²⁰ “A espera não é um artesanato, uma doação de forma. É o estabelecimento de uma tensão, de uma polarização, que favorece uma ‘tomada de forma’, que só é possível porque se espera. (...) a espera é uma reserva de futuro no interior de um tempo que insiste em se fazer passar homogêneo – o tempo dos instantes quaisquer, dos instantes equivalentes.” (LISSOVSKY, 2003, p.21-22)

¹²¹ “Temos consciência de um ato sui generis pelo qual deixamos o presente para nos recolocar primeiramente no passado em geral, depois numa certa região do passado: trabalho de tentativa, semelhante à busca do foco em uma máquina fotográfica. Mas nossa lembrança permanece ainda em estado virtual; dispomo-nos simplesmente a recebê-la, adotando a atitude apropriada. Pouco a pouco aparece, como uma nebulosa que se condensasse; de virtual ela passa a atual; e à medida que seus contornos se desenham e sua superfície se colore, ela tende a imitar a percepção.” (BERGSON, 1999, p.110)

Mônica. Em primeiro lugar, apoio-me em duas modalidades de relação estabelecidas entre homem e máquina para ilustrar o que, em minha leitura, configura o cerne de suas experiências subjetivo-temporais. Por um lado, a presença de uma compulsão à ocupação no caso de Rachel e Leonardo reflete o que TÜRCKE (2010, p.47) descreve como uma vergonha prometeica, onde

o homem como criador de coisas seria “de tal forma relegado à sombra por suas criações, que se envergonha e começa a assemelhar-se a seus próprios produtos: viver de acordo com o relógio, trabalhar no ritmo das máquinas, ligar e desligar suas funções vitais. (TÜRCKE, 2010, p.47)

Por outro lado, no caso de Mônica e Eduardo, uma preocupação constante em distanciar-se de um funcionamento automático mediante a oportuna hesitação como uma alternativa viável assinala uma questão da ordem da autenticidade. Desse modo, enquanto no caso anterior observei a presença de uma intenção competitiva de superação da máquina através do mimetismo de seus funcionamentos, assinalo aqui o investimento no sentido justamente da comprovação ou afirmação de uma condição de não-máquina. Isto porque, como aponta Trilling (2010, p.142-143) “em muitos meios, tudo aquilo que pode ser tido como suscetível à analogia com a máquina”, ou seja, “todo modo de produção que impeça o fazedor de infundir no artefato a qualidade de seu ser (...) é encarado como hostil à autenticidade da experiência e do ser.”

Ademais, recorro, por fim, a uma analogia à audição a fim de sintetizar as divergências observadas nos dois casos a respeito dos sentidos incutidos na ideia de “sentir-se (mais) vivo”. Ora, se no caso do projeto “Viajo, logo existo” o casal Spencer aumenta constantemente o volume (de sensações) para atestar condições de vitalidade e existência, Eduardo e Mônica buscam assegurar tais condições através de uma maior disponibilização para ouvir o que antes configura-se como inaudível. Percepção e hesitação cumprimentam-se, portanto, em percurso, mas seguem trajetórias indetermináveis.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegada a hora de revisitar meu próprio percurso e compartilhar os percalços e conquistas desta jornada. Interessando-me já em meu ponto de partida por pensar a questão da aceleração do tempo em suas interfaces com viagens e memórias, não poderia ter sido capaz de prever os rumos que este trabalho assumiria. Ao deparar-me com a associação emblemática entre os atos de viajar e existir trazida pelo encontro com o projeto “Viajo, logo existo”, iniciei minha caminhada em busca de uma referencial teórico capaz de amparar e orientar a construção de um caminho (possível) de interpretação. Já ensaiava uma articulação com a filosofia bergsoniana, quando a chegada do caso de Eduardo e Mônica a bordo trouxe na bagagem uma série de inquietações acerca das possibilidades de experiência subjetivo-temporal na contemporaneidade.

Mergulhei, então, mais fundo em minhas leituras sobre tempo, memória e criação, e ainda na construção do que viria a ser a fundação desta tese percebi que meus objetos e minha problemática misturavam-se em uma espécie de relação simbiótica, de modo a fazer desta uma investigação que se propôs a pensar o tempo através de viagens e viagens através do tempo. Delineando o contexto no qual tais iniciativas inserem-se, construí um conjunto de entrecruzamentos e reflexões que me motivou a ousar com a proposição e descrição do conceito de compressão da hesitação.

A fim de não só cunhar tal noção, mas também bosquejar o cenário e as circunstâncias a partir dos quais a problemática proposta para a posterior análise empírica fora erigida, tracei um roteiro de exploração que perpassou perspectivas multidisciplinares. Em uma minha primeira parada reflexiva, dediquei-me às dinâmicas e aos funcionamentos modernos responsáveis pela emergência e consolidação do domínio de um espírito objetivo sobre um subjetivo. Para isto, apoiei-me nas sensíveis análises simmelianas da modernidade, buscando demonstrar como dinheiro e tempo – este último incorporado por uma “cronologização” da vida cotidiana – aproximam-se em movimentos de equalização de diferenças e embotamento de sensibilidades.

Em seguida, aprofundi-me na perspectiva bergsoniana do tempo enquanto duração, abordando as interfaces estabelecidas entre tempo, memória e criação. Procurei demonstrar como, para Bergson (1999) tal noção representa não a temporalidade instantânea e espacializável do relógio, mas sim, o tempo do vivido, tempo-fluxo, continuidade ininterrupta do novo. Sustentei, portanto, o conceito de duração como uma ferramenta oportuna para uma exploração “sensível” de condições e possibilidades de experiências subjetivo-temporais.

Encontrando na teoria bergsoniana do tempo uma oportunidade ímpar de problematizar os espaços e tempos da diferença e do subjetivo em um panorama marcado pela aceleração e pela equalização dessensibilizante de particularidades, apoiei-me na noção de intervalo de indeterminação para traçar a observação que considero ser a principal contribuição teórica deste percurso. Encurraladas entre velocidade e intensidade, condições de espera são comprimidas em dinâmicas que impelem respostas cada vez mais imediatistas.

Conforma-se, pois, uma compressão da hesitação diante da qual o sujeito se vê empurrado em direção a respostas precipitadas e antecipadas, tendo reduzidas – ou até mesmo esmagadas – suas condições de meditação. Sustento que tal compressão associa-se, ainda, a uma sobrecarga da consciência (sistema percepção-consciência) enquanto instância psíquica responsável pelo amortecimento de estímulos externos e proteção das demais camadas. Assim, em uma era da sensação (Türcke, 2010) onde choques cada vez mais agudizados promovem “insensibilidades viciadas”, a memória é também reprimida em sua instância – e potência – de atualização criativa de virtualidades. Falar em uma compressão da hesitação corresponde, portanto, a falar em uma compressão de memórias, de sensibilidades e de criação.

Nesta direção, pensando sobre memórias – ou ainda, instâncias de memória – possíveis neste cenário de compressões, estabeleci com as explicações de Huyssen (2000) um debate permeado por aproximações e distanciamentos. Problematizando processos de musealização “de tudo e todos”, busquei contrastar uma lógica de “retenção” presente nos funcionamentos e comportamentos memoriais promovidos na atualidade com uma perspectiva criativa de rememoração. Enquanto a primeira perseguiria uma evitação de morte a partir de tentativas de retenção do que já foi, a segunda sedimentaria suas condições de criação justamente na passagem de passados a um plano de virtualidades atualizáveis.

Em conjunto com uma apresentação preliminar dos casos de viagem aqui acompanhados, descrevi uma série de manifestações associados à filosofia *Slow*, dentre as quais se destacam o *Slow Food*, o *Citta Slow* e o *Slow Travel*. Entendo que tais movimentos simbolizam estratégias – ou ao menos tentativas – de contra resposta à generalização de um mal estar promovido pelos processos de intensificação e aceleração anteriormente descritos.

Contudo, ao invés de pregarem o retorno a uma temporalidade pré-industrial, tais manifestações intendem propagar uma espécie de democratização de possibilidades de experimentação do tempo, mediante a reinserção da espera enquanto alternativa viável e do incremento de condições de indeterminação. Não se resumem, portanto, a iniciativas em prol de uma lentidão absoluta, mas podem ser descritas como ações e iniciativas investidas na busca pela construção de relações mais equilibradas entre indivíduo e tempo, através de dinâmicas e respostas menos imediatistas e antecipadas. Ainda que tal prerrogativa não tenha se comprovado em instância empírica em ambos os casos pesquisados, sustento que este movimento de demandas por possibilidades de hesitação delineado conforma um aspecto de grande relevância diante de um panorama de aceleração e antecipação, representando, portanto, um importante elemento na contextualização de um fenômeno de compressão da hesitação.

Ora, juntamente com as dificuldades inerentes à proposição de uma problemática transdisciplinar e original, o desenvolvimento de estratégias e ferramentas metodológicas adequadas às necessidades e limitações desta investigação representou um dos grandes desafios desta caminhada. Isto porque, diante de objetos e de um campo complexificados por suas características de mobilidade e virtualidade, precisei refletir sobre a apropriação do método etnográfico em um estudo que não investiga o virtual, mas com o virtual.

Ademais, deparando-me com as peculiaridades do acompanhamento das publicações destes casais em seus sites e perfis em redes sociais, percebi que precisaria desenvolver uma estratégia de abordagem metodológica adaptada às exigências e limitações deste campo. Associei, então, à construção de um diário de campo o uso de uma ferramenta de *printagem* de telas como meio para auxiliar e até mesmo viabilizar o registro, a organização e a inventariação da enorme quantidade de publicações acompanhadas. Destaco que tal abordagem foi fundamental para dar conta da

velocidade e do volume de informações compartilhados por estes casais, tal como para a organização de uma bagagem de dados coletada ao longo de quase 4 anos de acompanhamento. A organização de tais *prints* de tela em pastas favoreceu, ainda, a identificação e estruturação das categorias temáticas sobre as quais fundamentei minhas análises destes casos.

Ora, mas se encontrei em meu percurso algumas barreiras desafiadoras a serem vencidas, entendo que a experiência desta jornada de conhecimento e sensibilidade trouxe consigo também uma série de frutos e contribuições. Em primeiro lugar, assinalo que este trabalho apresenta contribuições já em sua problemática e construção metodológica, uma vez que, em virtude de sua dimensão inovadora, abre espaço para articulações empírico-teóricas que fogem a limitações disciplinares, privilegiando, inclusive, elementos e aspectos frequentemente percebidos em perspectivas utilitaristas e mercadológicas como da ordem da “inutilidade”.

Portanto, ao propor o conceito de compressão de hesitação, entendo que contribuo não só com a apresentação de um produto teórico, mas, sobretudo, para reflexões acerca dos espaços – e tempos – destas instâncias subjugadas e reprimidas em nome da aceleração, do produtivismo e de intensidades inebriantes. Ainda nesta direção, ratifico a importância de investigações que se debruçam sobre os efeitos advindos – e adversos – deste fenômeno conformado como um entrecruzamento entre as ascensões da velocidade – enquanto condição normativa para experiências subjetivo-temporais, da felicidade – alçada ao posto de um imperativo imediatista, e da lógica da sensação – acionada como um caminho desesperado de auto afirmação.

Destaco também que a opção de “largar tudo e viajar o mundo” assumida pelos casais aqui pesquisados manifesta-se sob diferentes formatos e modalidades, indicando um movimento de crescimento vertiginoso. Logo, problematizações que busquem compreender tanto as interfaces estabelecidas entre tais escolhas e seus contexto, quanto os processos particulares de apropriação, significação e articulação envolvidos em cada uma destas estratégias particulares, têm muito a explorar e a oferecer. Contudo, tais investigações não devem estar limitadas somente aos estudos turísticos, mas devem contemplar, também, diversas outras disciplinas como, por exemplo, Sociologia, Antropologia, Filosofia e Comunicação. Isto porque, iniciativas de viagem como estas não simbolizam meras estratégias individuais isoladas, mas trazem em suas

manifestações reflexas e informações que abrem possibilidades múltiplas de conhecimento acerca de macro questões econômicas, sociais e culturais.

Além disso, entendo que esta pesquisa traz também importantes contribuições para a compreensão da heterogeneidade inerente à categoria de viajantes mochileiros. Tal como observado por Cohen (2009), tal modalidade de viagens ainda é explorada de maneira incipiente na literatura acadêmica, em investigações que frequentemente assumem-na como um conjunto homogêneo de práticas, dinâmicas e apropriações. Neste sentido, sustento que os resultados aqui obtidos corroboram a manifestação da diferença e da indeterminação mesmo em casos que, à primeira vista, pareçam bastante semelhantes em virtude dos perfis aproximados destes viajantes.

Situados em um cenário marcado pela radicalização de ideais individualistas, tais empreitadas de viagem assumem uma roupagem compartilhada onde a mobilidade insere-se como marca de uma potência distintiva. Diante, então, de uma associação estabelecida entre movimento e privilégio, tais indivíduos incorporam condições de mobilidade não somente pelo espaço, mas, sobretudo dentre escolhas, aproximando-se da categoria de turistas proposta por Bauman (1999).

Paralelamente, sob a influência de um onipresente imperativo da felicidade, tais empreitadas são apropriadas como instrumentos de auto desenvolvimento, conhecimento e aprimoramento, contribuindo para a sustentação de performances de autoestima, autenticidade e autonomia. Configuradas, portanto, como meios para a expansão e exaltação do eu (Birman, 2010), assemelham-se a uma aventura (Simmel, 1989), mediante a qual tanto a força quanto a sorte destes sujeitos é simultaneidade afirmada. Risco e intensidade combinam-se, então, em uma modalidade de experiência alternativa que, ao combinar risco e intensidade, destaca-se da vida ordinária sem com ela deixar de se relacionar.

Partindo da identificação de um anseio por sentir-se (mais) vivo” – presente tanto nos discursos de Rachel e Leonardo quanto nos de Mônica e Eduardo – procuro demonstrar como cada casal segue seu próprio caminho na apropriação, articulação e significação de suas jornadas. Neste sentido, prepondera na viagem do casal Spencer a presença de uma lógica da sensação como orientadora de suas ações e motivações. Observo que em tal funcionamento, a afirmação de condições de vitalidade e existência dá-se por meio do investimento em ações que garantam potencialidades tanto de

perceber, quanto de ser percebido. Isto porque, em um cenário praticamente dominado por uma extenuante torrente de estímulos, a incapacidade de sentir assumiria sentidos análogos a um estado mortuário, tal como um impotência em fazer-se percebido atestaria uma condição de anulação ou inexistência.

Ademais, inserindo-se neste panorama e entrelaçando-se a uma necessidade mandatária de emissão (como forma de veiculação de propagandas de si), uma compulsão à ocupação assinala uma experiência subjetivo-temporal fortemente condicionada aos interesses práticos. Isto porque, os direcionamentos e as opções em tal jornada estariam voltados para a alimentação de seus espaços virtuais com conteúdos capazes de – mediante a promoção de sensações e afecções – sustentar ou mesmo expandir suas potências enquanto vencedores em uma batalha por olhares. Tais conteúdos compartilhados expõem, ainda, a projeção de um estado sólido e impassível de felicidade, emudecendo angústias e conflitos e alçando, assim, o casal a uma posição de *expertise* e de um modelo admirável de vida.

Já no caso de Eduardo e Mônica a viagem assume uma significação e até mesmo uma operacionalização bastante distinta. Ao invés de evitarem angústias e questionamentos que coloquem opções, ideais e modelos à prova, tal casal confere em suas postagens um espaço significativo para uma simultânea “desromantização” de seus modos de vida e para a exposição de reflexões, conflitos e dúvidas pessoais. Além disso, dentre tais reflexões, inquietações acerca possibilidades de experimentação do tempo sob outras lógicas que não as da produtividade, da pressa e da velocidade também emergem como uma questão fundamental para o casal. Nesta direção, a apropriação de Mônica e Eduardo da fotografia confere ao dispositivo da câmera a função de uma “máquina de esperar”, através da qual memória, hesitação e indeterminação entalham-se na vida, deixando-lhe suas marcas.

Aproximando-me do fim de minha jornada de pesquisa, permito-me realizar mais um breve balanço desta experiência. Em primeiro lugar, registro aqui que a dificuldade na realização de todas – ou de mais – entrevistas através de mecanismos de comunicação simultânea (como o *Skype*), apesar de ter representado um fator complicador a ser contornado e compensado, não impossibilitou que as questões propostas para esta investigação fossem contempladas em uma aproximação entre campo e teoria. Contudo, reconheço também que a limitação inerente ao tempo disponível para a realização de uma pesquisa de doutorado não permitiu que minha

exploração da enorme quantidade de materiais coletados fosse ainda mais aprofundada e desenvolvida.

Além disso, esclareço que, a não confirmação no caso do projeto “Viajo, logo existo” da hipótese de que tais empreitadas de viagem estariam simbolizando estratégias ou tentativas de descompressão da hesitação não invalida sob qualquer maneira a problemática aqui construída e proposta. Isto porque, entendo que tanto a não comprovação empírica de caminhos intuitivos quanto a emergência de outras lógicas e respostas na elucidação das questões levantadas configuram desdobramentos inerentes ao próprio processo da pesquisa, não devendo ser encaradas como um insucesso.

Por fim, sustento que esta investigação e seus resultados deixam em aberto inúmeras oportunidades para o desenvolvimento de pesquisas derivadas. Em primeiro lugar, considerada a escassez de trabalhos que contemplem as dimensões subjetivas de viajantes de tipo mochileiros – enfocando-os para além da delimitação de seus perfis e comportamentos operacionais –, assinalo que pesquisadores que se interessem pela investigação de apropriações e significados singulares implicados em viagens como estas poderão dispor dos resultados aqui apresentados, seja para fins de comparação ou aprofundamento.

Além disso, a proposição do conceito de compressão da hesitação, ao condensar uma série de dinâmicas, funcionamentos e manifestações, abre caminho para estudos que se proponham a aprofundar e enriquecer nossos conhecimentos acerca das implicações sintomáticas deste fenômeno. Ademais, que outras modalidades de estratégia de contra resposta poderiam estar emergindo a partir deste processo de constrição intervalar? Que mecanismos poderiam estar freando ou alimentando tal fenômeno? Estas são apenas algumas das questões que indico como de grande relevância e proficuidade para desenvolvimentos futuros.

Por fim, confesso que eu mesma gostaria de dar continuidade à exploração da relação entre tempo, memória e percepção na filosofia de Henri Bergson, não deixando, pois, de contemplar possibilidades de aplicação empírica destes conceitos e perspectivas. Neste sentido, já flerto com a chance de desenvolver investigações futuras que se dediquem a pensar, a partir deste referencial teórico, a emergência e profusão

contemporânea de práticas de atenção plena e *mindfulness*¹²². Mas, esse é um destino para uma próxima jornada. E agora é hora da experiência do Todo Aberto.

¹²² “*Mindfulness* propõe uma nova de interação com qualquer coisa que aconteça na nossa vida de maneira mais consciente, aberta e gentil. Possibilitando estar sobre controle das nossas reações e escolhas, uma maneira de viver e encarar a vida permitindo enfrentar desafios e demandas do dia a dia no trabalho, casa e até mesmo lidar com dor crônica stress e depressão. A abordagem *mindfulness* é baseada na aceitação da nossa experiência e não na reação a experiência em si. Aceitando as condições naturais da vida criamos a habilidade de responder a essas condições de maneira mais criativa e funcional.” (INICIATIVA MINDFULNESS, 2018) Disponível em: <https://www.iniciativamindfulness.com.br/oque> Acesso em: 30/03/2018.

8. REFERÊNCIAS

ARINS, Henrique Budal.; VAN BELLEN, Hans Michael. Movimento Slow: uma análise sob a ótica dos enclaves do eco desenvolvimento. Florianópolis: XI Encontro Nacional e I Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente. UFSC, 2009.

BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. Belo Horizonte, Autêntica, 2010, 152 pp.

BAUER, Rafael Chequer; PANOSSO NETTO, Alexandre. Princípios do Slow Travel aplicados aos lazer turístico contemporâneo. In: *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, n.2, v.1. Agosto, 2004, p.23-38.

BAUER, Rafael Chequer. *Movimento Slow Travel no contexto cultural do turismo no Brasil: desafios e perspectivas*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-28032016-103430/pt-br.php> Acesso em: 29/05/2016.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

_____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERG, Maggie; SEEBER, Barbara K. *The Slow Professor: Challenging the Culture of Speed in the Academy*. Toronto: University of Toronto Press, 2016.

BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Duração e Simultaneidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BIRMAN, Joel. Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade. In: FREIRE FILHO, João. *Ser feliz hoje*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p.27-48.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (org.). Usos & abusos da história oral. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp.183-191.

_____. Capital simbólico e classes sociais. In: *Novos estudos* - CEBRAP [online]. 2013, n.96, p.105-115. ISSN 0101-3300.

BRITO, Caroline. *Subjetividade, transformação e felicidade em narrativas de viagens contemporâneas de blogs de turismo*. Anais do XXIX Congresso ALAS Chile. Santiago, 2013. Disponível em: http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT26/GT26_deBritoSantos.pdf Acesso em: 20/04/2015.

BRUM, Eliane. *A delicadeza dos dias*. Jornal El País, 05/01/2015. Seção Opinião. Acesso em: 10/05/2016. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/05/opinion/1420458928_791039.html

BRUNER, Edward M. *Culture on tour: ethnographies of travel*. Chicago; London: University of Chicago Press, 2005.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CITTASLOW. Disponível em: <http://www.cittaslow.org> Acesso em: 20/05/2016.

CLUBE DE NADISMO. Disponível em: <http://www.clubedenadismo.com.br> Acesso em: 14/05/2016.

COHEN, Scott. *The Search for 'Self' for Lifestyle Travellers*. Tese de Doutorado. Universidade de Otago. Programa de Pós-graduação em Filosofia. Dunedin, 2009.

COSTA, Mariana Lins. Ensaio sobre a autenticidade. *O que nos faz pensar*, [S.l.], v. 26, n. 40, p. 331-352, junho de 2017. ISSN 0104-6675. Disponível em: <<http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/562>>. Acesso em: 12/02/2018.

D'ANDREA, Anthony Albert Fischer. *O self perfeito e a nova era: individualismo e reflexividade em religiões pós-tradicionais*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *Collecting and Interpreting Qualitative Materials*. London: Sage, 2003.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. 1983 "O culto do eu no templo da razão", Boletim do Museu Nacional (Nova Série), 41 [Três Ensaio Sobre Pessoa e Modernidade], 1-69, Rio de Janeiro.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva/SESC, 1999.

EDUARDO E MÔNICA. Disponível em: <http://www.eduardo-monica.com/new-blog> Acesso em: 15/04/2016.

FAVEIRO, Ana Beatriz; RUDGE, Ana Maria. Trauma e desmentido. *In: Pyschologica*, n.50, 2009, p.169-180.

FERENCZI, Sándor. A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. *In SÁNDOR FERENCZI (1992), Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes.

FRAGOSO, Suley; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

FRANÇA, Vera. “A felicidade ao seu alcance”: que felicidade, e ao alcance de quem afinal?. *In: FREIRE FILHO, João. Ser feliz hoje*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p.213-226.

FREIRE FILHO, João. Introdução. *In: FREIRE FILHO, João. Ser feliz hoje*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p.13-26.

FREUD, Sigmund. (1920). Além do princípio do prazer. *In: FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.18, p.13-88.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Benjamin, Baudelaire e o moderno*. *In: Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 8.ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2011.

GONÇALVES, José Reginaldo. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 264-275, dez. 1988. ISSN 2178-1494. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2163/1302>>. Acesso em: 12/02/2018.

GONÇALVES, Marco. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. *In: GONÇALVES, Marco; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z. (orgs.). Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

GONDAR, Jô. *Quatro proposições sobre memória social*. *In: O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

GRABURN, Nelson H. Tourism: the sacred journey. In: SMITH, Valene. *Hosts and Guests: the anthropology of tourism*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2000.

_____. How can qualitative internet researchers define the boundaries of their Project? In: MARKHAM, Annette N.; BAYM, Nancy. *Internet inquiry: conversations about method*. Los Angeles: Sage, 2009, p.01-20.

HONORÉ, Carl. *Devagar: como um movimento mundial está desafiando o culto da velocidade*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JOHANSON, Izilda. Bergson e a busca metódica do tempo perdido. In: *Trans/form/ação*, n.27, v.2. São Paulo, 2004, p.21-29.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão*. São Paulo: Boitempo, 2009.

KOZINETS, Robert. *Netnography: Doing Ethnographic Research Online*. London: Sage, 2010.

LACAN, Jacques. O tempo e a asserção de certeza antecipada. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.197-213.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LISSOVSKY, Maurício. A máquina de esperar. In: GONDAR, Jô; BARRENCHEA, Miguel Angel de. *Memória e espaço: trilhas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

MACIEL, Auterives Jr. *O todo aberto*. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2017.

MACIEL, Josemar de Campos. Turismo de experiência e o sentido da vida. In: PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETTA, Cecília. *Turismo de experiência*. São Paulo: Editora Senac, 2010, p.57-78.

MASSEY, Doreen. O sentido global do lugar. In: ARANTES, Antonio A. (org). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edição 70, 2008.

MOCELLIM, Alan. *Simmel e Bauman: modernidade e individualização*. Em Tese: Revista Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC, v.4, n.1, agosto-dezembro de 2007, p.101-118.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, Bruno Costa de. *O futuro do pretérito: a experiência da memória como criação*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória Social. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Dissertações/Diss315.pdf> Acesso em: 29/07/2015.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

PIMENTEL, César Pessoa; MORAES, Pedro Menezes; BAYER, Mateus Tomaz, Côrrea, Luisa Motta. *Da sinceridade à autenticidade: uma investigação sobre o individualismo contemporâneo*. Clínica e Cultura, v.II, n.I, jan-jun 2013, p.70-81.

QUIVY, R. & CAMPENHOUDT, L. *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva, 5ª Ed, 2008.

RAPOSO, Kadiana. A aventura de Georg Simmel em Pierro dela Francesca. IV Encontro de História da Arte. IFCH/USP, 2008, P.952-961.

ROLNIK, Suely. *Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização, in Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Org. Daniel Lins. Campinas: Papirus, 1997.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLOM, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SIMMEL, Georg. *Philosophie de la modernité. L'aventure*. Éditions Payot, 1989.

_____. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana*, v. 11, n.2. Rio de Janeiro, outubro de 2005(a).

_____. "O dinheiro na cultura moderna". In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold. (Orgs.) *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora Unb, 2005(b), 2ª edição.

SLOW FOOD BRASIL. Disponível em: <http://www.slowfoodbrasil.com> Acesso em: 20/05/2016.

SLOW MOVEMENT. Disponível em: <http://www.slowmovement.com> Acesso em: 01/06/2016.

SLOW TRAVEL PORTUGAL. Disponível em: <http://www.slowmovementportugal.com/movimentos-slow/slow-tourism-travel/> Acesso em: 29/11/2015.

TAYLOR, C. *The ethics of authenticity*. Massachusetts: Harvard University Press, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1993

TRILLING, Lionel. *Sinceridade e autenticidade: a vida em sociedade e a afirmação do eu*. São Paulo: É realizações Editora, 2014.

TÜRCKE, Christoph. *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

VIAJO, LOGO EXISTO. Disponível em: <http://www.viajologoexistto.com.br> Acesso em: 15/04/2016.

WILDE, Oscar. *The picture of Dorian Gray*. Victoria: McPherson Library, Special Collections University of Victoria, 2011

ROTEIRO DE ENTREVISTA (EDUARDO E MÔNICA)

1. Como era a rotina de vocês antes da viagem?
2. Como vocês descreveriam a relação de vocês com o tempo nesta rotina (pré-viagem)?
3. E na viagem? Isso mudou? Como?
4. Essa rotina “pré-viagem” estava associada para vocês a algum sentimento de insatisfação, inadaptação ou limitação? Se sim, por que?
5. Como foi o processo de escolha dos locais a serem visitados e a determinação de quanto tempo passariam em cada um?
6. Vocês têm um prazo determinado para voltar?
7. Que fatores vocês destacariam como principais influências ou motivações para a tomada desta decisão de viajar o mundo?
8. Vocês traçaram objetivos para esta viagem em longo prazo? Se sim, quais poderiam citar como os principais?
9. Esperam que esta viagem seja responsável por alguma forma de transformação na vida de vocês? Se sim, de que forma?
10. Vocês consideram que a experiência da viagem tenha transformado a maneira como se relacionam com o dinheiro? Se sim, de que forma? E com o trabalho?
11. Nas páginas da viagem nas redes sociais e na web em geral, vocês se autodenominam “runaways”. Para vocês, o que é ser um *runaway*?
12. No post “Pare e se dê um tempo” publicado no blog da viagem, vocês relatam ter experimentado um sentimento de culpa ao ficarem sem fazer nada. Contudo, narram também que este teria sido um momento de transformação na relação de vocês com o tempo. Poderiam contar um pouco mais sobre como isso aconteceu?
13. Neste mesmo post, vocês associam a possibilidade ou mesmo capacidade de “dar-se um tempo” com um maior potencial criativo. Poderiam explicar como vêem essa relação e como isso se processou na experiência de vocês? Que tipos de ideias ou criações surgiram a partir desta “pausa” ou desta vivência diferenciada do tempo?
14. Ao longo da viagem, que aspectos despertam o interesse de vocês para ser registrado como memória desta experiência (da viagem)? Como vocês costumam fazer esses registros (através de fotos, diários de viagem, vídeos, posts nas redes sociais)?
15. Como é a relação de vocês com seus seguidores nas redes sociais da viagem?
16. Para vocês, qual a importância ou o significado de ter estas pessoas acompanhando o desenvolvimento da viagem?
17. Quais acontecimentos ou momentos vocês destacariam como mais marcantes na viagem até agora?

ROTEIRO DE ENTREVISTA (VIAJO, LOGO EXISTO)

1. Como vocês definiriam a rotina de vocês antes da viagem?
2. Como descreveriam a relação de vocês com o tempo nesta rotina (pré-viagem)?
3. E na viagem? Isso mudou? Como?
4. Essa rotina “pré-viagem” estava associada para vocês a algum sentimento de insatisfação, inadaptação ou limitação? Se sim, por que?
5. Como foi o processo de escolha dos locais a serem visitados e a determinação de quanto tempo passariam em cada um?
6. Para vocês, quais seriam os principais fatores que os teriam influenciado e/ou motivado nesta decisão de viajar o mundo?
7. Vocês traçaram objetivos para esta viagem em longo prazo? Se sim, quais poderiam citar como os principais?
8. Vocês tem expectativa de que esta viagem seja responsável por alguma forma de transformação na vida de vocês? Se sim, de que forma?
9. Vocês consideram que a experiência da viagem tenha transformado a maneira como se relacionam com o dinheiro? Se sim, de que forma?
10. Nas páginas da viagem nas redes sociais e na web em geral, vocês definem o projeto como “uma imersão cultural pelos cinco continentes”. Para vocês, o que seria uma imersão cultural?
11. Em depoimento no site do VLE, vocês narram que a ideia central da viagem seria “Largar tudo, cair na estrada e existir!”, e que daí sairia o nome dado ao projeto. Para vocês, o que consideram ter “largado” por conta do projeto?
12. Para vocês o que significa este sentimento de “existir” (ou de “não existir”)? De que forma a viagem estaria associada a esta “sensação” ou “ideia” de “passar a existir ou sentir”?
13. Como é a relação de vocês com seus seguidores/ leitores nas redes sociais da viagem?
14. Para vocês, qual a importância ou o significado de ter estas pessoas acompanhando o desenvolvimento da viagem?
15. Que momentos ou tipos de acontecimentos vocês destacariam como mais marcantes na viagem até agora?